

Daiane Cardoso da Silva

**CONHECIMENTO PROFISSIONAL DE TREINADORES
DE BOCHA PARALÍMPICA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof^o. Dr. Valmor Ramos

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Daiane Cardoso da
Conhecimento profissional de treinadores de
Bocha Paralímpica / Daiane Cardoso da Silva ;
orientador, Valmor Ramos, 2018.
162 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós
Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Bocha Paralímpica. 3.
Treinador esportivo. 4. Esporte Adaptado. I. Ramos,
Valmor. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.
Título.

Daiane Cardoso da Silva

**CONHECIMENTO PROFISSIONAL DE TREINADORES
DE BOCHA PARALÍMPICA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa Pós-Graduação em Educação Física.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2018.

Prof.^a Dr.^a Kelly Samara da Silva
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valmor Ramos (Orientador)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a. Márcia da Silva Campeão
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Prof. Dr. Michel Milistetd
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.^a Dr.^a. Bruna Barboza Seron
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Este trabalho é dedicado a todas as
pessoas que acreditaram na minha
capacidade para finaliza-lo.

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar mais um ciclo na minha vida, percebo que ao fim desses dois anos, a primeira palavra que me vem a mente é: GRATIDÃO. Sou grata a Deus, por ter me abençoado a participar de todo esse processo, de estar sempre segurando minha mão para que nos momentos de fraqueza eu não desanimasse, e por muitas vezes me enviar anjos em forma de pessoas, para que eu pudesse seguir em frente. Meu Deus, obrigada, obrigada, obrigada e que o senhor continue guiando os meus passos como sempre faz.

Aos meus pais, Arlete e Zenilto por sempre aceitarem minhas escolhas, por mais que muitas vezes desconhecassem o objetivo final, mesmo assim estavam sempre ao meu lado. Eu amo muito vocês.

Ao meu companheiro, melhor amigo, confidente e amor Gladson, por toda paciência. Por me aguentar nos momentos de ansiedade, preocupação e estresse, sem sua presença e compreensão, esse período com certeza seria ainda mais difícil. Eu te amo muito, muito.

Ao meu orientador professor Dr. Valmor Ramos, por ter me dado a oportunidade de estar dentro do mestrado. Por confiar que o meu trabalho poderia ser concluído. Por todas as orientações e conhecimentos repassados a mim. Muito obrigada.

Ao Vinicius, por ser meu coorientador, mesmo que não oficial. Por sempre acreditar em que eu poderia chegar além. Por todas as orientações, conversas, por escutar minhas angustias e choros. Só tenho a agradecer por todos os ensinamentos e a paciência para que o produto final chegasse.

Aos membros da banca examinadora, Prof^ª Dr^a Márcia da Silva Campeão, Prof. Dr. Michel Milistetd e a Prof^ª Dr^a Bruna Barboza Seron, por toda contribuição para a construção desse trabalho, e principalmente por aceitarem o convite para participar.

Aos membros do LAPE/UFSC por serem minha segunda família. Ao LAPEF/UDESC, por toda acolhida e auxílio nos momentos da dissertação. Obrigada aos dois laboratórios pela amizade e parceria, todos estarão sempre em meu coração.

À família da Bocha Paralímpica, por compreenderem meu afastamento nesse período.

Aos treinadores participantes da pesquisa, pela disponibilidade para compartilharem seus conhecimentos, agregando assim, informações que possam ser utilizadas no desenvolvimento da modalidade.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Centro de Desportos pela oportunidade de estar cursando em um programa de pós-

graduação referência no Brasil e por toda disponibilidade para que a minha pesquisa fosse realizada. À CAPES, pelo apoio financeiro no primeiro ano de mestrado.

E finalmente, a todos os meus amigos, familiares, Grupo São Francisco e a Tribo de Deus, por entenderem minha ausência e por me apoiarem em todos os momentos. Muito obrigada a todos.

RESUMO

A ampliação das evidências sobre os conhecimentos e a aprendizagem do treinador parece não refletir no contexto investigativo acerca do esporte paralímpico, pois não existem muitos estudos empíricos abordando a intervenção do treinador de esportes adaptados. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a percepção dos treinadores de Bocha Paralímpica acerca dos conhecimentos necessários para a intervenção profissional. Adotou-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, de caráter descritivo interpretativo, a partir de estudos de caso múltiplos, envolvendo quatro treinadores de Bocha Paralímpica do estado de Santa Catarina, que apresentam uma gama de conhecimentos exibidos durante sua trajetória profissional. Os dados foram obtidos com a gravação de áudio, por meio de uma entrevista semiestruturada. A interpretação desses dados foi realizada com a análise de conteúdo, utilizando de rigor científico, como forma de acrescentar maior garantia científica aos dados. Os resultados emergiram para uma gama de conhecimentos para sustentar a intervenção profissional dos treinadores de Bocha Paralímpica. Esses conhecimentos são voltados para a valorização dos conhecimentos específicos sobre a modalidade investigada, com ênfase principalmente, sobre os aspectos relacionados aos atletas. Com isso, o enaltecimento dos atletas, diferencia os treinadores de Bocha, dos treinadores de outras modalidades convencionais. Além do mais, destaca-se que esses conhecimentos exaltam a capacidade de comunicação e de ter proximidade com outros atores envolvidos no cenário esportivo da modalidade, devido ao comprometimento motor desses atletas, advindos da deficiência. De outro modo, ocorre uma maior valorização por parte dos treinadores para as situações de aprendizagens ocorridas, principalmente, no contexto informal, caracterizado preferencialmente, a partir das situações ocorridas no dia-a-dia do treino e competições, com o compartilhamento das informações com outros treinadores e profissionais envolvidos no ambiente da Bocha Paralímpica, bem como, a observação.

Palavras-Chave: Bocha Paralímpica. Treinador Esportivo. Esporte Adaptado.

ABSTRACT

The widening of the evidence on the coach's knowledge and learning does not seem to reflect in the investigative context about the paralympic sport, as there are not many empirical studies addressing the intervention of the adapted sports coach. In this sense, the objective of this study was to analyze the perception of the coaches of Paralympic Bocce about the knowledge needed for professional intervention. We adopted a qualitative research approach, with a descriptive interpretive character, based on multiple case studies involving four coaches of the Paralympic Bocce of Santa Catarina State, who present a range of knowledge displayed during their professional career. The data were obtained with audio recording, through a semistructured interview. The interpretation of these data was carried out with the analysis of content, using scientific rigor, as a way of adding greater scientific guarantee to the data. The results have emerged for a range of knowledge to support the professional intervention of Paralympic Bocce coaches. This knowledge is aimed at valuing the specific knowledge about the modality investigated, with emphasis mainly on the aspects related to the athletes. With this, the exaltation of the athletes, differentiates the coaches of Bocce, of the coaches of other conventional modalities. Moreover, it should be noted that this knowledge exalts the ability to communicate and to be close to other actors involved in the sports scenario of the sport, due to the motor impairment of these athletes, due to disability. Otherwise, there is a greater appreciation by the coaches for the situations of learning that occurred, mainly in the informal context, preferably characterized, from the situations that occur in the day-to-day of the training and competitions, with the sharing of the information with other coaches and professionals involved in the Paralympic Bocce environment, as well as observation.

Keywords: Boccia. Sports Coach. Adapted Sport.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Medidas oficiais do espaço de Bocha Paralímpica.....	44
Figura 2 - Competências centrais e conhecimentos sobre o treinador. 57	
Figura 3 - Mapa conceitual sobre os conhecimentos dos treinadores de Bocha Paralímpica.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação das Temáticas de Investigação nas Teses sobre esporte adaptado.....	35
Quadro 2 - Relação das Temáticas de Investigação nas Dissertações sobre esporte adaptado - “continua”.....	36
Quadro 3 - Relação das Temáticas de Investigação nas Dissertações sobre esporte adaptado - “conclusão”.....	37
Quadro 4 - Relação das modalidades nas Teses sobre esporte adaptado.....	38
Quadro 5 - Relação das modalidades nas Dissertações sobre esporte adaptado.....	39
Quadro 6 - As propostas conceituais sobre os conhecimentos do treinador - “continua”.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos Sujeitos.	72
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes.

AVC - Acidente Vascular Cerebral

BC1 - *Boccia Classification 1* (Classificação Bocha 1)

BC2 - *Boccia Classification 2* (Classificação Bocha 2)

BC3 - *Boccia Classification 3* (Classificação Bocha 3)

BC4 - *Boccia Classification 4* (Classificação Bocha 4)

BISFed - *Boccia International Sports Federation* (Federação Esportiva Internacional de Bocha)

C1 - Classe 1

C2 - Classe 2

C8 - Classe 8

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CP – *ISRA Cerebral Palsy – International Sports and Recreation Association* (Associação Internacional de Desporto e Recreação para Paralisado Cerebral)

ICCE - Conselho Internacional para o Desenvolvimento de Treinadores

IPC - *International Paralympic Committee* (Comitê Paralímpico Internacional)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	25
1.1 OBJETIVOS	29
1.1.1 Objetivo Geral	29
1.1.2 Objetivos Específicos	29
1.2 JUSTIFICATIVA	29
2 REVISÃO DE LITERATURA	31
2.1 APONTAMENTOS CONCEITUAIS SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	31
2.2 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O ESPORTE ADAPTADO.....	32
2.2.1 O contexto esportivo da Bocha Paralímpica	42
2.1 OS CONHECIMENTOS DO TREINADOR ESPORTIVO	49
2.2 As Fontes para a construção do Conhecimento do Treinador ..	58
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA.....	65
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	66
3.2.1 Caracterização dos Sujeitos	66
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	72
3.3.1 Entrevista Estruturada (Sondagem)	72
3.3.2 Entrevista Semiestruturada	73
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	73
3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	75
3.6 GARANTIA CIENTÍFICA DOS DADOS	76
3.6.1 Critérios relativos à confiabilidade (validade interna)	76
3.6.2 Critérios relativos à transferibilidade (validade externa)	78
3.6.3 Critérios de consistência (fidedignidade)	78
4 RESULTADOS	79
4.1 OS CONHECIMENTOS PARA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL DOS TREINADORES DE BOCHA PARALÍMPICA	79
4.1.1 Os papéis assumidos pelos treinadores de Bocha Paralímpica 80	
4.1.3 Os objetivos dos treinadores de Bocha Paralímpica	83
4.1.3.1 Objetivos estabelecidos para os atletas.....	83
4.1.3.2 Objetivos pessoais dos treinadores	87
4.1.4 Sobre os atletas	90
4.1.5 Equipamentos para prática da Bocha Paralímpica	95
4.1.6 Sobre a medicação dos atletas	100
4.1.7 Relações interpessoais	103
4.1.8 Conhecimentos teóricos (“ologias”)	107

5 DISCUSSÃO.....	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS.....	149
ANEXO A.....	149
ANEXO B.....	155
APÊNDICES	157
APÊNDICE A - Treinadores de Bocha atuantes em Santa Catarina.....	157
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	159

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O treinador esportivo constitui-se como o profissional responsável por promover experiências de aprendizagem voltadas à participação esportiva e ao desenvolvimento de atletas que buscam rendimento em diferentes níveis (ICCE, 2013). Para o treinador do paradesporto, além de abranger todas as características de um treinador de esportes convencionais, este ainda necessita de outros meios que o auxiliem a desenvolver a sua prática profissional. Neste contexto, dentre os conhecimentos e competências inerentes ao treinador paradesportivo, a capacidade comunicativa entre todas as pessoas envolvidas e, principalmente com os atletas, por exemplo, pode ser considerada como a principal característica dos treinadores do paradesporto, uma vez que, esses profissionais carecem saber das limitações de seus atletas, para assim tentar inovar na prática e criar um vínculo de confiança entre treinador e atleta (DUARTE; CULVER, 2014; MCMMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012).

A importância da atividade profissional do treinador esportivo se desenvolve em diversos campos de intervenção, como uma atuação multifacetada (JONES, 2007; MESQUITA et al., 2012). Em virtude disso, impulsionando nos últimos anos a necessidade de entender quais os conhecimentos que dão base a atividade profissional do treinador e como eles se preparam para desempenhar esse papel profissional, além de descobrir como eles aprendem a serem treinadores.

Diversos estudos (RAMOS et al., 2011; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007;), realizados a partir da abordagem qualitativa de pesquisas, utilizando uma combinação de métodos e técnicas de pesquisa, tem proporcionado a obtenção de dados sobre: o que os treinadores sabem, como eles ensinam (comportamento), e como adquiriram e adquirem os conhecimentos que possuem (CULVER; GILBERT; SPARKES, 2012; GILBERT; TRUDEL, 2004). Os resultados destes estudos apontam fatores que tem contribuído para o desenvolvimento de programas de formação, na prática dos próprios treinadores, e também identificando novas lacunas a serem investigadas (TRUDEL; GILBERT, 2006).

Particularmente os estudos de Abraham, Collins e Martindale (2006), Côté et al. (1995) e Lyle (2002) elucidam as ações e os conhecimentos do treinador esportivo, propondo estruturas conceituais para orientar a atuação do treinador. Nas pesquisas, foram utilizados

procedimentos metodológicos de modo que os treinadores reproduzam o “pensar em voz alta” (ABRAHAM; COLLINS, 1998), a partir de entrevistas que aliam as técnicas de “modelos mentais” e “mapas conceituais”, a fim de, entender de que maneira os treinadores constroem e utilizam seus conhecimentos.

De acordo com a literatura especializada, a atividade do treinador parece estar fundamentada na combinação de conhecimentos teóricos e práticos, sendo que o último, tem recebido maior atenção nas investigações sobre o conhecimento do treinador (ABRAHAM; COLLINS, 1998). Embora se reconheça a complexidade e a diversidade cultural na qual está inserida a intervenção do treinador, a literatura já disponibiliza uma estrutura conceitual dos conhecimentos voltados ao treinador, para executar as atividades diárias da sua função. Essa estrutura conceitual, estabelece uma combinação de conhecimentos a respeito da matéria, do contexto de atuação e dos procedimentos de intervenção, ou seja, conhecimentos que fazem do treinador um profissional com mais autonomia e com julgamento das situações, pois consegue aliar os conteúdos teóricos e práticos (GRAÇA, 1999). Contudo, recentemente Côté e Gilbert (2009) classificaram os conhecimentos como do tipo profissional, interpessoal e intrapessoal.

Por outra perspectiva, as experiências como atleta e treinador têm sido mencionadas pelos próprios profissionais como as principais fontes para a construção dos conhecimentos que estes necessitam para a sua atuação (BRASIL et al., 2015). Ao longo de sua trajetória, o treinador se engaja em diversas oportunidades de aprendizagem (WERTHNER; TRUDEL, 2006), sendo eles: o contexto formal (certificação em instituições de ensino); o contexto não-formal (participação em cursos, congressos e workshops); e o contexto informal (socialização com outros treinadores e experiências na prática diária) (CUSHION; NELSON, 2013).

Na perspectiva de Werthner e Trudel (2006), o treinador se envolve em três tipos de situações de aprendizagem: mediada quando um sujeito expert transfere seus conhecimentos para um aprendiz (treinador menos experiente); não-mediada, quando o aprendiz/treinador busca por conhecimentos de maneira individual; e interna, quando a aprendizagem surge de outros episódios, ou seja, manifesta-se a partir da reflexão do treinador (TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013).

Embora os treinadores reconheçam a importância da aprendizagem nos contextos formais e não-formais, com o predomínio de situações mediadas, os estudos têm enfatizado a valorização das oportunidades em contextos informais com situações não-mediadas

(CUSHION et al., 2010). Particularmente, a prática diária como treinador (reflexão) e o convívio com os pares, são indicados, como as principais fontes para a construção do conhecimento dos treinadores (CUSHION; NELSON, 2013; TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013). Especificamente, as experiências esportivas, para o papel do treinador podem possibilitar a criação de um repertório de “modos de ação”, úteis na prática profissional diária do treinador (BRASIL et al., 2015).

A ampliação das evidências sobre os conhecimentos e aprendizagem do treinador parece não refletir no contexto investigativo acerca do esporte paralímpico, pois não há muitos estudos empíricos abordando sobre o treinador de esportes adaptados (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; DEPAUW; GAVRON, 1991; 2005). Estudos realizados com treinadores de vela adaptada (DUARTE; CULVER, 2014) e natação adaptada (CREGAN; BLOOM; REID, 2007), mostram que os treinadores não contam com a experiência esportiva na modalidade adaptada, uma vez que não apresentam a deficiência de seus atletas, não havendo, supostamente, à transferência de conhecimentos técnicos sobre a modalidade para a sua prática profissional, enquanto treinador. Ademais, estes estudos destacam a ausência de oportunidades de aprendizagem em contextos formais e recursos materiais específicos para o paradesporto (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; MCMMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014).

No Brasil, os estudos no âmbito do paradesporto parece não reconhecer a atividade do treinador, estando voltados, predominantemente, para a maneira como ocorre à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade por meio do esporte (COSTA, 2013; LUZ, 2003; VARGAS, 2011), propostas de ensino para utilização das modalidades adaptadas (CALEGARI, 2010; OLIVEIRA, 2011), bem como, para o desempenho esportivo (ARROXELAS, 2015; BÔAS, 2013).

Com efeito, a Bocha Paralímpica é vista como uma modalidade semelhante a Bocha convencional, desenvolvida para pessoas com elevado grau de comprometimento motor e que apresentam elevados níveis de paralisia cerebral ou deficiências que manifestem perda progressiva da função motora (a poliomielite, as distrofias e a artrogrifose) (CAMPEÃO, 2002; 2011; HERBST; MASCARENHAS; SLONSKI, 2013). A Bocha Paralímpica é considerada uma modalidade que permite incluir as pessoas com esse tipo de deficiência, proporcionando uma melhora na qualidade de vida através da prática

paradesportiva (VIEIRA; CAMPEÃO, 2012). Em síntese, há poucos estudos voltados para o contexto da Bocha Paralímpica, resultando em uma lacuna de investigação. De mesmo modo, não se encontram materiais que auxiliem os treinadores da modalidade para sua intervenção, ocasionando dificuldades a esses profissionais, por conta dos diferentes níveis de comprometimento motor.

Ocasionalmente, reconhecendo a demanda para a intervenção do treinador no paradesporto, a preocupação que surge diz respeito a formação profissional para intervir nesta área. Por um lado, essa responsabilidade é assumida pelos cursos de formação inicial em Educação Física, os quais apresentam disciplinas que envolvem o esporte adaptado. Em contrapartida, o paradesporto também é tratado como tema transversal no currículo dos cursos, uma vez que, o assunto pode cruzar em diferentes disciplinas ligadas ao esporte.

O Comitê Paralímpico Brasileiro disponibiliza cursos voltados para a formação profissional dos treinadores paralímpicos, contudo, esses cursos pouco abrangem a modalidade de Bocha Paralímpica. Por outro lado, a Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE), (associação que organiza a Bocha, o Futebol de sete e a Petra no Brasil) anualmente realiza o Seminário de Capacitação Internacional e Curso de Capacitação Técnica, como meio de manter ativa a produção e veiculação do conhecimento científico, além de disponibilizar capacitações técnicas aos profissionais envolvidos no esporte paralímpico. Eventualmente, com a divulgação da modalidade de Bocha Paralímpica, a partir dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, outras pessoas com elevado grau de comprometimento motor, poderão encontrar na prática esportiva da Bocha, um meio para melhorar a autoconfiança e autoestima.

Considerando a agenda investigativa a respeito dos conhecimentos e da aprendizagem do treinador, bem como, o cenário atual de intervenção e formação do treinador Paralímpico no Brasil, inclusive no contexto da Bocha Paralímpica, surge o seguinte questionamento: Quais os conhecimentos necessários para a intervenção do treinador de Bocha Paralímpica?

Acredita-se que ao verificar os conhecimentos e como estes foram construídos ao longo da trajetória do treinador pode revelar dados importantes sobre a natureza de seus conhecimentos, suas crenças, os significados de sua atividade profissional, bem como, suas fontes de conhecimento (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004).

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a percepção dos treinadores de Bocha Paralímpica acerca dos conhecimentos necessários para a intervenção profissional.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Verificar a percepção dos treinadores sobre os conhecimentos necessários para a intervenção da Bocha Paralímpica;
- Identificar as fontes de conhecimento dos treinadores de Bocha Paralímpica.

1.2 JUSTIFICATIVA

A atuação do treinador como peça fundamental no sucesso das equipes, está tornando-se cada vez mais valorizada e reconhecida no meio esportivo (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; DEMERS; WOODBURN; SAVARD, 2006). De fato, a complexidade envolvida no contexto de atuação profissional do treinador, têm sido determinantes para refletir sobre o processo de aprendizagem do treinador, bem como, os meios pelos quais adquire e constrói os conhecimentos necessários à sua prática.

Particularmente no esporte paralímpico, mesmo com a popularidade alcançada nos últimos anos (LEGG; STEADWARD, 2011), ainda é um ambiente incipiente para discussões à respeito da formação de treinadores. Para tanto, estudar a formação profissional do treinador no contexto paralímpico, torna-se necessária em primeira instância, pelo importante papel do treinador, no desenvolvimento de atletas com deficiência.

Desse modo, o diagnóstico das aproximações e afastamentos no percurso de vida pessoal e profissional dos treinadores paradesportivos, através do esboço da sua trajetória pessoal e profissional pode trazer contribuições importantes não só para a formação inicial, mas também em ambientes de aprendizagens não-formais, contribuindo com a formação dos futuros treinadores, que ao verem a trajetória desses investigados terão uma percepção de meios a seguir, para adquirir os conhecimentos necessários para a intervenção, e assim se tornar um treinador paradesportivo.

Além do mais, há uma lacuna de estudos que estão sendo realizados na área do treinador paradesportivo, especialmente no cenário nacional. Alguns estudos realizados no contexto internacional têm mostrado que poucos treinadores apresentam conhecimentos sobre esportes para pessoas com deficiência (DUARTE; CULVER, 2014; MCMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012). Esses fatores podem estar relacionados a carência de situações de aprendizagem para os treinadores paradesportivos, reforçando a necessidade de estudos que verifiquem de que forma esses treinadores estão adquirindo os conhecimentos necessários para a sua prática profissional e de que maneira ocorre a sua aprendizagem. Similarmente, alguns estudos também apontam que as oportunidades para formação de treinadores paradesportivos são muito limitadas (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; TAWSE et al., 2012), e que são concebidos poucos materiais como livros e *workshops* para esse contexto (MCMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012; TAWSE et al., 2012).

A opção de investigar a temática, com o interesse da pesquisadora pela área de treinadores esportivos, deu-se inicialmente a partir do percurso de prática esportiva pessoal, já que na adolescência foi praticante das modalidades de futsal e futebol. Contudo, ao ingressar na formação inicial, e no Laboratório de Pedagogia do Esporte (LAPE) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi que seu interesse sobre o tema foi sendo aprofundado, uma vez que, os participantes do LAPE realizavam pesquisas voltadas para o treinador esportivo, aguçando a sua vontade de se envolver no tema.

Posteriormente, realizou seu trabalho de conclusão de curso sobre o conhecimento profissional voltado a formação de treinadores, acentuando ainda mais, sua vontade de continuar pesquisando sobre a temática, pois percebeu que havia necessidade de querer aprofundar-se sobre o tema em questão, para assim auxiliar, no desenvolvimento da sua profissão e dos demais envolvidos na área. Assim sendo, ainda na formação inicial com o auxílio da disciplina de Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados e juntamente com os pesquisadores membros do LAPE, conheceu o esporte adaptado, se tornando árbitra regional de Bocha Paralímpica. Assim, com o desenvolvimento da função de árbitra, veio a participar dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, na função de Oficial Técnico Nacional (NTO), na qual, notou-se a necessidade de investigar os conhecimentos necessários para os treinadores de esporte adaptados, especialmente na modalidade de Bocha Paralímpica.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesse capítulo será apresentado os tópicos referentes a revisão de literatura, relacionado ao objeto investigado. Inicialmente, no primeiro subcapítulo consta o apontamento conceitual sobre o início do esporte para pessoas com deficiência. Posteriormente, um panorama dos estudos, no formato de teses e dissertações, com foco no esporte adaptado e por fim, algumas delimitações conceituais sobre o contexto esportivo da Bocha Paralímpica. O segundo subcapítulo se remete aos conhecimentos do Treinador Esportivo, seguido de algumas evidências sobre as Fontes de Conhecimentos de Treinadores com base na literatura especializada atual.

2.1 APONTAMENTOS CONCEITUAIS SOBRE O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O esporte praticado por pessoas com diferentes tipos de deficiências tem suas limitações e exclusividades, distinguindo do esporte convencional, aquele praticado por pessoas sem deficiências. Para isso, utilizam-se diferentes nomenclaturas para caracterizar esse tipo de prática, como por exemplo, esporte adaptado, atividade adaptada, esporte Paralímpico, paradesporto ou somente esporte para pessoas com deficiência (REIS, 2014). Dessa maneira, o esporte Paralímpico é uma das maneiras que o esporte adaptado tem para se manifestar, podendo ser um componente facilitador para a inclusão social (GOODWIN et al., 2009), pois permite ao atleta fazer parte de um grupo com pessoas nas mesmas condições e ter suas ações admiradas por critérios esportivos e não apenas pela superação da deficiência.

O esporte Paralímpico surgiu da iniciativa do médico especialista em neurocirurgia o alemão, Ludwig Guttman que após fugir da Alemanha por perseguição aos judeus, instalou-se na Inglaterra no ano de 1939. Após se firmar na Inglaterra na Universidade de *Oxford*, inicia seus estudos com o sistema nervoso periférico. Em 1944 estreou seu trabalho na Unidade de Lesões Medulares de *Stoke Mandeville*, em *Aylesbury*, utilizando o esporte como processo de reabilitação dos pacientes (PARSONS; WINCKLER, 2012). Desse modo, Ludwig observou no esporte a possibilidade de melhorar a qualidade de vida e a condição psicológica de soldados oriundos da Segunda Guerra Mundial, criando assim, os primeiros Jogos de *Stoke Mandeville*. Com esse marco inicial no esporte Paralímpico, sucederam-se diversos pontos marcantes

no decorrer dos anos, podendo citar a entrada do Brasil na prática do Esporte Paralímpico (PARSONS; WINCKLER, 2012).

No Brasil, o Esporte Paralímpico deu seu início a partir do retorno de duas pessoas que foram aos Estados Unidos buscar terapias para reabilitação de lesões medulares. Nesse sentido, em 1º de abril de 1958, Robson Sampaio de Almeida ao retornar da terapia em conjunto com Aldo Miccolis, funda o clube do Otimismo. Já em São Paulo, em 28 de julho do mesmo ano, Sérgio Seraphin Del Grande cria o Clube dos Paraplégicos (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Dentro do quadro das modalidades para pessoas com deficiências, estas podem ser classificadas como adaptadas, quando partem de um esporte convencional, como por exemplo, o atletismo, a esgrima e a natação, que utilizam de regras pré-estabelecidas, já sendo praticadas por um número aceitável de pessoas, mas que são adaptadas para que pessoas com deficiências possam participar. Diferentemente do esporte para pessoas com deficiências que foi elaborado exclusivamente para essa população, como exemplo, o *Goalball*, modalidade específica para deficientes visuais (ARAUJO, 1997; REIS, 2014).

Diante disso, verifica-se que existe vários termos diferentes à serem utilizados, para caracterizar esse tipo de prática esportiva, envolvendo diversas possibilidades, como as modalidades individuais ou coletivas (PENA, 2013). Diante disso, o próximo subcapítulo se utilizou como termo para seleção dos estudos com base nas teses e dissertações a expressão “esporte adaptado”, pois acredita-se ser um termo mais amplo e que possa abranger mais estudos que se aproximem do tema a ser investigado.

Por outro lado, para o terceiro subcapítulo, que trata especificamente da Bocha, se utilizará o termo “Bocha Paralímpica”, devido este se tratar do termo que dá um maior desenvolvimento e visibilidade para o Esporte Paralímpico, uma vez que, está associado ao profissionalismo, que surge como um mecanismo de inclusão (GOODWIN et al., 2009). Além do mais, esse termo é um dos mais empregados nas competições nacionais e utilizada pela Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) que organiza a modalidade no Brasil.

2.2 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES SOBRE O ESPORTE ADAPTADO

O esporte adaptado é considerado por muitos como um meio de inclusão e de interação da pessoa com deficiência com o meio em que

vive, pois é capaz de se relacionar a três objetivos principais: lazer, ao caráter competitivo e terapêutico, uma vez que, a prática se correlaciona na melhora da autoimagem, autovalorização e motivação (PEDRINELLI; NABEIRO, 2012; RODRIGUES, 1999). Além do mais, o esporte para pessoas com deficiência inclui uma prática com diversos fatores que envolve a reabilitação, inclusão, preparação física, além dos benefícios na evolução das funções psicológicas e cognitivas (PENA, 2013). Diante dos muitos benefícios da prática esportiva na vida das pessoas com deficiência, o objetivo desse subcapítulo é analisar a produção científica referentes à teses e dissertações sobre o esporte adaptado.

Para a busca das teses e dissertações utilizou-se o repositório aberto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O levantamento ocorreu em duas etapas: na primeira, o objetivo foi a identificação, seleção e caracterização dos estudos sobre o esporte adaptado, a partir da utilização de procedimentos de revisão sistemática; na segunda etapa, de caráter qualitativo, o objetivo foi classificar os estudos em conformidade com os enfoques temáticos emergentes.

Na primeira etapa utilizou-se, como referência as proposições de Sampaio e Mancini (2007), para a definição das estratégias de realização da revisão, definindo-se como questão norteadora da busca: “Quais temáticas sobre o esporte adaptado estão sendo investigados em teses e dissertações”? O propósito foi obter um panorama a respeito das tendências temáticas, esportes investigados e lacunas de investigação sobre o Paradesporto, sobretudo, os estudos que possuem como objeto a Bocha Paralímpica.

Para a busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, foram utilizadas as combinações dos descritores: esporte AND adaptado; treinador AND adaptado; treinador AND deficiência; "Esporte Paralímpico"; "Esporte Paraolímpico"; "Esport* Adaptado"; esporte AND deficiência. Todas as buscas com cada termo foram realizadas de forma individual. Inicialmente, o repositório da CAPES não apresenta a opção avançada para selecionar o período e o modo como se almejassem exibir as palavras no texto, surgindo assim, vários estudos que não se encaixavam na pesquisa. Com isso, para selecionar os estudos, utilizou-se a combinação dos descritores informados anteriormente, na qual aparecessem estes em qualquer lugar do texto. Após a busca com os descritores foi possível filtrar o período das publicações, selecionando assim, os que ficaram entre janeiro de 2000 à dezembro de 2015.

Com a primeira busca no portal da CAPES, encontrou-se um total de 222 teses e dissertações. Foram selecionados os estudos cujo tema principal era o esporte adaptado, publicado no período de 2000 à 2015. Após estes procedimentos, chegou-se à 72 estudos (18 teses e 54 dissertações), sobre a temática de esportes adaptados.

Na segunda etapa, para a classificação dos estudos encontrados, utilizou-se uma adaptação da proposta de Faria Júnior (1992) e Gaya (1994), os quais sugerem uma classificação dos enfoques temáticos para os estudos na área da Educação Física, nomeadamente: Treinamento Esportivo, Sócio-Antropológica, Pedagógica, Biológica e Psicológica. Para a classificação das teses e dissertações utilizou-se as categorias temática de investigação e modalidade. Sendo apresentada inicialmente os resultados relacionados as temáticas de investigação e posteriormente, as modalidades em que estão ocorrendo os estudos.

Assim sendo, os estudos que contemplaram temáticas relacionadas com a metodologia do treino, fisiologia, biomecânica, aptidão física, abordagem de treino, classificação funcional e questões de arbitragem foram consideradas como Treinamento Esportivo. As teses e dissertações que abordaram temáticas de antropologia, sociologia ou história enquadram-se na categoria Sócio-Antropológica. Na categoria Pedagógica, incluíram os assuntos que abordavam teorias de ensino, modelos de ensino e caracterização da modalidade esportiva. As investigações pertinentes à medicina esportiva, lesões no esporte, nutrição esportiva, biometria, antropometria, entre outros, compreenderam a categoria Biológica.

Na categoria Psicológica, continham estudos que buscassem psicopedagogia, psicomotricidade e psicologia. Ao analisar o título, resumo, objetivo, método e resultados, nesta sequência, foram identificados termos ou unidades de significados que pudessem classificar os estudos de acordo com as categorias estabelecidas *a priori*. Além disso, para a classificação da modalidade, os estudos que envolveram mais que duas modalidades adaptadas, foram denominados como Multi-Esportes.

Com relação as teses, a maior parte dos estudos foram classificados na categoria Sócio-Antropológica (9), seguido da categoria Pedagógica (5). As teses classificadas nas categorias Psicológica (2), Biológica (1) e Treinamento Esportivo (1) corresponderam a uma parte menos expressiva das teses analisados.

Quadro 1 - Relação das Temáticas de Investigação nas Teses sobre esporte adaptado.

Categoria	Temáticas de Investigação
Treinamento	Número de profissionais participantes na Olimpíadas Especiais
Sócio-antropológica	Interdependências e Relações em Paralímpiadas
	Representações sociais
	Forma de interação social
	Corpo e deficiência (releitura ou reelaboração)
	Objeto: Implicações morais (vida e saúde); Objetivo: Legitimar políticas protetoras nas práticas da saúde pública.
	Como o paradesporto constitui a interação social
	Percepção de autonomia
	Descrição dos aspectos históricos sociais
	Relação entre: Esporte Adaptado e as pessoas com deficiência
Pedagógica	Orientação visual por GPS
	Caracterização da modalidade (indicadores pedagógicos)
	Adaptação da modalidade convencional
	Desafios para o ensino
	Proposta Tática de ensino
Biológica	Protocolo de dados de lesão esportiva
Psicológica	Motivação para a prática
	Avaliação psicofisiológicos do estresse

Fonte: Os autores (2018).

Nota: GPS - Sistema de posicionamento global.

Observa-se que as teses (Quadro 1) tendem a ter a maioria dos seus estudos voltados para a área Sócio-Antropológica (50% - 9). Deste modo, verifica-se que os estudos envolvem temáticas pertinentes as relações sociais das pessoas com deficiências com outras pessoas sem deficiência, a percepção de autonomia, releitura de corpo e deficiência e a relação do esporte adaptado com as pessoas com deficiência.

As publicações classificadas com a categoria Pedagógica (27,8% - 5), incidiram seus enfoques temáticos sobre caracterização da modalidade, desafios para o ensino, adaptação da modalidade convencional e proposta tática de ensino. Com relação a categoria Psicológica (11,1% - 2) as suas publicações calharam na avaliação

psicofisiológicos do estresse e na motivação para a prática. Referente as categorias Biológica (5,5% - 1) e Treinamento (5,5% - 1) seus estudos voltaram-se para um protocolo de dados sobre lesão esportiva e números de profissionais envolvidos nas Olimpíadas Especiais, respectivamente.

Com relação as dissertações, as categorias Treinamento Esportivo (18) e Sócio-Antropológica (17) obtiveram a mesma quantidade de estudos classificados, seguidos da categoria Pedagógica (12). As dissertações classificadas nas categorias Biológica (6) e Psicológica (1), refletem uma parte menos incidente das dissertações elegidas para este estudo.

Quadro 2 - Relação das Temáticas de Investigação nas Dissertações sobre esporte adaptado - “continua”.

Categoria	Temáticas de Investigação
Treinamento	Classificação Funcional
	Inclusão na melhora do rendimento
	Próteses de Performance
	Comportamento Motor
	Identificar e compreender as experiências esportivas
	Validação bateria de testes habilidades motoras
	Avaliação da técnica e incidência de lesões
	Análise função pulmonar e cinemática da mobilidade
	Proposta de classificação funcional
	Avaliação do desempenho anaeróbio
	Desenvolvimento de bracelete vibratório
	Habilidades motoras
	Desempenho Humano
	Análise cinemática
	Caracterização cinemática
	Análise cinemática
Características clínicas e cardiológicas	
Aspectos físicos, fisiológicos e de desempenho	
Sócio-Antropológica	Processo de inserção nos Jogos Abertos São Paulo
	Processo de inclusão

Quadro 3 - Relação das Temáticas de Investigação nas Dissertações sobre esporte adaptado - “conclusão”.

Sócio- Antropológica	Significados Culturais (etnografia)
	Resgatar e discutir a estruturação do esporte adaptado
	Compreensão do esporte adaptado
	Ações Corporais e interações sociais
	Identidade social e auto- conceito de dançarino
	Trajectoria Esportiva
	Documentar a história do CPB
	Qualidade de vida de atletas de elite
	Estratégias de inclusão (cartilhas)
	Políticas públicas
	Descrever o desenvolvimento e a estrutura do projeto
	Impacto da modalidade na qualidade de vida
	Avaliação da política no programa segundo tempo
	Viagens e turismo pelas dos atletas
	Identificar os programas físico-esportivos
Pedagógica	Proposta de Ensino
	Proposta Metodológica
	Proposta Ensino/Metodológica
	Estudar, avaliar e documentar os 1º Jogos Escolares Brasileiro
	Estruturação da modalidade
	Sistematização de um programa de intervenção
	Apresentação da modalidade
	Programa de ensino
	Processo de ensino
	Subsídios técnicos e táticos
Compreensão da atividade de um grupo de dança	
Biológica	Processo de Adaptação de Próteses
	Percepção de qualidade de vida
	Frequências das lesões
	Avaliação antropométrica
	Acompanhamento nutricional
Psicológica	Controle da estimulação elétrica
	Condições de prática (Percepção dos atletas)

Fonte: Os autores (2018).

Com relação as dissertações (Quadro 2), os estudos caracterizados como Treinamento Esportivo (33,3% - 18) propuseram uma tendência nas pesquisas de treinamento, voltados a classificação funcional, melhora no rendimento e a utilização de próteses para o mesmo, aspectos físicos e fisiológicos, comportamento motor, incidência de lesões, a tecnologia como facilitadora da arbitragem, análise cinemática e características cardíacas. Referentes a categoria Sócio-Antropológica (31,5% - 17), foi possível verificar o direcionamento das pesquisas com relação aos aspectos de inclusão nos esportes adaptados, discussão da estruturação dos esportes, trajetória esportiva, ações corporais, políticas públicas, descrição e desenvolvimento de projetos.

As publicações classificadas na categoria Pedagógica (22,2% - 12), os enfoques temáticos indicam estudos nas áreas de propostas e modelos de ensino, estruturação, sistematização de modalidades e formação do professor de dança. Referente a categoria Biológica (11,1% - 6), as temáticas envolveram assuntos relacionados ao processo de adaptação de próteses, frequência de lesões, avaliação antropométrica e acompanhamento nutricional. Dentre as pesquisas classificadas como Psicológica (1,8% - 1), a temática abordada foi em relação as condições de prática, a partir da percepção dos atletas de vários esportes.

Quadro 4- Relação das modalidades nas Teses sobre esporte adaptado.

Categoria	Modalidade
Treinamento	Multi- Esportes
Sócio- Antropológica	Multi-Esportes (6)
	Natação
	Bocha e Rúbgi
	Natação
Pedagógica	Caminhada
	Esgrima em Cadeira de Rodas
	Handebol em Cadeira de Rodas
	KungFu
	Futsal para Deficientes Intelectuais (DI)
Biológica	Multi-Esportes
Psicológica	Multi-Esportes
	Basquete Adaptado e convencional

Fonte: Os autores (2018).

Quadro 5 - Relação das modalidades nas Dissertações sobre esporte adaptado.

Categoria	Modalidade
Treinamento	Basquete (3) - Em Cadeira de Roda e para Deficientes Auditivos
	Natação
	Multi-Esportes (3)
	<i>GoalBall</i> (2)
	Handebol CR (3)
	Rúgbi CR (2)
	Para-Halterofilismo
	Vôlei sentado
	Bocha
	Futebol para amputado
Sócio-Antropológica	Natação para pessoas com deficiência visual (2)
	Bocha/Polybat
	Multi-Esportes (8)
	Canoagem
	Dança (CR)
	Sem modalidade específica
	Esporte Paralímpico
	Atletismo
Basquete e natação	
Pedagógica	Bocha
	<i>Canyoning</i>
	<i>Polybat</i>
	Multi-Esportes
	Rúgbi em Cadeiras de Rodas
	Handebol em Cadeiras de Rodas (2)
	Para-Taekwondo
	Tênis em Cadeiras de Rodas
	Judô
Dança (2)	
Biológica	Multi-Esportes (4)
	Basquete em Cadeiras de Rodas
	Para-ciclismo
Psicológica	Multi-Esportes

Fonte: Os autores (2018).

A respeito das modalidades, as teses e dissertações tem conduzido suas investigações, a estudar mais que três modalidades adaptadas, classificadas neste caso em multi-esportes. Sendo assim, os estudos, têm buscado entender os participantes de várias modalidades adaptadas em suas investigações. Além disso, os estudos têm destacados temas como a relação e a interação social, lesões, uso de próteses, experiência esportiva e aspectos históricos.

As modalidades coletivas também são alvo das investigações, tendo como base, estudos que propõem modelos, métodos e propostas de ensino das modalidades, análise cinemática e de desempenho, classificação funcional e testes motores. Isso pode ser explicado pela facilidade em se utilizar uma equipe por conta da quantidade dos participantes para as pesquisas, pois ao invés de um pesquisador buscar vários atletas de modalidades individuais, uma equipe facilitará o desenvolvimento do estudo. Por outro lado, a Bocha, que pode ser praticada em grupos ou individualmente, apresentou apenas quatro estudos, uma vez que são atletas com maior comprometimento motor, ocasionando assim, a dificuldade de ir ao campo de pesquisa pelos participantes, uma vez que, muitos deles são atletas dependentes de auxílio.

A partir dos resultados apresentados por esta revisão, destaca-se o predomínio de estudos classificados nas categorias Sócio-Antropológica nas teses e de treinamento esportivo nas dissertações. Por outro lado, destaca-se uma menor importância ao desenvolvimento de pesquisas que envolvem a psicologia, questões biológicas e de pedagogia do esporte, na qual essa última, está vinculada a função do treinador esportivo. Além disso, observa-se que a produção científica das teses e dissertações, indicam um direcionamento das publicações com ênfase nos assuntos relacionados a prática esportiva como meio de inclusão.

Ainda, destaca-se também a ausência de pesquisas voltadas ao treinador esportivo, visto que a pesquisa que mais se aproximou da temática desta dissertação foi a que buscou observar a relação dos atores sociais (coordenador, monitores e alunos) em um grupo de dança contemporânea para pessoas com deficiência (TERRA, 2013).

O treinador é um personagem imprescindível para a prática de qualquer modalidade, sendo adaptada ou convencional, pois ele detém de meios para o ensino e treino. Além do mais, muitas vezes o treinador de esportes adaptados é quem auxilia os atletas com deficiência na substituição ou até mesmo na produção dos dispositivos, podendo estes consistir nas próteses, cadeiras ou equipamentos de segurança, já que muitos apresentam a capacidade funcional prejudicada. No caso da

Bocha, quando em competição, os treinadores muitas vezes são responsáveis pela alimentação, medicação e higiene, ou seja, as necessidades básicas dos atletas.

Assim, acredita-se que ao preencher a lacuna com estudos relacionados a pedagogia e envolvido a isso, o treinador paradesportivo, isso possa indicar uma ferramenta para o desenvolvimento do esporte paralímpico, uma vez que não requer o conhecimento somente sobre o treinamento, função essa que combina com o treinador de esportes convencionais, mas também sobre diversos contextos relacionado especificamente as pessoas com deficiência.

Deste modo, os estudos analisados indicam uma exploração ampla dos temas que envolvem predominantemente a inclusão ou a interação social das pessoas com deficiências. A quantidade e regularidade das teses e dissertações envolvendo a Bocha Paralímpica e o treinador paradesportivo ainda não é muito explorado, se apresentando como possível tema para investigação na Educação Física, devido ao crescimento do paradesporto brasileiro no cenário internacional.

Nesta perspectiva, têm-se a tese na qual envolveu o esporte paraolímpico como instrumento para a moralidade das práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência, utilizando as modalidades Paralímpicas de Bocha e Rúgbi em cadeira de rodas. Neste caso, o objetivo principal, foi analisar a pertinência e o alcance da bioética da proteção para autenticar políticas de práticas para a saúde envolvendo pessoas com deficiência. A metodologia utilizada consistiu na utilização do método dialético, a partir de uma revisão bibliográfica e da recolha de depoimentos de atletas praticantes de Bocha e Rúgbi em cadeira de rodas (CAMPEÃO, 2011).

Em sequência, a dissertação envolvendo a Bocha Paralímpica apresentou como tema principal, o desenvolvimento de uma proposta de ensino da Bocha para pessoas com paralisia cerebral, na qual o objetivo geral era difundir a modalidade e torna-la pública através da disseminação de todo o processo de aprendizagem, para assim, desmascarar a ideia de que pessoas com doenças crônicas não apresentam a possibilidade de ter uma melhor qualidade de vida. No procedimento metodológico foi utilizado um diário de campo com enfoques pedagógicos, para assim, apresentar uma proposta para o ensino da Bocha (CAMPEÃO, 2002).

Inclui-se nesse contexto também, a dissertação que envolveu em sua investigação o Polybat, juntamente com a Bocha Paralímpica, na qual surgiu como objetivo geral, verificar como o esporte possibilita a inclusão de pessoas com paralisia cerebral severa. Neste caso, incluiu

em seus procedimentos metodológicos a observação de filmagens (VHS), entrevista semi-estruturada e análise de documentos, juntamente com uma revisão bibliográfica (JERÔNIMO, 2006).

Acrescenta-se também a dissertação que visou a análise cinemática do arremesso da Bocha Paralímpica e sua relação com a realidade virtual, tendo como objetivo geral descrever e correlacionar, a partir da análise cinemática, as características dos membros superiores no arremesso da bola de Bocha Paralímpica no arremesso da bola de boliche no jogo *Kinect Sports* do videogame *Xbox*. Nos procedimentos metodológicos, utilizou-se o jogo de boliche do *Kinect Sports* do videogame *Xbox* para assim, analisar os arremessos do lançamento do jogo e responder ao objetivo proposto (ARROXELLAS, 2015).

Diante disso, observa-se que a quantidade de estudos envolvendo a Bocha Paralímpica são poucos, uma vez que nos últimos Jogos Paralímpicos está apresentando resultados significativos, proporcionado assim, um campo para o desenvolvimento de possíveis pesquisa científicas. Ademais, a partir do exposto, se verifica que este panorama das teses e dissertações no Brasil a respeito do esporte adaptado, apresenta lacunas na produção científica, permitindo com que a presente dissertação venha ajudar a atender as demandas na busca pelos conhecimentos necessários para a intervenção do treinador de Bocha Paralímpica.

2.2.1 O contexto esportivo da Bocha Paralímpica

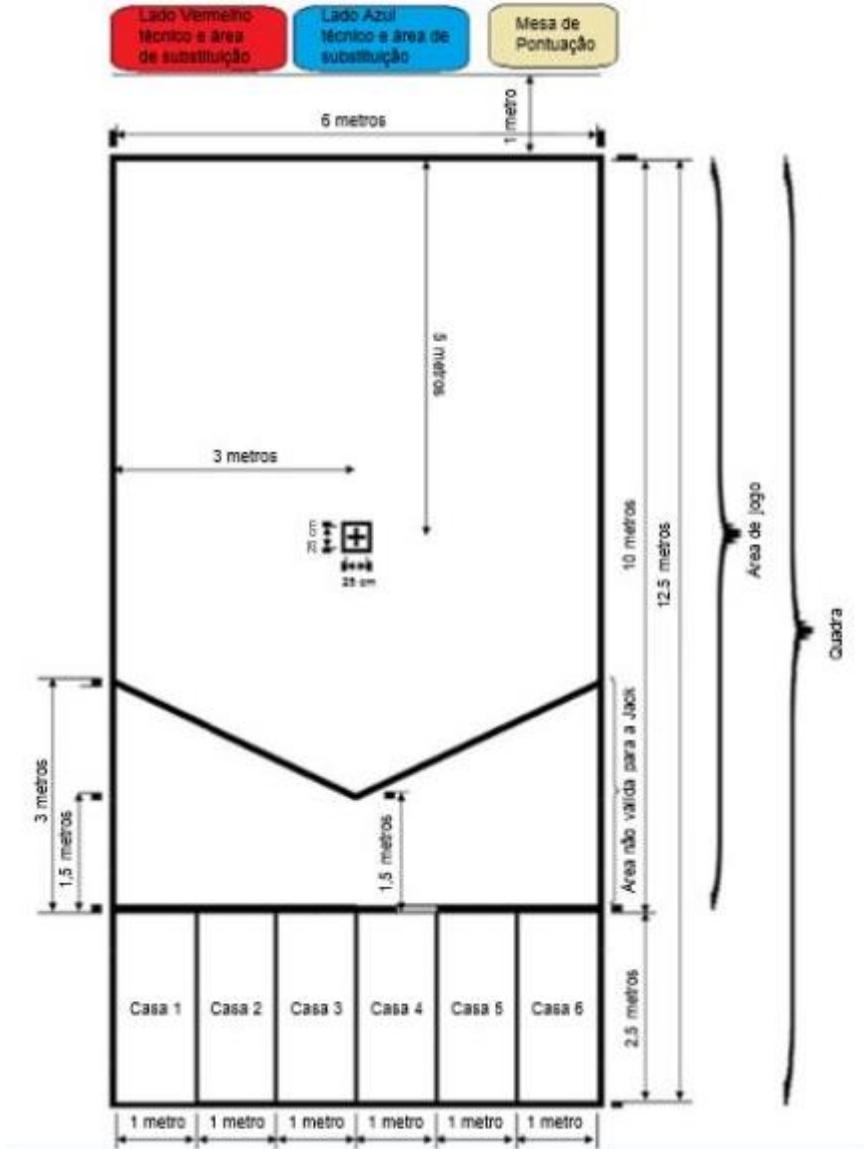
Entre as modalidades paralímpicas, a Bocha é uma das modalidades mais desafiadoras, que surgiu para atender inicialmente as pessoas com elevados graus de paralisia cerebral (afetado pelos quatro membros e que utilizam a cadeira de rodas para jogar). Com o desenvolvimento da modalidade, praticantes com outras deficiências puderam ser incluídas, como o AVC (acidente vascular cerebral), lesão medular ou deficiências que provoquem danos não cerebrais, mas que ocasionem perda progressiva na função motora, como a poliomielite, as distrofias e a artrogripose. (CAMPEÃO, 2002; 2011; HERBST; MASCARENHAS; SLONSKI, 2013).

No cenário paradesportivo, a Bocha apresentou um crescimento significativo no âmbito internacional, uma vez que, a modalidade é direcionada para pessoas com severo grau de disfunção motora, propiciando uma verdadeira condição de inclusão, por meio da prática esportiva (VIEIRA; CAMPEÃO, 2012). A Bocha Paralímpica é um jogo esportivo que pode ser praticado com caráter competitivo,

recreativo, de lazer ou como atividade educativa nos programas escolares (CAMPEÃO; OLIVEIRA, 2006). A finalidade do jogo de Bocha é a mesma do convencional, ou seja, posicionar o maior número de bolas coloridas o mais próximo da bola branca (CAMPEÃO; OLIVEIRA, 2006).

O jogo de Bocha pode abranger homens e mulheres competindo juntos, pessoas de diferentes idades, jogando individualmente, em duplas ou em equipes. A partida é realizada com seis bolas vermelhas, seis bolas azuis e uma bola branca (bola alvo ou *jack*), em uma quadra lisa, (diferentemente da Bocha convencional, jogada em campos/canchas geralmente de areia batida) especialmente marcada para o jogo, com dimensões de 12,5 metros de comprimento e 6,0 metros de largura, dividida por seis *boxs* (área determinada para os atletas) medindo 2,5 metros de comprimento por 1,0 metro de largura cada, conforme a figura abaixo:

Figura 1- Medidas oficiais do espaço de Bocha Paralímpica.



Fonte: Boccia International Sports Federation (BISFED) (2017).

No Brasil a entidade que organiza e desenvolve a Bocha é a ANDE, criada em 1975 pelo professor Aldo Miccolis. A Associação é responsável pelo desenvolvimento do esporte para pessoas com paralisia cerebral e *Les Autres* (outras deficiências físicas). A ANDE foi a primeira instituição exclusiva para pessoas com paralisia cerebral no Brasil a se constituir, mantendo-se filiada ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e em nível internacional com a *Cerebral Palsy – International Sports and Recreation Association* (CP - ISRA), a entidade máxima responsável por desenvolver o esporte e as atividades de recreação para pessoas com paralisia cerebral e *Les Autres* (CAMPEÃO, 2002). No entanto, somente em 1996 que a Bocha foi aderida a ANDE a partir do prosseguimento do Programa de Fomento Esportivo, por meio do professor de Educação Física Ivaldo Brandão Vieira, na época diretor técnico da ANDE.

Com efeito, somente após os Jogos Paralímpicos de Londres 2012, que surgiu a criação de uma Federação própria para a Bocha, a BISFed (*Boccia International Sport Federation*). A BISFed, regulamenta importantes diretrizes de jogo, como regras, classificação, competições, desenvolvimento da modalidade, árbitros e antidopagem.

A modalidade da Bocha Paralímpica, assim como as outras modalidades paralímpicas, surgem de uma classificação funcional geral, mas que cada modalidade apresenta uma classificação funcional esportiva específica, para assim obedecer ao critério de equidade e propiciar o nivelamento da função motora. Com isso, assegura-se que os atletas cumpram com os aspectos físicos designados para a modalidade, além de, avaliar o desempenho esportivo em decorrência da deficiência (BISFED, 2017). Neste caso, todos os atletas que almejem participar de alguma competição, carecem inicialmente de participar da classificação funcional. Essa classificação, acontece antes do início da competição, sendo realizada por um conjunto de diferentes profissionais, que inclui um Médico, um Fisioterapeuta e um profissional de Educação Física, desde que estejam capacitados e regularmente autorizados pela BISFed (BISFED, 2017).

Inicialmente, a classificação funcional dos esportes adaptados, voltados para paralisados cerebrais, era realizada pela CP-ISRA. A partir da criação da BISFed, a Federação se tornou responsável pela classificação funcional da modalidade. Contudo, para ocorrer uma padronização mundial para a classificação funcional, a CP-ISRA definiu (quando estava por sua responsabilidade a classificação) a letra C (*Class*) e distribuiu em oito classes de acordo com o comprometimento motor, sendo C1 indivíduos com um grau mais severo de

comprometimento e C8 indivíduos com um menor grau de comprometido. Com efeito, estabeleceu-se que para participar da modalidade de Bocha Paralímpica, os atletas devem ser considerados elegíveis entre as classes C1 e C2, resultantes da classificação funcional (BISFED, 2017; CAMPEÃO, 2002; JERÔNIMO et al., 2009).

Assim sendo, a classe C1, estão incluídos os atletas que apresentam quadriplegia (tetraplegia), considerados pessoas com uma limitação severa. Isso inclui, apresentar ou não atetose, controle de tronco estático, limitado ou inexistente para movimentos, pouca força funcional, atetose severa com ou sem espasticidade, além de não conseguir se movimentar sem o auxílio da cadeira motorizada ou sem o auxílio de alguém. Por outro lado, a classe C2, possui uma limitação que vai de moderada a severa, com uma maior funcionalidade no lado menos afetado, ocasionando assim, um grau menor de limitação, uma vez que nessa classe, o indivíduo consegue movimentar a sua cadeira sozinho, mas ainda apresenta pouca força funcional em todos os membros e no tronco (JERÔNIMO, 2006; VIEIRA; CAMPEÃO, 2012).

Para tanto, a BISFED (2017) cita, que a classificação funcional depende de três fatores: a) Os testes de avaliação ou teste de bancada; b) Avaliação técnica abrangendo uma série de testes específicos para o esporte e testes não relacionados ao esporte (estes podem estar incluídos testes para medição do equilíbrio, força e etc.); c) Avaliação-observação durante a competição. Nesses testes, segundo a BISFed (2017), os atletas são avaliados no teste *Australian Spasticity Assessment Scale* (ASAS), na qual avalia o grau de espasticidade dos membros superiores e inferiores. Além disso, é utilizado o teste contra resistência descrito no livro *Muscle Testing – Techniques of Manual Examination*, dos autores Daniels e Worthingham (2002) para verificar a força muscular de membros superiores, tronco e membros inferiores.

Por essa perspectiva, a BISFed (2017) apresenta a partir da divisão do perfil de jogo oferecido para a Bocha Paralímpica, cinco classes para participação, dependendo da classificação funcional em que o atleta foi enquadrado, sendo que cada classe abrange diferentes graus de comprometimento motor. Essa nomenclatura de classes nos esportes Paralímpicos, representa o grau de comprometimento da deficiência, partindo do menor grau de comprometimento até o maior grau comprometimento da deficiência do atleta. No entanto, na Bocha Paralímpica essa especificidade da nomenclatura não ocorre, devido ao período em que foi criado essa ordenação, sendo assim, a BISFed (2017) os classifica em:

▪BC1: Atletas com paralisia cerebral que afetam a disfunção motora do corpo inteiro, diagnosticados com quadriplegia espástica ou atetose, no entanto, é permitida a utilização de um auxiliar, com o intuito de entregar a bola e arredonda-la, além de movimentar a cadeira para onde o atleta queira. Nessa classe, podem conter atletas que apresentem atetose e que consigam andar. Para movimentação da vida diária, estes indivíduos podem ser dependentes de uma cadeira de rodas motorizada ou necessitar de uma assistência para se movimentar quando utilizam uma cadeira de rodas manual.

▪BC2: Atletas com paralisia cerebral que afeta o corpo inteiro, diagnosticados também com quadriplegia espástica ou atetose. Neste caso, não é permitido o subsídio de um auxiliar. Nessa classe, a principal diferença da anterior, é o controle de tronco, atletas da classe BC2, possuem um controle de tronco que os da classe BC1 não apresentam. Os indivíduos dessa classe nas atividades de mobilidade diárias, podem ser capazes de andar distâncias curtas e fazer pequenos deslocamentos com a cadeira de rodas manual.

▪BC3: Essa classe conta com os atletas com maior comprometimento motor. Estes podem apresentar paralisia cerebral ou alguma deficiência de origem não cerebral ou degenerativa que afetem os quatro membros. São atletas que não possuem capacidade de impulsionar de forma eficiente a bola, tanto com os membros superiores ou inferiores e por isso, necessitam de um auxiliar, juntamente com um dispositivo em forma de rampa para rolar a bola e caso não consigam mover a bola disposta na rampa com velocidade e direção necessária, podem utilizar dispositivos como antena ou ponteira, segurados pela mão, boca ou cabeça para auxilia-los a soltar a bola, mas não podem receber assistência externa para isso. As pessoas dessa classe nas atividades de vida diária, necessitam de auxílio permanente, pois sozinhos apresentam dificuldades extremas de realizar movimentos simples.

▪BC4: Atletas com grave disfunção motora ocasionada por doenças degenerativas ou não cerebrais, e por não ser uma deficiência de origem cerebral, como a paralisia cerebral, não apresentam espasticidade, ataxia ou atetose. Nessa classe não é permitido subsídio de um auxiliar, exceto quando o atleta lança as bolas com os pés. São indivíduos que possuem a capacidade de usar cadeira de rodas manual, no entanto, não conseguem realizar movimentos rápidos, mas que ainda assim, podem ocorrer utilização da cadeira de rodas motorizada e até mesmo, andar

com auxílio. Aparentemente são atletas que não possuem controle de tronco, devido a fraqueza muscular neste local. Realizando um panorama motor, estes indivíduos apresentam maior autonomia nas atividades diárias, havendo mais independência desses indivíduos.

▪BC5: Esta classe foi inserida após os Jogos Paralímpicos do Rio 2016. São atletas diagnosticados com condições de origem cerebral ou não cerebral, que afetam os quatro membros. Além disso, são atletas com menos comprometimento motor que os da classe BC2 e BC4. Os atletas incluídos nessa classe, são capazes de utilizar os músculos do tronco para girar ou utiliza-los na ação do arremesso, resultando na principal diferença com a classe BC4, pois demonstram um lance de arremesso mais ativo. Além disso, podem possuir a capacidade de suportar o peso do próprio corpo, na transferência de local ou podem também caminhar com assistência de alguém ou com o auxílio de um apoio.

Com efeito, anterior a Bocha Paralímpica praticada atualmente, houve um uma modalidade semelhante, chamada de *Lawn Bowls*, com a qual, era destinada a amputados, cadeirantes e deficientes visuais. Desse modo, conquistando a primeira medalha em jogos com os atletas Róbson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos “Curtinho”, sendo prata nos Jogos de Toronto, no Canadá, em 1976. Somente em 1984 a Bocha foi introduzida no programa paralímpico, nos jogos de Nova Iorque (EUA) e está constantemente evoluindo como modalidade Paralímpica (BRAZUNA; CASTRO, 2001; VIEIRA; CAMPEÃO, 2012). Nos últimos três Jogos Paralímpicos (Beeijing 2008, Londres 2012 e Rio 2016) o Brasil alcançou ótimos resultados na modalidade, segundo o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) (IPC, 2016) um total nove medalhas: 6 de ouro (2 em Pequim, 3 em Londres e 1 no Rio); 1 de prata no Rio 2016 e 2 de Bronze (1 em Pequim e 1 em Londres).

Neste caso, com tantas especificidades da modalidade de Bocha Paralímpica não se encontram estudos relacionados com o trabalho do treinador. Nessa circunstância, destaca-se que a interação do treinador com o atleta é imprescindível para conseguir adequar o processo de ensino e treino, uma vez que é necessário entender as funcionalidades de cada atleta, além de ter o domínio específico da modalidade, e deter de criatividade e motivação para criar e adaptar equipamentos para o jogo (informação verbal¹).

¹Relatado pelo professor e treinador Luís Marta de Portugal, no 5º Curso de Capacitação Técnica da ANDE, no Rio de Janeiro em 2013.

Por outro lado, alguns cursos específicos para treinadores de Bocha, já foram realizados no Brasil, com o apoio da ANDE e CBP, por meio da Academia Paralímpica. O primeiro curso foi realizado no ano de 2009, sob responsabilidade do treinador Darlan Ciesielski Jr.; no ano de 2011, foi por meio do treinador Luiz Ferreira de Portugal; em 2013, com o treinador português Luís Marta (especialista em BC3); em 2014, com a treinadora também de Portugal, Helena Bastos; e em 2015, mais uma vez com o treinador Darlan Ciesielski Jr, juntamente com o treinador Glênio Fernandes Leite, em São Paulo. Todos os cursos ocorreram no Seminário Internacional & Curso de Capacitação técnica, na qual é realizado anualmente, voltado para os profissionais (treinadores, árbitros, classificadores e assistentes) envolvidos na modalidade (informação verbal²).

Além disso, cabe ressaltar que a Academia Paralímpica, junto com o CPB, no ano de 2017 iniciaram uma proposta de formação de treinadores e professores para atuarem nas escolas, promovendo o I Seminário Paralímpico Escolar, com intuito de apresentar relatos de experiência de professores e profissionais que trabalham com atletas em idade escolar. No caráter internacional, a BISFed iniciou no ano de 2017 com término em 2020, o novo ciclo Paralímpico, na qual abrangerá cursos de formação para treinadores de categorias de base, mas que a princípio, não consta maiores informações sobre o assunto.

2.1 OS CONHECIMENTOS DO TREINADOR ESPORTIVO

Diante do cenário esportivo no mundo, os treinadores se constituem como peça importante na prática esportiva, pois é caracterizada como uma atuação multifacetada, na qual se expande para diversas áreas de intervenção (JONES, 2007; MESQUITA, 2013), apresentando variadas funções, como: técnico esportivo, educador, líder e gestor (CÔTÉ; GILBERT, 2009; JONES, 2006). Dentre as várias atividades do treinador esportivo, este também se constitui como um profissional preparado para desempenhar funções de ensino e treino, por meio da prática esportiva.

O treinador esportivo no contexto do ensino, exerce a função de desenvolver uma prática esportiva com o caráter mais recreativo, otimizando a participação de jovens e adultos no esporte (CÔTÉ; GILBERT, 2009; LYLE, 2010). Por outro lado, o treino caracteriza-se

²Informações obtidas por e-mail, com a professora Dr^a Márcia da Silva Campeão em 2017.

como um processo sistemático, dinâmico e abrangente, que resulta da interação entre o treinador, o atleta e o ambiente de prática (CÔTÉ et al., 1995; LYLE, 2002; 2010; NASH; COLLINS, 2006). Assim, evidencia-se que na atuação do treinador esportivo, este parece estar subordinado a uma combinação de elementos que compreendem os diferentes contextos de atuação e uma gama de conhecimentos sobre diversas temáticas (BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015).

Por outro lado, o treinador paradesportivo, necessita abranger, os conhecimentos relativos ao treinamento, como o treinador de atletas de modalidade convencionais, além de ter compreensão dos aspectos ligados a deficiência ou das adaptações biológicas essenciais para desenvolver um trabalho que venha a ter efeito positivo (DEPAUW; GAVRON, 2005; QUADE, 1999). Aliado a isso, os planos de treinamento dos atletas com deficiência, necessitam ser individualizados, pois cada deficiência apresenta um grau de comprometimento distinto e a partir disso, auxiliaria o treinador a atender as condições específicas de cada atleta para o treinamento (MOELLER, 1993).

Diante das diversas atividades que o treinador de esportes convencionais ou adaptados necessitam para sua intervenção, emergem preocupações com a qualidade e formação para a atuação profissional. Assim sendo, países como Portugal, Reino Unido e Canadá (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007) tem desenvolvido os seus próprios programas de certificação ou formação de treinadores, pois se encontraram preocupados com a formação destes, principalmente pelo papel social que exercem na formação de jovens e adultos.

Apesar dos cursos de certificação e de formação de treinadores existentes, verifica-se a necessidade de uma estrutura de base conceitual clara e que justifiquem a prática do treinador, de modo que os auxiliem na definição de princípios e conhecimentos para a intervenção (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006). Para isso, o propósito da profissionalização do treinador, é que exista um sistema situado e universal que abranjam conhecimentos específicos da profissão do treinador esportivo, para que este possa atender as expectativas da prática profissional (MESQUITA, 2010).

Para tal, modelos de conhecimentos profissional foram criados de maneira a indicar quais os processos que envolvem e caracterizam um treino esportivo. A literatura especializada tem buscado estabelecer características do conhecimento profissional, a partir de técnicas de metodologias qualitativas, na qual, possibilitam a definição de modelos

de atuação, por meio da estrutura conceitual e dos processos compreendidos no treino, com o objetivo de descobrir as ações específicas da intervenção do treinador (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; CÔTÉ et al., 1995; CUNHA, 2008; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006).

Deste modo, constantemente apresentam-se conceitos de conhecimento, que assumem diferentes significados, mas que frequentemente se está à procura de conceitos cada vez mais específicos (BORGES, 2009). Um tipo de conhecimento pode ser identificado como do tipo tácito, ou seja, o conhecimento que é adquirido ao longo da vida, pelas experiências profissionais ou não, mas que não pode ser formalizado nem ao menos transferido ou explicado para outra pessoa (SILVA, 2004).

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da profissão do treinador acredita-se que os conhecimentos estão entorno do conhecimento declarativo e do conhecimento processual, uma vez que são imprescindíveis no atuar do treinador, na qual se destaca um conjunto de conhecimentos, habilidades (de comunicação, de gestão, de avaliação, de incentivo, e de auto reflexão) e atitudes (ABRAHAM; COLLINS, 1998; BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015).

Com o passar do tempo, uma série de conhecimentos do treinador foram listados para designar quais deles são necessários para a sua formação. Inicialmente Shulman (1987), ao investigar o pensamento do professor, identificou uma lista de conhecimentos, na qual acreditava necessário para o professor poder ensinar, estabelecendo assim, sete categorias de conhecimento, contemplando o conhecimento do conteúdo, o conhecimento pedagógico geral (estratégias de gestão e organização), o conhecimento curricular (referente ao conhecimento do professor), o conhecimento pedagógico do conteúdo (combinação especial entre conteúdo e pedagogia, típico do professor), o conhecimento dos alunos e de suas características, o conhecimento dos contextos educacionais (ambiente de trabalho, região e características culturais da comunidade) e o conhecimento dos fins educacionais (valores sociais, propósitos e bases filosóficas e históricas).

De mesmo modo, Graça (1999) realizou uma interpretação dos conhecimentos listados por Shulman para o ensino da Educação Física. Na qual completou que existe uma combinação dos conhecimentos relacionados com a matéria, o contexto de atuação e os procedimentos para a intervenção, ou seja, são conhecimentos que precisam estar integrados desde a teoria com a prática, de modo que o treinador seja

capaz de desenvolver sua própria autonomia e uma avaliação da situação em que se está inserido.

Os autores Ramos, Graça e Nascimento (2008) se referem ao conhecimento do treinador como um modelo que compreende: o conhecimento da matéria, o conhecimento pedagógico geral, o conhecimento do contexto e o conhecimento pedagógico do conteúdo. A partir desses tópicos, Borges (2009) divide o conhecimento pedagógico do conteúdo em quatro componentes: o conhecimento dos propósitos do conteúdo, o conhecimento curricular do conteúdo, o conhecimento das estratégias para o ensino do conteúdo e o conhecimento das concepções e dificuldades dos alunos a respeito do conteúdo. Para Rosado (2000), este ainda lista de uma maneira geral uma série de conhecimentos específicos da atividade dos treinadores, como: conhecimentos científico-pedagógicos, conhecimentos pessoais, conhecimentos de gestão e administração e conhecimentos de produção e divulgação dos saberes profissionais.

Em vista disso, surgem propostas de modelos de atuação do treinador esportivo, com o qual têm procurado entender qual é o processo que envolve o treino esportivo, por quais elementos são compostos, além de buscar entender como os treinadores interagem na prática com seus atletas (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; CÔTÉ et al., 1995; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006; LYLE, 2002). Relativo as propostas de modelos de atuação do treinador surgem inicialmente dois modelos de atuação, o “*Coaching Model*” ou “Modelo do Treinador” e o “*Coaching Schematic*” ou “Esquema do Treinador”.

O “*Coaching Model*” é um modelo de atuação do treinador esportivo, desenvolvido por Côté et al. (1995) que tem como características basear-se nos conhecimentos para descrever a intervenção do treinador. O modelo foi organizado a partir de um estudo empírico com treinadores de ginástica esportiva, envolvendo nesse caso, ações fundamentadas em “modelos mentais”. O estudo propôs identificar os conhecimentos que os treinadores de ginástica apresentavam em suas mentes, a partir dos chamados “modelos de intervenção” ou “modelos mentais” que estes criavam, fornecendo assim, um modelo heurístico de base como maneira de descobrir como o conhecimento é processado, e possivelmente utilizados para possíveis resoluções de problemas na sua própria intervenção. Os “modelos mentais” tem como seu componente central as ações que envolvem o treinador no treino, os processos compreendidos nas competições e nos elementos da organização.

O termo “*Coaching Schematic*” se refere a proposta de Abraham, Collins e Martindale (2006), na qual baseia-se em um modelo que visa entender os conhecimentos que os treinadores requerem para a prática, isto é, um modelo que aponta para a intervenção do treinador. O modelo foi criado a partir da investigação com treinadores especialistas em atletismo, canoagem, *curling*, ciclismo, equitação, futebol, hóquei, judô, *netball*, rúgbi, tiro, natação e triátlon. O “*Coaching Schematic*” foi elaborado a partir dos questionamentos apontados nos chamados “Mapas Conceituais”, na qual buscou a validação de um esquema que visasse mapear os conhecimentos requeridos pelos treinadores na prática, incluindo o seu papel como treinador e os contextos de atuação.

Mais recentemente autores (CÔTÉ; GILBERT, 2009; GILBERT; CÔTÉ, 2013), propuseram uma relação de conhecimentos necessários para o treinador esportivo, o “*Coaches Knowledge*”, na qual citam o Conhecimento Profissional como aquele que compreende o conhecimento do conteúdo, ou seja, aquele específico da modalidade e os seus processos; o Conhecimento interpessoal: que abrange a comunicação, as relações com outros grupos e atletas; o Conhecimento intrapessoal: que inclui a habilidade de autoavaliação, de rever as experiências, rever a prática e saber adapta-la para cada momento. Esse conjunto de Conhecimentos é visto pelo Conselho Internacional para o Desenvolvimento de Treinadores (ICCE), como os conhecimentos necessários para o desenvolvimento profissional dos treinadores esportivos, sendo que, o ICCE propõe que os conhecimentos devem estar ligados a essas três grandes bases, para auxiliar os treinadores, a direcionar suas aprendizagens para a busca dos conhecimentos que julguem necessários.

Quadro 6 - As propostas conceituais sobre os conhecimentos do treinador - “continua”.

Mod./Au.	Descrição da proposta
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);"> Coaching Model Côté et al. (1995) </p>	<p>Componentes Centrais: (processo de treino) ações do treinador no <i>treino</i>, procedimentos em <i>competições</i> e na <i>organização</i> do processo como um todo.</p> <p>-<i>Componentes de treino:</i> o conhecimento para auxiliar os atletas no desenvolvimento de habilidades e competências (tipo de intervenção; a seleção e o ensino dos conteúdos do treino, as estratégias).</p> <p>-<i>Componentes de competição:</i> o conhecimento que para orientar os atletas a utilizarem seu potencial para atingirem o objetivo pretendido.</p> <p>-<i>Componentes de organização:</i> o conhecimento para estruturação e gestão de tarefas (antes, durante ou depois do treino e da competição) para alcançar a meta, (planejamento do treino, contato com os pais, o trabalho com assistentes técnicos).</p> <p>Componentes Periféricos: podem interferir tanto no sentido favorável a meta como o oposto, condicionando o modelo mental do treinador e o potencial do atleta.</p> <p>-<i>Características pessoais do treinador:</i> a filosofia do treinador, percepções, crenças, ou a vida pessoal que possa influenciar no processo de treino (treino, competição e organização).</p> <p>-<i>Características pessoais e nível de desenvolvimento do atleta:</i> estágio de aprendizagem do atleta; competências e habilidades pessoais; características pessoais que podem afetar o processo de treino.</p> <p>-<i>Fatores contextuais:</i> aspectos além dos atletas e do treinador (condições gerais de trabalho, particularidades sociais e culturais do contexto de treino).</p> <p>Fatores adicionais: juntamente aos demais componentes, definem a intervenção do treinador, são eles a <i>Meta de desenvolvimento para os atletas e o Modelo mental do treinador e potencial do atleta</i>.</p> <p>-<i>Meta de desenvolvimento para os atletas:</i> compreende na tarefa mais evidente no trabalho do treinador: desenvolver de atletas, que pode se referir a diferentes níveis de treino e prática, desde participantes do esporte até atletas olímpicos.</p> <p>-<i>Modelo mental do treinador de potencial do atleta:</i> representação mental do treinador do que necessita ser realizado (organização, treinamento competição) para alcançar</p>

	<p>a meta. Estimativa do potencial do atleta para isso (determinado por uma avaliação prévia dos componentes periféricos).</p>
<p><i>The coaching schematic</i> Abraham, Collins e Martindale (2006)</p>	<p>Conhecimentos necessários: conhecimentos requeridos aos treinadores para tomarem suas decisões.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ologias (psicologia do esporte, psicologia geral, sociologia, Biomecânica, Nutrição; fisiologia do Exercício e Controle Motor); -Conhecimento específico do esporte (técnico e tático); -Conhecimento de Pedagogia (comportamentos do treinador; aprendizagem cognitiva e motora; e pensamento crítico). <p>Concepções, conceitos e procedimentos do treinador: significados do “fazer” do treinador.</p> <ul style="list-style-type: none"> -Propósitos fundamentais da atividade do treinador (desenvolver habilidades mentais, incentivar a prática de exercício físico e um estilo de vida ativo, e habilidades gerais para a vida). -Concepções do treinador a respeito da modalidade que ensina (aspectos técnico-tático e de planejamento destes conteúdos); -Conhecimento sobre sequência e profundidade dos conteúdos e sua comunicação com os alunos/atletas. <p>Ambientes de desempenho: ambientes de desempenho dos treinadores, bem como, seus comportamentos nestes contextos.</p> <p>Metas a serem alcançadas: de acordo com o contexto de atuação (rendimento esportivo; saúde; recreação; participação; desenvolvimento pessoal).</p>
<p><i>Coaches' knowledge</i> Côté e Gilbert (2009)</p>	<p>Conhecimento profissional: compreende o conhecimento do conteúdo, ou seja, aquele específico da modalidade e os seus processos, na qual o treinador atua, como pôr exemplo, os conhecimentos técnico-táticos dos esportes, preparação física, metodologias de treinamento, entre outros.</p> <p>Conhecimento interpessoal: abrange a comunicação, as relações com outros grupos e atletas, nesse caso, é identificado como a gestão de pessoas, incluindo a liderança com seus atletas e trabalho em conjunto com a comissão técnica e outros envolvidos no cenário esportivo.</p> <p>Conhecimento intrapessoal: inclui a habilidade de autoavaliação, de rever as experiências, rever a prática e saber adapta-la para cada momento, relacionando assim, com a capacidade de autoformação dos treinadores e do desenvolvimento de sua filosofia de trabalho.</p>

Fonte: Adaptado de Brasil, Ramos e Nascimento (2015).

A partir da caracterização das três propostas dos modelos de conhecimentos dos treinadores (*Coaching Model*, *Coaching Schematic* e o *Coaches Knowledge*), observa-se que estes aparentam dar base para a formação e desenvolvimento de treinadores, pois vincula-se aos conhecimentos específicos da intervenção (BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015). Em vista disso, observa-se também que os modelos apresentados, elucidam uma direção objetiva, a partir da estrutura curricular, surgindo como base para a descrição dos conhecimentos para os treinadores (ABRAHAM; COLLINS, MARTINDALE, 2006).

No que diz respeito aos modelos apresentados, observa-se que a proposta de Côté et al. (1995), o "*Coaching Model*", vincula-se a exemplificar as concepções de treinadores especialistas, a partir da compreensão de importantes aspectos ligados ao treino, como os fatores contextuais, as características pessoais dos treinadores e as características pessoais dos atletas e nível de desenvolvimento destes, envolvendo assim, questões relacionados ao potencial dos atletas como o treino, além dos relacionados a competição e organização (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006). Aliado a isso, verifica-se que a elaboração destas concepções, favorecem o pensamento e a tomada de decisão do treinador, pois permite que os treinadores desenvolvam aspectos críticos através do entendimento do processo de treino (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003).

Na proposta de Abraham, Collins e Martindale (2006), o "*Coaching Schematic*", concentra-se nos fatores ligados aos conceitos que conferem base a prática dos treinadores, por meio da ilustração de episódios característicos do desenvolvimento do treino, como os conhecimentos específicos da modalidade, os processos envolvidos e o contexto de atuação. Com isso, identifica-se que os conceitos citados nesse modelo, auxiliam na formulação de diferentes contextos de intervenção do treinador, pois surgem princípios ligados aos conceitos gerais e específicos que caem como base no exercício do treinador (BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015).

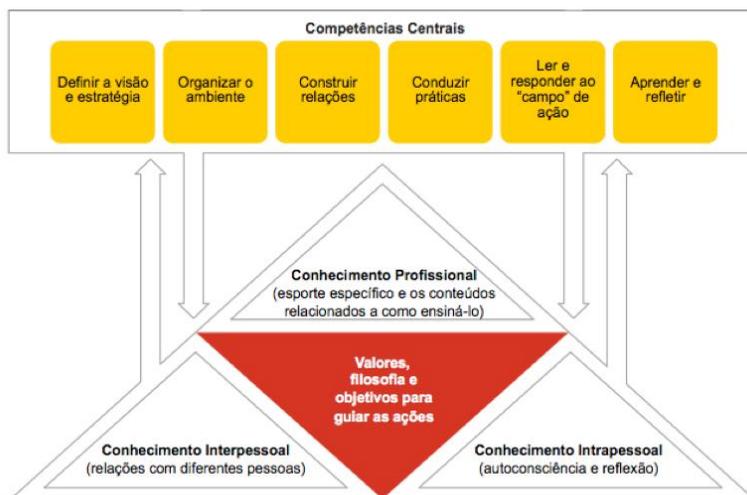
Utilizando a proposta de Côté e Gilbert (2009), o "*Coaches Knowledge*", observa-se que essa proposta se dedica a verificar as características do treinador, com base na sua atuação profissional, por meio da relação com os demais elementos envolvidos no processo de treino, tal como, a avaliação e reconstituição da sua própria prática profissional. Isso se dá, por meio da organização de "repositórios de arquivos", na qual, proporcionam aos treinadores de maneira consciente,

a reflexão e a tomada de decisão, auxiliando estes, na reestruturação do pensamento para o desenvolvimento profissional.

Um dos desafios das investigações, é para que se tenha uma compreensão conceitual sobre as características do treino, para assim, exemplificar de maneira mais concreta o processo de intervenção dos treinadores, para que estes consigam ajustar o conhecimento dentro do que estes exercem (BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015; CUSHION; ARMOUR; JONES, 2006). Em vista disso, a proposta de Abraham, Collins e Martindale (2006), apresenta uma melhor possibilidade de desenvolvimento profissional, pois, agregam conceitos que dão suporte a formação e qualificação continuada, relatando em seu modelo, episódios que retratam o processo de treino.

De modo a auxiliar os treinadores na busca por um desenvolvimento profissional, surgem as competências, como maneira de sustentar os conhecimentos adquiridos. Sendo assim, o ICCE (2013), caracteriza as competências a partir do desempenho das competências funcionais, na qual podem satisfazer as necessidades de uma situação específica, ou as competências relacionadas as tarefas, aquelas pertinentes a desempenhar atribuições específicas do comportamento das funções profissionais do treinador.

Figura 2 - Competências centrais e conhecimentos sobre o treinador.



Fonte: Milistetd et al. (2017) (Adaptado do *International Sport Coaching Framework v.1.2 – ICCE, 2013*).

Desse modo, é importante salientar que os treinadores podem ter uma base de conhecimentos vasta e que amparem suas ações e pensamentos para a busca do desenvolvimento esportivo mais qualificado. Em termos gerais, para que os treinadores possam aumentar em seus atletas o desempenho nos treinos e obter êxito na sua atuação profissional, estes precisam adquirir conhecimentos que sirvam de base conceitual para guiar sua intervenção e originar uma reflexão. Como exemplo, os conhecimentos gerais da equipe e específicos da modalidade, métodos pedagógicos, disciplina e organização, além disso, acrescenta-se os artifícios para conseguir trabalhar com a personalidade das diferentes pessoas que estão a sua volta e métodos que inovem a preparação esportiva dos atletas (LIMA, 2000). Sendo assim, apesar das investigações acerca do conhecimento do treinador originários da sua atuação estarem em crescente investigação, observa-se que, sua intervenção está condicionada a combinação de conhecimentos teóricos e práticos, adquiridos no enfrentamento dos problemas ocasionados no ambiente de treino e competição, mas que prontamente são resolvidos, por meio da transferência de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo (ABRAHAM; COLLINS, 1998; LIMA, 2000).

2.2 As Fontes para a construção do Conhecimento do Treinador

O conhecimento profissional pode ser adquirido através da experiência pessoal de prática esportiva, ocorrida ao longo da vida, movido por procedimentos que são armazenados e transformados por meio do método reflexivo, um processo de cunho complexo (MALLET et al., 2009; TRUDEL; GILBERT, 2006). Essa experiência é caracterizada como aprendizagem, que segundo Jarvis (2006), é um processo de mudanças corridas ao longo do tempo, em decorrência de várias experiências episódicas resultantes de diferentes caminhos na aquisição de novos conhecimentos. De outro modo, para Illeris (2013), a aprendizagem é dada em decorrência de múltiplos acontecimentos ocorridos nos organismos vivos, ocasionando uma mudança permanente.

Diante disso, a aprendizagem pode ocorrer em diferentes cenários, em virtude de um curso, instituição ou qualquer outro ambiente. Na perspectiva de Nelson, Cushion e Potrac (2006) a aprendizagem pode ocorrer em três contextos, do tipo formal, não-formal e informal. O contexto formal é caracterizado pela participação em cursos com certificação reconhecida, ocorrendo no período de médio à longo prazo, e oferecida por entidades governamentais e esportivas,

federativas e entre outras. No Brasil, para a atuação do treinador esportivo é obrigatória a certificação, sendo adquirida por meio do curso de graduação em Educação Física (MILISTETD, 2015). Os autores Gilbert e Trudel (2004), acrescentam que o contexto formal é uma pequena parte do complexo processo de desenvolvimento dos treinadores, salientando que somente a experiência nesse contexto, não supre a necessidade dos treinadores em progredir profissionalmente e enfatiza que quanto mais completas forem as experiências esportivas dos treinadores, mais qualificada será a sua formação e sua atuação.

O contexto de aprendizagem não-formal pode ser adquirido na participação em cursos de curta duração (minicursos) como os seminários, workshops e conferências, na qual os treinadores têm buscado para completar a sua formação, buscando aperfeiçoamento e sendo utilizado por treinadores para completar a deficiência de certos conhecimentos apresentados no sistema formal de aprendizagem (MALLETT et al., 2009). Além disso, esse contexto de aprendizagem não possui uma organização institucionalizada, sendo proporcionada por Confederações e Federações esportivas de acordo com a demanda de cada área.

Por outro lado, o contexto informal de aprendizagem, surge da participação em seminários e das experiências pessoais na prática do treino. Deste modo, cada indivíduo constrói suas crenças e conhecimentos a partir das experiências do cotidiano, ou seja, depende do engajamento pessoal do treinador com outros treinadores para a busca de uma melhor preparação profissional (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Os treinadores reconhecem o impacto da aprendizagem nos contextos formais e não formais, no entanto, os cursos oferecidos que favorecem a aquisição de conhecimentos estão sendo questionados para chamar a atenção dos treinadores, para uma melhor capacidade de utilização dos conhecimentos obtidos nesses cursos. No entanto, na visão dos treinadores, o contexto que têm maior impacto ou que apresenta um maior significado no processo de aprendizagem é o proporcionado pelo contexto informal (CUSHION et al., 2010).

Neste caso, destaca-se que é através do percurso profissional dos treinadores esportivos que a aprendizagem tem sido investigada para identificar como os “treinadores aprendem a serem treinadores” (BARROS, 2016; CUSHION; NELSON, 2013). Neste sentido, o treinador tem a possibilidade de transferir seus conhecimentos acumulados ao longo da vida para sua atuação profissional (MALLETT et al., 2009; TRUDEL; GILBERT, 2006). Diante disso, Jarvis (2006)

caracteriza a aprendizagem como a interpretação dos diferentes episódios que tem como finalidade a obtenção de novos conhecimentos, ocorridos ao longo da vida. Em vista disso, observa-se que pode ser através das oportunidades de aprendizagem, que possibilitam a capacidade de evolução como seres humanos e das aptidões mentais.

As investigações acerca do treinador, tem empregado a expressão “*coach learning*” para designar a linha de investigação sobre a aprendizagem profissional. Ao iniciar as investigações, a trajetória de vida tem se mostrado a principal aliada, para identificar como os treinadores adquiriram a aprendizagem, a partir da relação entre os episódios ou situações que marcaram a trajetória de vida desses treinadores, na qual a partir disso, origina-se importantes reflexões para o processo de aprender a ensinar e conseqüentemente, se tornar um treinador, repercutindo diretamente em sua formação profissional (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004).

Diante disso, no Brasil, como citado anteriormente, essa formação profissional é adquirida a partir dos cursos de graduação em Educação Física, especificamente no curso de Bacharelado, que propõe ao fim do curso, habilitação para iniciar a intervenção com a iniciação e/ou treinamento esportivo. Para isso, o regulamento da profissão de Educação Física, criado em 1998 (Lei 9696/98), indica que os treinadores necessitam passar pelos cursos de graduação ou comprovar o exercício da profissão de pelo menos três anos, antes da data da regulamentação da Lei (BRASIL, 2002). Assim, é reconhecida a graduação em Educação Física como uma oportunidade de desenvolvimento das competências profissionais, com o aprimoramento das experiências de prática (MILISTETD et al., 2015). Contudo, não é garantido que colocando o treinador no campo de intervenção, ele adquira todas as competências necessárias para a atuação profissional (ARMOUR, 2010; NELSON et al., 2012).

Por outra perspectiva, as investigações têm encontrado que as experiências esportivas têm sido importantes aliadas na busca pela aprendizagem dos treinadores, uma vez que estes, quando apresentam experiência de prática esportiva em alguma modalidade, conseguem transferir seus conhecimentos para a prática profissional, possibilitando a concepção de crenças ou de repertório de “modos de ação”. Com isso, é a partir das suas próprias percepções de aprendizagens que possibilitam ao treinador ter o conhecimento de como ensinar, por meio da conversa e/ou observações de outros treinadores, além da resolução

de problemas encontrados em sua atuação profissional (BRASIL et al., 2015).

Estudos com treinadores de Ginástica Artística (BARROS, 2016), Basquetebol (RAMOS et al., 2011), Surf (RAMOS et al., 2014), Futebol (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013) e Hóquei no gelo (WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007), apresentaram a importância da experiência de prática esportiva para a aquisição de conhecimentos para o ensino da modalidade. Além disso, Jarvis (2006) ressalta que a biografia de uma pessoa está constantemente sofrendo alterações, mas que depende das experiências obtidas e da interação dos treinadores em diferentes contextos.

Por outra perspectiva de aquisição de aprendizagem e a partir das constantes experiências, surge o *Mentoring*, entendido como um processo de interação entre dois indivíduos, sendo que um deles é o mais experiente, nesse caso, considerado o mentor (WEAVER; CHELLADURAI, 1999). O *Mentoring*, pode ser classificado como formal e informal, sendo que o *Mentoring* formal é aquele no qual é estabelecido intencionalmente, a partir de uma estrutura formal criada *a priori*. No caso do *Mentoring* informal, existe um vínculo entre os indivíduos (mentor e aprendiz), ocorrendo uma partilha de informações, experiências e habilidades, neste caso, destaca-se a experiência de auxiliar técnico e assistente, como principal exemplo, onde ocorre a mentoria, sendo que o sucesso da aprendizagem depende exclusivamente da interação entre o mentor e o aprendiz (CASSIDY; JONES; POTRAC, 2004; CUSHION, 2006; SOLER, 2003).

Desse modo, para ocorrer a aprendizagem, é necessário que o treinador desenvolva em si, o processo de reflexão, para assim, a partir das experiências adquiridas consigam alterar e adaptar suas ações para a intervenção profissional (TRUDEL; GILBERT, 2006). Diante disso, Schön (2000), aborda em suas proposições da epistemologia da prática três possíveis formas de práticas reflexivas: reflexão-na-ação, que decorre durante a ação do treinador; reflexão-sobre-a-ação, que advém no momento presente, mas não durante a intervenção do treinador; e a reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação, que é realizada após o momento da ação.

Com os treinadores de paradesporto não é diferente, a reflexão nesse tipo de modalidade também ocorre. Nessa perspectiva, Taylor et al. (2015) evidencia em seu estudo, que para os treinadores de paradesporto é reservado uma quantidade significativa de tempo, para pensar e refletir sobre suas ações, seja no treinamento ou no ambiente competitivo, com o auxílio de outras pessoas ou individualmente,

abordando assuntos como ajustes técnicos, criação de equipamentos e até aspectos fisiológicos ou psicológicos. Isso pode ocorrer pela falta de recursos disponibilizado ao treinador de paradesporto, na qual necessitam utilizar de sua criatividade para conseguir desenvolver sua prática profissional (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; DEPAUW; GAVRON, 2005; MCMASTER et al., 2012).

Com efeito, não se pode pensar em desenvolvimento profissional, sem vincular a trajetória de vida dos treinadores, sendo que é nesse percurso que surgem episódios, opções eventuais e decisões que podem dar um direcionamento no desenvolvimento profissional dos futuros treinadores (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004). Assim, Werthner e Trudel (2006) indicam três situações gerais de aprendizagem, sendo estas, as situações mediadas, não mediadas e internas, na qual, podem indicar o processo pela qual o treinador aprende.

Nas situações mediadas, um sujeito *expert* transfere seus conhecimentos diretamente para um aprendiz, que adquire os conhecimentos propagados. Esse tipo de situação de aprendizagem é determinado por outras pessoas (*expert* e professores), na qual definem o conteúdo a ser trabalhado e de que maneira pode ser desenvolvido. Esse tipo de situação, em sua maioria ocorre em contexto formal de aprendizagem, como os cursos de graduação (TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013). As situações de aprendizagem não mediadas, se caracterizam pelo nível de independência do treinador, para buscar o conteúdo de seu interesse, por exemplo, um curso, um *workshop* ou uma disciplina disponível no ambiente universitário, fazendo sentido se houver relação com seu ambiente de prática.

As situações internas de aprendizagem, correspondem ao processo de reorganização do conhecimento, ou seja, não está relacionado com aquisição de novas informações em sua estrutura cognitiva, resultantes de diferentes experiências. Essa situação ocorre a partir do processo reflexivo dos treinadores, surgindo, como resultado níveis mais profundos de aprendizagem, desse modo, alguns autores (CASSIDY; JONES; POTRAC, 2009; TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013) indicam que a função reflexiva dos treinadores tem papel crucial, pois a partir disso, pode-se repensar a prática, através da criação de momentos de reflexão, que possibilitam aos treinadores acrescentar no seu desenvolvimento profissional, a ampliação da capacidade cognitiva.

Com base na capacidade reflexiva, é que os treinadores conseguem, a partir de suas experiências, transformar seu conhecimento. Segundo Jarvis (2006; 2007; 2008), os indivíduos aprendem e se

transformam (corpo e mente) durante toda a sua vida, pois a interação do indivíduo com ele mesmo é que gera diversos episódios de aprendizagens. Por conta disso, o autor enuncia que existem três diferentes respostas para uma situação de aprendizagem: a não-aprendizagem, a aprendizagem não reflexiva e a aprendizagem reflexiva. A não-aprendizagem sugere ao indivíduo que nem toda circunstância ocorrerá a possibilidade de aprender, seja, por ele já conter esse tipo de conhecimento ou por falta de interesse. Na aprendizagem não-reflexiva, o indivíduo costuma aprender a partir da memorização, pois não atribui significado a tal informação, ocasionando uma aprendizagem com menor eficiência. Por outro lado, na aprendizagem reflexiva, o indivíduo aprende por meio da potencialização de uma experiência, é uma prática proposital na qual os indivíduos pensam e refletem sobre as experiências que sofreram e assim reúnem, analisam e aprendem a partir delas (JARVIS, 2006).

Na literatura especializada, alguns estudos estão sendo desenvolvidos, de modo a contribuir nas investigações acerca da aprendizagem do treinador paradesportivo. Por exemplo, McMaster, Culver e Wethner (2012), verificaram como os treinadores paradesportivos aprendem a serem treinadores. Nesse estudo, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com treinadores de esqui-aquático, natação, basquete em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas e tênis em cadeira de rodas. Os resultados apontaram que os treinadores aprendem melhor por meio da sua própria biografia, ou seja, cada treinador aprende de uma forma diferente do outro. Além disso, encontrou-se que isso depende do contexto em que aprenderam, e das oportunidades que cada esporte paradesportivo proporciona ao treinador de sua modalidade. Assim sendo, a principal lacuna encontrada, foi a falta de recursos e as poucas oportunidades de aprendizagem no contexto não formal para treinadores paradesportivos.

Na vela adaptada, Duarte e Culver (2014) analisaram uma treinadora, a partir da aprendizagem ocorrida ao longo da vida, na qual foram utilizadas duas entrevistas, sendo uma *online*, empregada inicialmente como parte do estudo piloto e uma segunda entrevista, realizada em caráter de profundidade, além da utilização *Rappaport Timeline*. Os resultados evidenciaram que a treinadora de vela adaptada foi exposta a múltiplos contextos de aprendizagem, na qual favoreceu em diversas maneiras na criação do conhecimento para trabalhar a modalidade. Além disso, as interações sociais com outros treinadores, mentores e atletas foram destaque para aquisição do conhecimento sobre o treinador paradesportivo. Desse modo, a pesquisa destaca que são

necessários desenvolver estudos que abordem a formação de treinadores paradesportivos e com a psicologia aplicada nesse contexto.

Outro estudo a ser destacado, remete aos autores Cregan, Bloom e Reid (2007), que investigaram treinadores envolvidos com a natação para pessoas com deficiência. Essa investigação identificou a evolução da carreira e o conhecimento específico de treinadores de elite da natação paradesportiva, sendo que para a investigação, se utilizou na metodologia uma entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que todos os treinadores seguiram um caminho semelhante para alcançar os seus conhecimentos e que não foram apresentados manuais, clínicas e seminários que fornecessem recursos aos treinadores paradesportivos, com isso, estes se revelaram criativos e em busca constante de conhecimentos.

Desse modo, percebe-se que as diversas oportunidades de aprendizagem, podem agregar aos treinadores um amplo repertório de conhecimentos, elevar a qualidade e o nível de prática, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos treinadores (IBÁÑEZ et al., 2013; MALLETT et al., 2009). Isso pode ocorrer de forma pré-consciente ou não intencional e que pode ser ocasionado pelo acúmulo de uma grande quantidade de conhecimento tácito (SILVA, 2004). Por fim, pode-se dizer que a experiência é o componente mais importante do aprendizado e que os indivíduos envolvidos apreciam episódios diferentes para a busca de alternativas que alcancem as fontes de conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

O presente estudo, é considerado de natureza aplicada, pois visa gerar conhecimentos para aplicação prática, sendo dirigida a solução de problemas específicos, neste caso, os conhecimentos que os treinadores de Bocha Paralímpica necessitam para o treino da modalidade. Quanto à abordagem do problema se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e com caráter interpretativo. Esse modelo corresponde a um método sistemático de investigação, que no caso deste estudo, foi adotado para verificar os conhecimentos que os treinadores acreditam ser necessário para a intervenção treino da Bocha Paralímpica (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador é o principal responsável pelo instrumento primário na coleta e análise dos dados. Além disso, as principais características desta abordagem é a transformação de dados para a forma escrita, o gerenciamento constante dos dados, a imersão do pesquisador nos dados coletados, a valorização dos significados dos dados, a apreciação de quaisquer possíveis inter-relações bem como, uma consciência reflexiva dos procedimentos de escrita e de representação das informações (SPARKES; SMITH, 2014).

Quanto aos objetivos da pesquisa, se caracterizou como estudo de casos múltiplos, na qual todos os participantes são considerados um caso único com a possibilidade de análise e descrição detalhada de cada caso (YIN, 2011). Esse tipo de estudo permite a compreensão de fenômenos sociais complexos a partir da exploração da realidade do sujeito investigado, podendo assim, possibilitar a comparação entre os casos e a identificação de regularidades e especificidades entre eles (YIN, 2011).

De acordo com Yin (2011) a obtenção de informações a partir do estudo de casos implica em o pesquisador determinar a questão da pesquisa em torno do processo de “como?” e “por que?” tal fenômeno ocorre, ocasionando a possibilidade de replicar o mesmo procedimento para cada caso. Desse modo, com a descrição detalhada de cada caso, com as partes das descrições das concepções dos sujeitos, pode-se realizar o confronto das informações de cada caso investigado, a partir das experiências pessoais de outros indivíduos.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção dos treinadores foi realizada de maneira intencional (não-probabilística) (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Participaram do estudo quatro treinadores (T1, T2, T3 e T4) de Bocha Paralímpica atuantes no Estado de Santa Catarina. No período de realização do estudo, os treinadores atuavam na formação de crianças, jovens e adultos por meio da prática esportiva da Bocha Paralímpica através do ensino e treino da modalidade Paralímpica. O interesse nesses treinadores se deu a partir da gama de conhecimentos apresentados durante sua trajetória profissional, garantindo assim, a obtenção de informações importante sobre a atuação do treinador de Bocha Paralímpica. Para que os sujeitos fossem selecionados, os mesmos tiveram que atender a alguns critérios.

Os critérios foram estabelecidos inicialmente, a partir do levantamento no site da FEESPORTE, de modo a identificar as cidades que ficaram entre as cinco primeiras colocadas gerais na modalidade de Bocha Paralímpica, nos Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (PARAJASC) entre os anos de 2010 à 2015, para posteriormente, identificar os treinadores que atuam nas cidades classificadas. Além disso, similarmente aos critérios adotados no estudo de Ramos (2008), com treinadores de Basquetebol de jovens, os critérios de inclusão a saber foram: a) estar atuando no momento da pesquisa como treinador de Bocha Paralímpica; b) estar participando de competições oficiais das instituições de incentivo ao esporte do Estado de Santa Catarina (FESPORTE); c) possuir experiência de prática profissional como treinador de Bocha Paralímpica de no mínimo 2 anos; d) proporcionar uma contribuição na formação dos atletas de Bocha Paralímpica, reconhecida por outros treinadores e dirigentes; f) apresentar disponibilidade e motivação para participar do estudo.

3.2.1 Caracterização dos Sujeitos

• Treinador 1

O treinador 1 (T1), apresentou 55 anos de idade no período de coleta. Ao longo da sua trajetória não indicou experiência de prática esportiva competitiva, apenas praticava futebol e vôlei de maneira recreativa, no entanto, desde muito cedo se interessou pelos esportes. Com exemplo, no curso do ensino médio em 1979, ingressou na Educação Física por meio do curso de magistério, na qual, nessa época

já realizava trabalhos com a arbitragem do handebol e voleibol da sua região.

Passados alguns anos, se mudou para a grande Florianópolis e em 1984 iniciou sua graduação em Educação Física em uma Universidade Pública. Ao terminar a graduação, em 1987 deu início ao curso de especialização em Educação Física adaptada voltado para pessoas com deficiência, na qual, abordava assuntos que envolviam o esporte para a prática da inclusão social. Por outro lado, não realizou nenhum curso voltado exclusivamente para a Bocha Paralímpica, somente um curso disponibilizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro em 1992, que apresentou a função de multiplicador dos esportes para todas as pessoas, mas ainda, sem informações de esportes para paralisados cerebrais.

Ao iniciar sua trajetória profissional em 1992 como professor de Educação Física em uma organização direcionada para pessoas com deficiência, observou a necessidade de dispor de atividades que incluíssem pessoas com paralisia cerebral, com o qual, apresentavam prejuízo motor em grau muito elevado. Com isso, se utilizou a Bocha Raffa (Bocha de cancha) para iniciar o processo de inclusão no esporte, adaptando-a por meio da utilização de calhas de madeira. O seu trabalho como treinador se iniciou muito cedo em 1979, com 17 anos, morando ainda na região de origem, como técnico de handebol, chegando a alcançar o segundo lugar no campeonato estadual da modalidade.

Ao se mudar em 1981 e iniciar seu trabalho como professor, houve a necessidade de atuar primeiramente como técnico de tênis de mesa e atletismo, pela falta de profissionais e em seguida com outras modalidades também. Nesse período, muitas vezes T1 acumulou a função de técnico de quatro modalidades para pessoas com deficiência intelectual, incluindo basquete, handebol, hóquei sobre o piso e futebol. Com o futebol, teve a oportunidade de ir à China participar de um evento internacional. Em 2006, quando estreou o PARAJASC, é que iniciou seu trabalho como treinador da Bocha Paralímpica, mas somente no ano de 2010, é que começou a pensar em participar de outros campeonatos estaduais. O T1 trabalhou nas classes BC2 e BC3, se especializando somente na classe BC3 e salientou que a principal dificuldade no trabalho como treinador a indecisão da família sobre querer a reabilitação ou a prática esportiva, pois segundo ele, com as duas vertentes não é possível conciliar.

Além da função de treinador, T1 agrega a função de coordenador da Educação Física, na instituição em que trabalha, acrescenta-se ainda, ser coordenador da Bocha Paralímpica da região Sul e membro do conselho estadual do esporte. Como membro da instituição, tem

desenvolvido cursos para professores de Educação Física, como meio de fomentar a modalidade e auxiliá-los na inclusão de pessoas com deficiência com o auxílio do esporte. Por outro lado, com todos os anos de prática como treinador, não chegou a desenvolver nenhum material escrito para auxiliar outros treinadores, como livros, cartilhas e etc., específico sobre a Bocha Paralímpica.

• Treinador 2

O treinador 2 (T2), apresentava 46 anos no momento da pesquisa. Com 12 anos iniciou sua experiência de prática esportiva envolvendo alguns esportes, mas se especializou principalmente no Vôlei, com o qual treinou por um período de tempo maior. Além disso, participou de competições como jogos escolares, nas categorias infantil e juvenil, na qual mais tarde, ao iniciar sua trajetória acadêmica, competiu em jogos universitários, somando assim, 11 anos voltados a participação em competição.

O T2 possui graduação plena em Educação Física, com especialização em Psicomotricidade. Participou de um curso básico sobre Bocha Paralímpica em 2014 no Congresso Paradesportivo Internacional e de um curso de psicomotricidade relacional, além do curso da equoterapia, na qual utilizou para inserir seus atletas na reabilitação e assim, auxiliá-los no desenvolvimento do controle de tronco. Além disso, T2 relata a oportunidade que surgiu em 2017, de participar como técnica de observação na preparação da seleção brasileira de Bocha Paralímpica para o Parapan Juvenil.

Como treinador de Bocha Paralímpica, T2 está à frente da modalidade à quatro anos, no entanto, esse não foi seu primeiro contato como treinador, pois na época de faculdade chegou a dar treino para as modalidades de futsal e vôlei pelo período de dois anos e assim, T2 relata que nunca imaginou se tornar treinador de uma modalidade adaptada. Na Bocha Paralímpica, atualmente treina seus atletas para participarem de competições, de nível estadual, regional e nacional, abrangendo as categorias escolar e adulto.

O T2 expõe que não apresentou dificuldade em nenhuma classe, uma vez que, ao estreitar sua trajetória na Bocha, iniciou na classe que ao seu entender e de outros colegas treinadores, é considerada a mais difícil, pois necessita de auxiliar, de conhecer outros posicionamentos diferentes e de outros equipamentos, além das bolas. Concomitantemente, T2 exerce a função de professor na mesma instituição em que trabalha como treinador, com aulas de Educação

Física adaptada e recreativa, além de exercer em outro espaço um trabalho multidisciplinar com aulas de equitação, envolvendo a equoterapia. Como forma de fomentar a modalidade, todos os semestres o T2 participa nas Universidades da região e nas APAES de momentos que proporcionem falar sobre a Bocha Paralímpica, mas que não ministrou nenhum curso específico sobre a modalidade. Sobretudo, criou uma tabela de comunicação para um de seus atletas, com o intuito de aproximar seu trabalho com o atleta, já que este não dispõe o gesto da fala e com isso, dificultava a comunicação entre eles, pois não se conseguia saber o que realmente o atleta estava a efetuar.

• Treinador 3

O treinador 3 (T3), apresentava 41 anos de idade no momento da pesquisa. T3 sempre esteve envolvido com a prática esportiva desde a infância, participando de escolinhas de futebol a partir dos 10 anos, na qual passou pelas categorias fraldinha, mirim, chegando até a categoria adulta. Em todo esse período de prática esportiva, desde o início T3 já participava de competições escolares e quando adulto competia nos campeonatos amadores de futebol.

Diferentemente dos outros treinadores, T3 está em fase de formação acadêmica em Licenciatura em Educação Física e ao término do curso de licenciatura, pretende retornar para cursar o Bacharelado. T3 terminou o ensino médio em 1996 e resolveu seguir outro percurso, trabalhando em empresas privadas da sua região. Em 2012, um amigo de infância, que também é treinador de Bocha Paralímpica em sua região, o convidou para desenvolver um projeto Paralímpico na cidade em que reside para pessoas com paralisia cerebral. T3 ressalta, que sua principal inspiração para começar a participar do projeto foi seu filho que apresenta paralisia cerebral e assim em 2013, iniciou como auxiliar técnico do amigo treinador. T3 participou do seu primeiro Seminário Internacional de Capacitação Técnica da ANDE em 2016 e dos cursos desenvolvidos pelo estado para a modalidade nesse mesmo ano. Ao seu ver, pretende sempre estar participando de cursos e congressos, pois busca novas formas de desenvolver o seu conhecimento e assim, tentar desenvolver o projeto paralímpico.

A princípio, T3 estreou sua trajetória como treinador na modalidade de futebol, na categoria amador na empresa privada em que trabalhava, durante cinco anos. No esporte paralímpico, T3 foi treinador de Petra de 2014 até 2017, no entanto, agora em 2017 está somente auxiliando o atual treinador. Na Bocha Paralímpica como treinador, T3

está atuando à quatro anos. Desde o ano que estreou em 2013 como auxiliar técnico, cabe destacar que seus atletas, tanto da Petra quanto da Bocha, já estavam participando de competições estaduais nas categorias escolares e adultos. Assim sendo, T3 continua treinando seus atletas para participarem de competições estaduais, nacionais e mundiais (foi em dois mundiais quando atuava com a Petra).

As classes que T3 treina são BC1, BC2, BC3 e BC4. Na qual tem encontrado dificuldade com a classe BC4, para criar meios que apresentem uma evolução esportiva, com o atleta dessa classe, pois assim como o atleta BC1, a equipe tem somente um atleta na classe BC4, e com isso, não se tem a possibilidade de criar algumas situações que se aproximem da realidade do jogo daquelas classes. Além disso, o treinador acredita que o material utilizado (bolas), podem estar dificultando o desenvolvimento, mas acredita que com a troca do material (atualmente já realizado), acredita-se que essa dificuldade seja excedida. Atualmente, T3 além de ser treinador, é coordenador do Programa Paralímpico da cidade em que vive e diretor social da Associação Municipal de Deficientes Físicos.

Ao iniciar em 2013 até meados de 2014, T3 participou de uma jornada de fomento da Bocha Paralímpica na cidade, na qual passou de quatro atletas para 15, atendendo assim, um número maior de pessoas com deficiência, uma vez que muitos não conheciam o trabalho do antigo treinador. Atualmente, continuam com seu trabalho de divulgação através de palestras em empresas e escolas, sendo que, o Projeto Paralímpico, passou de duas modalidades (Bocha e Petra) para quatro, com o atletismo (arremesso de peso) e natação. Além disso, T3 cita que criou dois álbuns de fotos em 2014 e 2015 para visitas domiciliares quando surge alguém com deficiência, para possível inserção no Esporte Adaptado, ou seja, é considerado por ele, um material de apresentação das modalidades inseridas no projeto paralímpico.

• **Treinador 4**

O treinador 4 (T4) tinha 36 anos de idade no momento da pesquisa. Dos 12 anos aos 19 anos, apresentou experiência esportiva como atleta de atletismo, participando de competições em nível estadual, nas categorias base (mirim) e em seguida na categoria adulta. Em 2007 concluiu sua graduação em Educação Física Plena em uma Universidade fora do Estado de Santa Catarina.

Após o período de término de sua graduação, houve a necessidade de iniciar uma especialização. Assim, em 2011 ingressou no curso de Atividade Física e Esporte para pessoas com deficiência. No entanto, desde 2009, participa de cursos voltado para Bocha Paralímpica e sobre o paradesporto em geral, pois acredita que todos os cursos que realiza é válido e acrescenta algo ao seu conhecimento, pois são todos voltados para o paradesporto. Estes cursos são oferecidos pelo estado de Santa Catarina, pelo Comitê Paralímpico Brasileiro ou pela própria ANDE. Foi nesse mesmo ano de 2009, que iniciou seu trabalho com o paradesporto, participando de sua primeira Paralímpiada Escolar como treinador de para-atletismo, mas foi lá que conheceu a Bocha Paralímpica, na qual revela que se emocionou e se apaixonou. Ao final desse mesmo ano, iniciou o trabalho com a Bocha, concomitantemente com o Atletismo, e assim, trabalhou com as duas modalidades até o ano de 2013, na qual resolveu abdicar o para-atletismo e permanecer somente com a Bocha Paralímpica.

Desse modo, agrega em sua trajetória como treinador um período de 12 anos, iniciando no período da graduação em escolinhas da cidade em que residia, indo desde o atletismo convencional, passando para o para-atletismo, até chegar a Bocha Paralímpica. Desde 2010, leva seus atletas para competições, como o PARAJESC e desde então, participando em nível estadual, regional, nacional e uma experiência internacional no Parapan Juvenil como Staff.

Em todo esse período, T4 se envolveu com as classes BC1, BC2 e BC4, tendo como principal dificuldade, não uma classe específica, mas este cita a família, pois encontra a barreira do convencimento dos pais na fase de iniciação, de aceitar que o filho(a) com paralisia cerebral e com os quatro membros acometidos, podem praticar alguma modalidade esportiva. Em seguida, quando acontece a evolução esportiva, ou seja, passam da idade escolar, necessitam treinar mais vezes para continuar desenvolvendo e os atletas como são dependentes, ficam à mercê da família para leva-los aos treinos e por conta disso, muitas vezes o atleta é prejudicado, pois necessita desse apoio da família e da instituição que oferece o treinamento para mantê-los em alto nível. Além disso, T4 exerce a função de professor de Educação em uma escola, acumulando pouco tempo para a intervenção na Bocha Paralímpica.

Em outra perspectiva, T4 nos quase dez anos de Bocha Paralímpica nunca ministrou um curso exclusivo sobre essa modalidade, somente proferiu palestras em Universidades da região em que reside, como meio de fomentar a modalidade. Além disso, relata como erro seu,

de não ter construído um material sobre a Bocha, tanto para auxiliá-la como para auxiliar outros treinadores.

Sendo assim, os treinadores participantes da pesquisa, constaram a média de idade de 44,5 anos, apresentando idade mínima de 36 anos e máxima de 55 anos. Para maior caracterização dos treinadores, são apresentados na tabela 5, o sexo, a idade, experiência de prática como atleta (média), nível de prática competitiva, experiência de prática profissional (média) e a formação acadêmica.

Tabela 1 – Caracterização dos Sujeitos.

Treinador	Idade	Experiência como Atleta	PC	Tempo de Experiência como Atleta	Tempo de Experiência como Treinador de Bocha	Formação Acadêmica
T1	55	Não	NA*	NA*	11	Esp. em EF
T2	46	Sim	E	11	4	Esp. em EF
T3	41	Sim	E	31	4	And.
T4	36	Sim	E	7	8	Esp. em EF

Legenda: T= Treinador; NPC= Nível de Prática Competitiva - E= Estadual, N= Nacional, I= Internacional; NA = Não se Aplica; Formação Acadêmica - And = Graduação em Andamento, Grad. = Graduação, Esp.= Especialização, EF= Educação Física.

*Não competiu em torneios, campeonatos e etc...

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

3.3.1 Entrevista Estruturada (Sondagem)

A entrevista estrutura (sondagem) (APÊNDICE A) consiste em verificar se os treinadores atendiam aos critérios de inclusão. Este roteiro contém questões fechadas, na qual abrangem perguntas a respeito de sua formação, experiência de prática pessoal e profissional, e ainda sobre sua intervenção na Bocha Paralímpica, ambos adaptados do estudo de Brasil (2015) com formadores de treinadores de *surf*, e de Barros (2016) com treinadores de Ginástica Artística.

A entrevista estruturada consiste em o pesquisador utilizar um roteiro com questões pré-estabelecidas. Esse tipo de entrevista é realizado com pessoas ou grupos pré-determinados, na qual possibilita a obtenção de respostas padronizadas (respostas fechadas), em que é possível estabelecer comparação (MARCONI; LAKATOS, 2010).

3.3.2 Entrevista Semiestruturada

O roteiro de entrevista semiestruturado (ANEXO A), é a segunda etapa da coleta de dados, realizado após a sondagem inicial. Esse roteiro de entrevista é dividido em duas partes. A primeira parte apresenta questões fechadas, que abrangem informações sociodemográficas, como, nome, idade, naturalidade, sua biografia (história de vida); formação profissional, experiência de prática esportiva e experiência como treinador de Bocha.

Na segunda parte, o roteiro é constituído por questões com possibilidade de respostas abertas, a respeito da trajetória como treinador de Bocha Paralímpica; percepção sobre os conhecimentos necessários para o treinador de Bocha Paralímpica; e as fontes de conhecimentos necessárias para a atuação do treinador.

Segundo Kvale e Brinkmann (2009) o procedimento de entrevista pode ser sistematizado em sete etapas: descrição do tema de investigação, até o projeto do estudo; a entrevista; transcrição da entrevista; análise dos dados; comprovação da validade; fiabilidade e generalização dos obtidos; e o relato do estudo. A técnica de entrevista é semelhante a uma conversa informal, nessa perspectiva, para a obtenção dos detalhes das informações é permitido que o entrevistador insira novos questionamentos no desenvolver da mesma, quando necessário (MARCONI; LAKATOS, 2010). Esse tipo de instrumento, permite ao pesquisador reformular ou criar perguntas quando julgar necessário, a fim de acrescentar mais detalhes e esclarecer respostas, com o intuito de assegurar dados mais ricos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O procedimento para obtenção dos dados iniciou a partir da busca no site da FESPORTE, no ícone do PARAJASC, com o qual procurou coletar os boletins finais de competição, disponibilizado no próprio site ao fim de cada competição, entre os anos de 2010 à 2015. Com isso, se fez um levantamento das cidades que permaneceram entre as cinco primeiras colocadas gerais. A partir do levantamento inicial das cidades classificadas, ocorreu uma identificação dos treinadores dessas cidades. Nisso, verificou-se que alguns dos treinadores não faziam mais parte da modalidade a ser estudada ou não participavam de outras competições de Bocha Paralímpica ocorridas no estado, selecionando inicialmente, seis treinadores.

A partir disso, realizou-se no intervalo de uma competição em que todos os treinadores, a princípio selecionados estavam presentes, a entrevista estruturada, a fim de verificar se todos esses profissionais atendiam aos critérios de inclusão, além de mapear as características da trajetória desses treinadores. Nesse período, foram acrescentados mais dois treinadores de Bocha Paralímpica, pois no momento da entrevista estruturada, os treinadores sondados citaram estes dois como “bons treinadores”.

Sendo assim, com a aprovação do Comitê de Ética com Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) (CAAE 71696517.4.0000.0118 e parecer de nº. 2.339.580/2017), foi realizado o contato prévio por e-mail, telefone (*WhatsApp*) ou rede social (*Facebook*), com os treinadores de Bocha Paralímpica, para convidá-los a participar da segunda etapa de coleta de dados com a entrevista semiestruturada. Por ocasião, foram informados os objetivos da pesquisa, a natureza do estudo, bem como, destacar o caráter voluntário da participação, e assim, obter os devidos consentimentos para tal no momento da entrevista, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a gravação e divulgação dos resultados sem fins lucrativos.

Para realizar a entrevista semiestruturada, apenas quatro se propuseram a participar da pesquisa. Os que não participaram, expressaram os seguintes motivos: a) não estar atuando com a modalidade de Bocha Paralímpica; b) não aceitaram participar e ou; c) não fazem parte do quadro de treinadores de Santa Catarina. A entrevista foi realizada em conveniência com a disponibilidade do sujeito, em presença da pesquisadora, em local e horário de sua preferência. Ainda assim, para manter o caráter ético, foram utilizados letras e números (T1, T2, T3 e T4) para identificar os treinadores investigados, igualmente com as pessoas indicadas nas falas dos treinadores, ocorreu a alteração dos seus nomes. Acrescenta-se ainda que todos os treinadores foram considerados do sexo masculino para manter sigilo na pesquisa.

Para a entrevista semiestruturada, utilizou-se dois gravadores digitais, um da marca Panasonic RR-US550 e um *Smartphone* da marca *Asus Zenfone Go*, para a captação das informações, de modo a compreender os apontamentos da formação e trajetória profissional dos treinadores de Bocha Paralímpica. As entrevistas compreenderam uma duração mínima de 2h30min e máxima de 3h30min, com média aproximada de 2hs76min. Em seguida, os áudios foram armazenados em um computador (pessoal da pesquisadora e institucional) e após, feita a

transcrição literal, com o auxílio do editor de texto *Microsoft Office Word*, juntamente com o auxílio do programa de áudio *Express Scribe Transcription Software*. Para cada caso, foi gasto aproximadamente 30 horas e um documento com todos os casos, por volta de 209 laudas.

3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados a partir das informações advindas das entrevistas realizadas com os treinadores de Bocha Paralímpica do estado de Santa Catarina. Para a análise de casos múltiplos foram adotados procedimentos indicados por YIN (2011) que consiste na apresentação de cada caso individualmente; cruzamento das informações de todos os casos, possibilitando a criação de categorias com os resultados mais significativos e por fim, o confronto com a teoria.

Para a análise das informações utilizou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), com categorias definidas *a priori*. Nessa abordagem, o autor caracteriza esse tipo de análise em três etapas. A pré-análise consiste na organização das informações propriamente dita, na qual tem por objetivo sistematizar as ideias, de modo que conduza a um esquema que direcione ao desenvolvimento da análise. Neste caso, a transcrição das entrevistas é vista como um processo de pré-análise, que resulta para o pesquisador no seu primeiro contato com a reflexão dos dados que foram coletados (MANZINI, 2006; QUEIROZ, 1983). Ainda nessa etapa de pré-análise, inclui selecionar os dados que farão parte da análise, a elaboração das hipóteses de pesquisa quando existir e a definição de categorias para fundamentar a interpretação final.

A segunda etapa, implica na exploração do material, que representa a sequência das decisões tomadas na pré-análise, ou seja, considera as transcrições brutas, de modo a representar o conteúdo das informações, baseada em situações de codificações, decomposição ou enumeração por meio de normas definidas antecipadamente, identificando as unidades de significado em função das categorias de análise, o tratamento e a interpretação dos dados. A terceira etapa representa o tratamento e interpretação dos dados.

Para o tratamento qualitativo, recorreu-se a análise categorial para identificar e agrupar um conjunto de características de um conteúdo, permitindo a construção de inferências organizadas e sistematizadas. Seguidamente as análises de conteúdo, ocorreu o cruzamento dos dados a fim de, possibilitar uma articulação das falas entre participantes. Com isso, permiti ao pesquisador, a partir de seus

pressupostos, uma compreensão real e contextualizada entre as fontes que se complementam.

3.6 GARANTIA CIENTÍFICA DOS DADOS

A medida que o interesse pela investigação qualitativa vem aumentando, os pesquisadores se mostram preocupados em saber como as pessoas reagem, entendem, interpretam e participam das situações que ocorrem a partir da sua “vida real”, isto é, estes anseiam por dados que sejam mais contextualizados. Com isso, surgiu-se a necessidade de acrescentar um certo rigor científico dos dados, pois as pesquisas qualitativas tendem a apresentar “um problema desafortunado de imagem”, fazendo com que aqueles que não fazem pesquisas desse caráter acreditem que se trate de uma pesquisa incerta, sem rigor e arbitrária (OLLAIK; ZILLER, 2012).

Desse modo, para que a pesquisa apresentasse garantia científica dos dados, foram adotados alguns critérios, baseado nas propostas de Ollaik e Ziller (2012), Onwuegbuzie e Leech (2007) e Ullrich et al. (2012), relativos a confiabilidade (validade interna), que descreve a metodologia utilizada, na qual permite alcançar a “verdade” do que se tem proposto; transferibilidade (validade externa), que consiste na possibilidade do estudo ser realizado com outros participantes; e os relacionados a consistência (fidedignidade), nos quais julgam a pesquisa, caso seja refeita, na mesma condições e com os mesmo participantes adquira os mesmos resultados (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

3.6.1 Critérios relativos à confiabilidade (validade interna)

A validade interna nas pesquisas científicas, segundo Koro-Ljungberg (2010), são concepções que dão mais ênfase na validade do processo, na preocupação que o pesquisador expressa, a partir das informações obtidas e da responsabilidade que se deve ter no tratamento das mesmas, além da atenção excessiva com a qualidade ética. Assim sendo, na pesquisa com os treinadores de Bocha Paralímpica foram adotados alguns critérios propostos como:

Envolvimento prolongado com os participantes: esse critério menciona o envolvimento do pesquisador com o campo das investigações, ou melhor, com os participantes a serem investigados, isso reflete no investigador, pois este critério consegue capturar informações que necessárias para identificar possíveis distorções das

informações declaradas. Na presente pesquisa, o tempo de permanência no campo de estudo, foi de apenas um encontro para a coleta de dados, devido a pesquisa se caracterizar como um corte transversal. No entanto, a relação entre a pesquisadora e os participantes vem de longa data, resultando em uma relação de confiança e respeito pelo trabalho desenvolvido na Bocha Paralímpica por ambos. Com isso, na coleta de dados o ambiente estava propício, facilitando a explanação das indagações efetuadas pela pesquisadora responsável aos treinadores investigados.

Descrição das evidências: a descrição das evidências, destaca o caráter de profundidade na exposição dos resultados obtidos, além de ressaltar as categorias de análises em discussão. Neste estudo, o detalhamento das informações ocorreu com a descrição das informações adquiridas a partir da criação das categorias, envolvendo um caráter reflexivo, na qual estimula a interação entre os achados e os desafios das interpretações. Ainda, ocorreu o cruzamento das informações obtidas nas análises, de forma que conseguisse expressar o pensamento dos treinadores investigados.

Checagem dos participantes: refere-se à confirmação da exatidão dos dados, a partir da checagem pelos participantes. Neste procedimento, ocorreu o envio das informações transcritas nas entrevistas e das interpretações (*release*) que ocorreram a partir disso. Logo, não houve apontamentos por parte dos treinadores investigados, para que ocorressem alterações em suas falas ou interpretações.

Checagem intrapesquisador: este procedimento indica a revisão das interpretações pelo pesquisador principal. Assim sendo, esse processo consistiu na verificação das interpretações de cada entrevistado, pelo pesquisador responsável, após a passagem de sete dias, realizadas novamente, para que possíveis interpretações errôneas fossem desfeitas.

Checagem interpesquisador ou por seus pares: esse tipo de checagem condiz com a avaliação das análises, ou melhor, solicita-se a outro investigador que não esteja envolvido diretamente nas coletas para examinar as análises efetuadas, de modo que questione as implicações e interpretações incertas, auxiliando o pesquisador principal na reavaliação de suas crenças e deduções não avaliadas anteriormente. Esse procedimento ocorreu após a checagem intrapesquisador, que consistiu em enviar as análises à um pesquisador que não estava incluído na coleta propriamente dita, mas que está envolvido como pesquisador da área de treinador esportivo. Com isso, o pesquisador recebeu as análises já efetuadas, juntamente com as transcrições, e após,

revisou novamente as análises para que as interpretações não tenham sido executadas de forma equivocada, fossem retificadas, e partir disso ocorrer o confronto das interpretações.

3.6.2 Critérios relativos à transferibilidade (validade externa)

A transferibilidade (validade externa), adota-se critérios que julguem a capacidade de a pesquisa ser replicada e de ocorrer a generalização dos resultados para outras populações, lugares e categorias mais amplas (LANSKSHEAR; KNOBEL, 2008). Para isso, é necessário que as condições locais sejam similares, pois é um aspecto importante para que o pesquisador queira generalizar os dados. Enfim, o pressuposto desse critério é permitir que os resultados sejam suscetíveis de aplicação embasada à uma outra situação a ser investigada. Para isso, uma vez que a validade externa está ligada aos aspectos que dão ênfase a validade dos resultados, para a pesquisa realizada, isso foi possível a partir da descrição detalhada de todo o processo metodológico (participantes, conceitos, procedimentos, unidades de análise), proporcionando a outros investigadores a possibilidade de aplicação em outros contextos.

3.6.3 Critérios de consistência (fidedignidade)

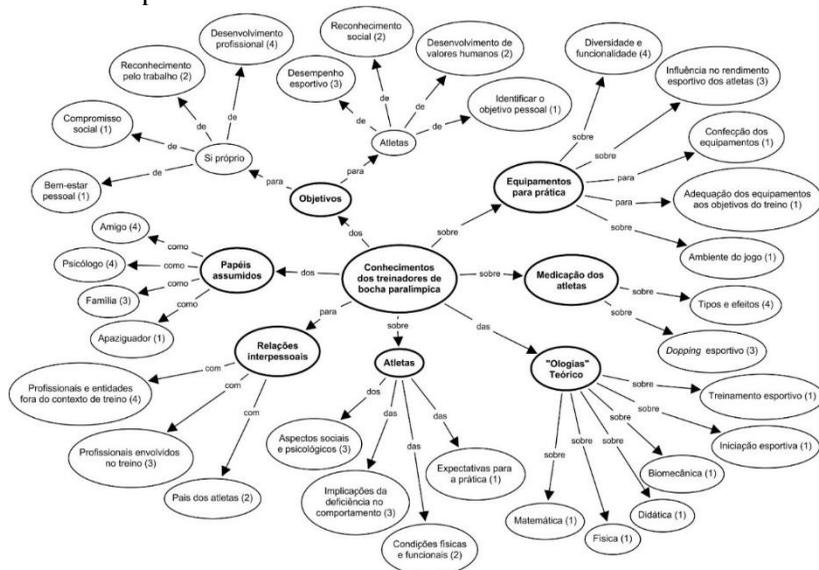
Os critérios relacionados a consistência (fidedignidade), se refere à quanto, os instrumentos usados são estáveis para o procedimento de coleta de dados, isto é, o quanto podem ser verificáveis em outros contextos, garantindo resultados similares (LANSKSHEAR; KNOBEL, 2008). Neste caso, o instrumento utilizado para a presente pesquisa, foi utilizado no contexto do surf (BRASIL, 2015), respondendo aos objetivos propostos na pesquisa sobre o conhecimento profissional dos treinadores desta modalidade investigada, resultando em dados consistentes e de possível aplicação em outros contextos, assim como investigado com os treinadores de Bocha Paralímpica.

4 RESULTADOS

4.1 OS CONHECIMENTOS PARA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL DOS TREINADORES DE BOCHA PARALÍMPICA

Os dados obtidos sobre a percepção dos treinadores de Bocha Paralímpica acerca dos conhecimentos necessários para a intervenção estão apresentados nos seguintes subcapítulos: os papéis assumidos pelo treinador; objetivos da intervenção do treinador; os conhecimentos sobre os atletas; equipamentos para prática da Bocha Paralímpica; sobre a medicação dos atletas; relações interpessoais; e os conhecimentos teóricos (“ologias”). Os indicadores dos conhecimentos indicados pelos treinadores estão apresentados por meio de um mapa conceitual (Figura 3) (MOREIRA, 1980; NOVAK, 2010) construído com o auxílio da ferramenta digital *CmapTools* (IHMC, 2017). O conceito geral (conhecimentos dos treinadores de Bocha Paralímpica) está localizado no centro do mapa, de maneira que os demais conceitos se ramificam em direção aos extremos.

Figura 3 - Mapa conceitual sobre os conhecimentos dos treinadores de Bocha Paralímpica.



Fonte: Os autores (2018).

4.1.1 Os papéis assumidos pelos treinadores de Bocha Paralímpica

No que diz respeito aos papéis assumidos pelos treinadores de Bocha Paralímpica os resultados indicaram um consenso na percepção dos treinadores sobre assumirem os papéis de amigo (T1, T2, T3 e T4), psicólogo (T1, T2, T3 e T4), família (T1, T3 e T4) e apaziguador (T1).

O papel de amigo foi mencionado com unanimidade pelos treinadores (T1, T2, T3 e T4), sobretudo, pela necessidade de o treinador relacionar-se com seu atleta não apenas em circunstâncias específicas do treinamento da Bocha, o que, de fato, parece ser impulsionado pelo elevado grau de comprometimento motor, e consequentemente, pouca autonomia de seus atletas, o que fica evidente na declaração de T2.

[...] eles não conseguem sair para algum lugar sozinho, então muitas vezes eles querem estar ali e eu digo para os pais: “deixem eles andar com cadeira de rodas, correrem um pouco aqui na quadra, deixa a gente rir um pouco”, falamos besteira, falamos aonde está o Diogo, o Breno começa a falar de mulherada, mas quando eu digo para cada um voltar para o seu box, aí eles voltam e já voltam felizes, já voltam contente. Então é assim tem que ter esses *feedbacks* (T2).

Para o treinador T1 o papel de amigo está relacionado ao fato de ele estar disponível e interessado em questões pessoais da vida de seus atletas, como ele mesmo afirma: “[...] tu tens que escutar o cara, porque levou um fora de alguém, porque tentou em uma investida em alguém e levou um ponta pé no *facebook*” (T1). Similarmente à realidade de T1, o papel de amigo na prática de T2 evidencia que sua intervenção vai muito além de cumprir apenas com as funções típicas do treinador, que ao considerar as limitações de seus atletas ele busca estabelecer uma relação de confiança com os mesmos, com o propósito de mantê-los motivados e engajados nos treinos, conforme ele mesmo relata:

[...] além da função de treinador, de técnico, você tem que ser esse outro lado, porque é as vezes a gente vê a dificuldade que eles tem, as suas limitações, aí chega nessa hora tu já vai proporcionar um treinamento [...] primeiro tu tem que conquistar eles, tu tem que ser amiga deles,

muitas vezes, eles querem parar, já aconteceu, com o Breno, eu e o João ter que parar e conversar sobre o que que esta acontecendo, tinha hora que ele tava tão irritado e não tava mais querendo levar as coisas a sério [...] a gente sabe que são coisas que esta acontecendo na família (T2).

Todos os treinadores (T1, T2, T3 e T4) mencionaram assumirem o papel de psicólogo. Geralmente, este papel parece ser assumido por eles em situações que seus atletas necessitam de orientação a respeito de dificuldades em suas próprias vidas, ou até mesmo, como T3 destaca: “[...] psicólogo para os próprios pais e mães que chegam com dificuldade particulares de casa a gente procura auxiliar” (T3). No contexto de intervenção de T1 ele destaca não somente a presença dos atletas e pais: “[...] tu tens que ser bastante psicólogo, porque você trabalha com famílias, não trabalha só com o atleta. Principalmente quando você trabalha com BC3 e BC1 que são atletas que trabalham com auxiliares ou com assistentes” (T1).

Ao analisar estes resultados percebe-se que os treinadores, enquanto psicólogos, devem possuir competência para estabelecer e manter um “clima” de treinamento em que as circunstâncias da vida dos atletas, dos pais e de suas próprias, não interfiram no desempenho e na motivação de todos envolvidos, como se pode verificar na fala de T4:

[...] o nosso desafio é tentar conciliar tudo, conseguir manter, até para nós, porque fica desgastante, tem sempre aquela ansiedade do professor depositada no atleta, tanto os atletas quanto nós temos que passar por psicólogos, temos que estar firmes, porque para mim é terrível quando eles perdem, principalmente, um campeonato que é grande, você fica sem entender onde falhou, porque falhou e o que faltou (T4).

O papel de membro familiar mencionado por alguns treinadores (T1, T3 e T4), particularmente no caso T1, está ligado a necessidade emergente em seu contexto de intervenção de assumir papéis que vão além de orientar o treino da Bocha, em que ele mesmo se responsabiliza por atividades cotidianas que não a Bocha em si, como o próprio T1 indica ao relatar o exemplo de um atleta seu:

Quando você assume alguns papéis diferenciados você começa a ter uma visão de outras situações. O Gustavo, é um menino que quando a gente leva para competições, tem que dar banho, fazer a higienização dele, então eu assumo o papel da família, isso acontece na Bocha em específico, o nosso público é muito específico, ele é muito carente, em termos de condições motoras, então tu tens que apoiar e ajudar de qualquer forma (T1).

Para o treinador T3, assumir o papel de membro familiar é expresso na sua responsabilidade, engajamento pessoal e ações cotidianas, para proporcionar um ambiente positivo para seus atletas, conforme ele declara:

O que significa para mim esse programa Paralímpico, é a extensão da minha família, a mesma responsabilidade que eu tenho para manter organizada a minha família e procurar dar uma estrutura para eles, eu estou desenvolvendo aqui e tenho orgulho daquilo que eu faço. Eu procuro agir da mesma maneira dentro do programa Paralímpico, tem muitos atletas que falam para nós: “você são os nossos paizões aqui no programa Paralímpico” (T3).

Já para T4, o papel de família emerge em situações que seus atletas apresentam comportamentos indesejáveis, dificultando o desenvolvimento das atividades de treinamento. Nestas circunstâncias, T4 destaca que deve identificar os motivos de tais atitudes a partir de uma abordagem compreensiva e orientar seu atleta:

Tem momento que o atleta chega no treino, já chega brabo, irritado, aí você pede uma coisa e não dá, pede outra coisa e não flui, aí entra o momento que você tem que sentar, parar, tentar investigar o que está acontecendo, porque não está indo daquele jeito, então é quando você começa a perguntar, começa a conversar, aí dependendo você vai aconselhar, ou agir como uma mãezona, ou chamar a atenção mesmo, porque tem que chamar [...] (T4).

Expressando a complexidade destas situações enfrentadas por T4, o próprio revela que: “[...] as vezes é difícil você coordenar tudo isso, porque você enquanto treinador tem que saber até que ponto você pode chegar, mas a gente erra muito até descobrir até aonde a gente pode ir, porque cada um é diferente [...]” (T4).

Assumir o papel de apaziguador, mencionado por T1, se concretiza nas situações em que este treinador atua como mediador das relações estabelecidas dentro de sua própria equipe, no sentido de criar um ambiente democrático e favorável ao desenvolvimento de todos seus atletas:

Ser bastante apaziguador, porque quando você tem uma equipe, você também tem os egos, então quando um se sobressai na equipe, você tem que saber trazer ele para realidade, para que ele respeite aqueles que estão ali embaixo, e para que o conhecimento deles também flua para os outros, porque quando você tem uma equipe e a grande maioria é da mesma classe, você não pode beneficiar um e não o outro (T1).

Para além da situação supracitada, o treinador T1 recorda um episódio vivenciado por ele em seu contexto de intervenção: “[...] um atleta que trocou de cadeira, tentaram fazer uma adaptação e não funcionou, aí ele veio treinar de manhã detonado, então eu tive que apaziguar, abraçar, fazer um carinho, levantar, moral dele [...]” (T1).

4.1.3 Os objetivos dos treinadores de Bocha Paralímpica

4.1.3.1 Objetivos estabelecidos para os atletas

Dentre os objetivos estabelecidos para seus atletas, verificou-se uma percepção consensual entre os treinadores a respeito da priorização de objetivos ligados ao desempenho esportivo (T1, T3 e T4), ao reconhecimento social (T1 e T3) e ao desenvolvimento de valores humanos (T3 e T4). Considerou-se também o caso de T2 que mencionou que um dos objetivos de sua intervenção pedagógica é fazer com que os seus atletas identifiquem seu próprio objetivo pessoal em treinar a Bocha.

A respeito dos objetivos com ênfase no desempenho esportivo dos atletas, verificou-se que os treinadores os estabelecem com base na

quantidade, no tipo e na sequência das competições em que seus atletas irão participar, o que ficou evidente na declaração de T3:

[...] são as competições em sequência, o regional sul da sequência para o brasileiro, brasileiro individual, brasileiro de pares e equipes, então a gente tem que traçar um objetivo, a gente tem que chegar bem no regional sul. Eles têm que ficar entre os três ou quatro primeiros conforme está no regulamento na questão de competição (T3).

No caso de T1, embora estabeleça, claramente, o que deseja que seus atletas alcancem em termos de evento a participar e dos resultados a serem alcançados por eles, este treinador acredita que isso deva corresponder a um processo natural, como ele mesmo afirma: “eu quero que meu atleta seja campeão do circuito, mas eu não fico para eles, é uma coisa natural, se tiver que acontecer vai acontecer” (T1). Para o treinador T4 percebe-se que o objetivo estabelecido é delimitado pela condição e funcionalidade de cada atleta em particular, conseqüentemente, com implicações no próprio objetivo e no tipo de competições que irá participar, conforme evidencia o excerto abaixo:

Cada atleta tem o seu objetivo traçado durante o ano...então eu trago a cada evento, ou cada coisa eu traço um objetivo diferente, o objetivo para um BC1 é diferente do BC4, que vai para o regional, mas sempre todos eles têm objetivos, de acordo com a competição que cada um vai fazer, o campeonato ou a meta para o ano (T4).

O treinador T1 acredita que os objetivos que estabelece para o desempenho de seus atletas possui implicações no desenvolvimento de atletas de outras equipes, como ele mesmo explica:

[...] se teve um crescimento do teu atleta, mas alguém do teu lado também está crescendo, alguém da outra equipe também está crescendo, a outra equipe também não está parada. Então, da mesma forma que tu almeja ser o primeiro colocado do circuito, a outra equipe também está trabalhando para ser a primeira colocada do circuito. Então não são só os teus objetivos que tem que ser alcançados, você tem que superar e se

sobrepor aos objetivos do outro, então você tem que ter o respeito que conhecimento, crescimento, todos vão ter (T1).

Este treinador ainda destaca que embora possua um planejamento do que pretende alcançar com seus atletas, ele acredita que: “[...] normalmente você entra numa competição almejando jogar o melhor e as coisas vão acontecer porque eu quero ser o meu melhor, assim você chega mais fácil do que eu achar que tenho que ganhar porque eu planejei” (T1). Este mesmo treinador adverte que em alguns casos o desejo de alcançar um determinado objetivo pode levar os atletas a terem uma conduta limitada, em que, apenas a conquista do objetivo em si poderá possibilitar alguma satisfação e contentamento com todo o trabalho realizado, como o próprio afirma:

Você começa a colocar aquilo como objetivo, aí muitas vezes esse foco não chega, porque na cobrança a questão é psicológica é muito forte. Teve uma época que eu fiz com que cada um deles fizesse um quadro, uma planilha de competições e dissesse, onde é que eu quero chegar nessa competição, em que lugar eu quero chegar no circuito. A gente percebeu que no final, 50% dos objetivos foram alcançados, mas a frustração foi maior do que do que alegria de conquistar, eles não perceberam que conseguiram 50% dos objetivos, eles pensaram que não alcançaram tudo o que tinham almejado, então muitas vezes você não pode pensar em alguma coisa só por você, você tem que entender que as outras pessoas também cresceram (T1).

Referente aos objetivos traçados pelos treinadores com ênfase no desenvolvimento de valores humanos (T3 e T4), parece ser uma demanda contextual, vinculado às próprias possibilidades da prática esportiva em seu sentido amplo e também, ligado as condições particulares dos próprios atletas, conforme T4 afirma:

[...] eu venho com esse objetivo de formação do cidadão, formação do atleta, então a gente fala que tem que ter esse olhar enquanto treinador, treinador é bem abrangente, eu não consigo ser simplesmente só uma treinadora, adoraria, mas

não tem como ser assim aqui, tem que ter um lado humano (T4).

Na realidade de T4, valores como disciplina, responsabilidade e respeito, são alguns dos objetivos estabelecidos, sobretudo, para os atletas de iniciação à bocha, o que fica evidente na declaração do próprio T4:

[...] em relação aos pequeninhos é de forma mais lúdica. Eu não posso cobrar da mesma maneira, objetivando o mesmo resultado que os de rendimento, eu posso cobrar é que eles tenham o mesmo compromisso de chegar no horário dos treinos, eles terem responsabilidade com os materiais que a secretaria municipal de esportes fornece, os kits para eles [...] então a gente objetiva que eles treinem com responsabilidade, que eles procurem seguir as instruções que o técnico está passando para eles, na Bocha é isso, a gente cobra sim (T3).

O reconhecimento social foi, igualmente, mencionado (T1 e T3) como um objetivo a ser alcançado para os seus atletas. T1 acredita que a inserção destes atletas no contexto da Bocha é uma possibilidade de eles alcançarem: “o reconhecimento frente a família [...] se uma família que acredita ter um filho deficiente, ver que ele traz uma medalha, um troféu [...] o objetivo maior é isso, é ter esse reconhecimento, esse valor [...]” (T1). Além disso, T3 menciona que a participação no dia-a-dia dos treinamentos e competições oportuniza a socialização com outros atletas, bem como, diminuir a ociosidade dos atletas, como ele mesmo explica:

[...] é a socialização deles e a interação com outras pessoas, com outras deficiências. O objetivo nosso de princípio era tirar eles de dentro de casa, da ociosidade, de ficarem fechados dentro de uma sala, de um quarto, e vir para fora, mostrar que aquele cidadão que está sentado em cima de uma cadeira de rodas tem vida (T3).

Para estabelecer objetivos aos seus atletas o treinador T2 acredita relevante considerar, previamente, os interesses, as expectativas e os propósitos pessoais do próprio atleta, atribuindo deste modo um

direcionamento para sua intervenção e para o engajamento do próprio atleta:

[...] o objetivo maior que eu busco para eles é ter essa importância de treinamento, ou seja, “você está vindo aqui para que?” [...] eu sempre falo isso no começo do ano quando eu sento com eles, “qual é o objetivo seu para este ano? Você vem aqui para sair de casa? Para encontrar os amigos? Para ter essa troca de experiência aqui entre nós já está legal ou você espera mais um pouco? Aí é aonde eles dizem: “professor, porque eu quero buscar, o meu objetivo maior é eu estar em um brasileiro, conquistar uma vaga, conquistar uma vaga para o brasileiro, no momento que eu vou para o regional sul eu vou conquistar uma vaga para o brasileiro”. Ótimo, eu vou lá e coloco, agora no final do ano eu dou um outro *feedback* neles e pergunto quem deles atingiu o seu objetivo (T2).

De fato, a abordagem de T2 para estabelecer os objetivos para seus atletas parece favorecer um engajamento mais significativo dos atletas e também, uma forma objetiva do próprio atleta identificar e refletir sobre seus avanços e dificuldades no processo de buscar tais objetivos.

4.1.3.2 Objetivos pessoais dos treinadores

No que diz respeito aos objetivos pessoais dos próprios treinadores, em intervirmos profissionalmente, foram mencionados o desenvolvimento profissional (T1, T2, T3 e T4), o reconhecimento pelo trabalho realizado (T1 e T3), compromisso social (T1) e o bem-estar pessoal (T1).

Todos os treinadores declararam que um dos objetivos enquanto treinador é o desenvolvimento profissional (T1, T2, T3 e T4). Na realidade de T2 a constante busca de conhecimentos é uma forma pessoal que ele possui para criar novas estratégias de instrução dos seus atletas, bem como, de difundir a própria modalidade:

Primeira coisa, eu tenho que aprofundar os meus conhecimentos, é um objetivo maior, para eu

poder colocar em prática, buscar formas de auxiliar o atleta e difundir a modalidade, quando eu estou preparada, se eu busquei conhecimentos, as formas de como eu vou auxiliar o meu atleta, vou difundir a modalidade, eu vou começar a fomentar, porque eu já consigo ter uma base de tudo isso para eu poder colocar lá fora. Porque não adianta eu não ter a prática, o dia-a-dia do que ta acontecendo e ir la falar bonito lá fora. Se tu não conhece a realidade, então é o que eu sempre digo, se eu tenho que me aprofundar no conhecimento, eu vou conseguir desempenhar um trabalho legal (T2).

Para o treinador T1 o seu desenvolvimento profissional está associado a possibilidade de se engajar em atividades com profissionais que possuem uma realidade diferente da sua, como ele mesmo exemplifica:

[...] eu sempre fui muito crítico, eu sempre almejei que um dia eles iriam convidar os técnicos para estarem em uma seleção brasileira, observando, participando junto do treinamento, para verem o que é tratado lá, qual é a diferença que existe no treino que é feito lá, para o que existe no teu clube e como crescimento profissional (T1).

Já no caso de T3 e T4, seus objetivos, relacionados ao seu próprio desenvolvimento enquanto treinador, são em alcançarem a inserção em um contexto competitivo reconhecido pela “comunidade” da Bocha, como T3 destaca: “[...] eu quero ser um treinador da ANDE, acho que é uma das organizações maiores, só quem está acima é o Comitê Paralímpico Brasileiro, então eu vejo que se eu chegar na ANDE, eu consigo uma bagagem boa” (T3). Nesta situação, T4 reconhece que a participação em grandes eventos, o contato com outros profissionais e atletas é uma importante possibilidade de aprendizagem, como ele mesmo afirma:

[...] eu quero enquanto técnica estar em um evento grande, estar em um evento que eu possa aprender, que eu possa levar meus atletas, então, eu também quero, mas também eu tenho que ter sempre o pé no chão do que eu tenho em mãos e daquilo que eu quero [...] eu quero muito estar em

uma seleção um dia, só que não depende só de mim, tem coisas que depende de muitas outras pessoas, porque assim como eu, tem vários técnicos excelentes ou esforçados [...] (T4).

Alcançar o reconhecimento pelo trabalho realizado (T1 e T3) ao longo da carreira como treinador foi mencionado como um dos objetivos pessoais de alguns treinadores. Para T3 a sensação de satisfação com o trabalho desenvolvido e o reconhecimento por parte da comunidade na qual está inserido são indicadores reais do que persegue em termos de reconhecimento: “[...] no desfile, hoje mesmo, foi bem gratificante, o nosso foi um dos projetos mais aplaudidos na avenida quando a gente passou com o paralímpico, entre atletas e estados que estavam desfilando nós estávamos com mais de cinquenta pessoas” (T3).

O histórico de envolvimento de T1 com a Bocha, como ele mesmo expõem: “[...] a 35 anos aqui eu ajudei a criar isso aqui, poucas pessoas sabem, mas a proposta de criação do PARAJASC saiu daqui eu que escrevi a proposta para que nós tivéssemos os jogos” (T1), parece ter sido a principal razão para T1 alcançar o reconhecimento que possui, por exemplo: “[...] eu tenho uma placa lá na minha casa que a Assembléia Legislativa me deu, para mim isso é o meu valor [...] (T1) ”. De fato, almejar um reconhecimento por parte das entidades esportivas e todos os indivíduos os quais se relaciona no contexto desta modalidade, são aspectos que, evidentemente, têm impulsionado o engajamento de T1 em sua atuação como treinador:

[...] eu me sinto muito melhor, muito bem, quando as pessoas me ligam, me pedem uma ajuda e eu consigo fazer [...] o reconhecimento ao trabalho que eu faço [...] eu nunca cheguei em lugar nenhum porque eu fui, é porque eu quis chegar, porque simplesmente o meu trabalho me levou a ser convidado [...] Eu fui para a coordenação da ANDE porque talvez o pessoal, nas discussões que a gente teve, nas conversas que tivemos, talvez no histórico que as pessoas tenham conversado, reconhecimento pelo meu trabalho [...] (T1).

O compromisso social (T1) citado como um dos objetivos pessoais do treinador T1, pode ser verificado em sua percepção sobre o

seu papel em desenvolver a modalidade em sua comunidade de convívio. Isso implica em reconhecer a importância de oportunizar e auxiliar o desenvolvimento desta modalidade e também, compartilhar dos conhecimentos que possui, sobre seu modo de trabalho e suas estratégias de treino, como citado por ele:

Eu me sentiria muito mal hoje se eu tivesse, por exemplo numa seleção brasileira e não pensasse aqui onde eu moro, onde eu vivo, que existe uma equipe de bocha que eu pudesse estar ajudando. As pessoas crescem e esquecem de quem está ao seu redor, esquecem de quem pode precisar da sua ajuda, nas modalidades em si a gente percebe muito isso, a bocha é uma modalidade que tem muito dessa coisa de reservar, de poder, de conhecimento, tipo “eu não te conto isso porque se eu te contar tu vai jogar igual ao meu e aí vai ferrar o meu atleta”, as pessoas esquecem quem está atrás da cadeira, da calha, é o atleta, não é o técnico, não é aquilo que você explicou, porque naquele momento o cara vai fazer diferente (T1).

Este mesmo treinador (T1) manifesta, ainda, possuir algum objetivo relacionado ao seu bem-estar pessoal, manifestando seu desejo de cultivar um clima positivo em suas relações interpessoais em um contexto amplo, em suas palavras: “O meu objetivo pessoal é estar de bem com a minha família e com os meus atletas. Não sou muito preocupado com essas coisas de objetivo” (T1).

4.1.4 Sobre os atletas

Referente aos conhecimentos sobre os atletas (T1, T2, T3 e T4), de acordo com as declarações dos treinadores verificou-se a abrangência de três aspectos principais, que o treinador de Bocha Paralímpica deve saber sobre seus atletas: aspectos sociais e psicológicos (T1, T3 e T4); as implicações da deficiência no comportamento do atleta (T1, T2 e T3); condições físicas e capacidades funcionais (T1 e T2); as expectativas acerca da prática da Bocha Paralímpica (T3).

No que diz respeito aos conhecimentos acerca dos aspectos sociais e psicológicos dos atletas (T1, T3 e T4), verificou-se que alguns treinadores compartilham a percepção de que compreender a motivação de seus atletas e as circunstâncias que influenciam para isso possui

importantes implicações no entendimento que o treinador possui sobre o desempenho esportivo dos atletas, o que fica evidente na declaração de T1:

Na Bocha o principal é conhecer a questão psicológica dos atletas de como eles se motivam, o que você precisa saber para motivá-los, como levantar a moral deles, porque muitas vezes não é só o jogar bem. De repente o cara joga bem, mas está com um problema familiar, com um problema pessoal, não tem uma namorada, está sozinho, então tudo isso você tem que estar sabendo o que está acontecendo, para você também entender o momento do jogo (T1).

Para este treinador, saber como o atleta reage as diferentes situações do jogo em contexto de treinamento e competições, podem proporcionar um entendimento objetivo sobre as circunstâncias que influenciam diretamente o desempenho de seus atletas, como ele mesmo explica:

[...] Muitas vezes a gente só vê o resultado pelo resultado, “Ah, ganhou, foi campeão. Ah, perdeu, porque jogou mal”. Mas por que jogou mal?? Então esses conhecimentos [...] essa questão psicológica de como eles funcionam, para superar os seus limites, de aceitação, de frustração [...] isso são coisas que você tem que estar diretamente olhando e analisando (T1).

No caso de T4, entender como seus atletas interagem e como reagem diante de suas orientações no treino pode fornecer alguns indícios do desenvolvimento esportivo deste atleta:

[...] eu acho que o básico, compreender suas limitações e assim, ter bastante cuidado com a questão de como ele interage, diante de críticas ou sugestões, porque isso que vai determinar até que ponto esse atleta vai avançar ou não, quando você pega um atleta resistente a mudança ou resistente a sugestões e você percebe que ele continua fazendo o mesmo erro, isso é uma prova de que

esse atleta não vai evoluir muito, porque ele não se permite se abrir para modalidade (T4).

Para este treinador, é importante “[...] saber o que eu posso ajudar e também o que eu não posso fazer para não complicar mais ainda o meu atleta, então é uma responsabilidade bem séria [...]” (T4). De fato, ter conhecimento sobre os aspectos sociais e psicológicos dos atletas possui implicações no ambiente diário de treino, na efetividade das estratégias utilizadas pelo treinador e também, na forma como ele promove o engajamento de seu atleta no seu próprio processo de desenvolvimento esportivo e pessoal.

Verificou-se o consenso entre alguns treinadores (T1, T2 e T3) sobre a relevância dos conhecimentos acerca das implicações da deficiência no comportamento do atleta. Para o treinador T2, possuir o entendimento do tipo de deficiência de cada atleta e situá-la no contexto histórico da vida de cada um deles, é ponto de referência para todo trabalho pedagógico desenvolvido pelo treinador, conforme sua declaração:

[...] tu vais conhecer o tipo da deficiência que ele tem, a característica histórica pessoal, o restante ele vem de encontro a você. Porque no momento que tu conhecesse a deficiência, a característica histórica dele, tens uma conversa com ele, ele trouxe um diagnóstico, ele estabeleceu, olhou direitinho, o restante vai vim, aí tu vais começar a agregar outras coisas, diretamente a ele (T2).

Conhecer as limitações, o grau de dependência, a personalidade e os comportamentos dos atletas, no caso de T3, é fundamental para manter seu grupo de atletas/equipe “fechadinho” (T3). De fato, estes aspectos possuem implicações no modo como T3 compõem sua equipe, como interage com seus atletas, bem como, o tipo de orientação que fornece a eles.

[...] eu tenho que tomar cuidado que se uma menina não viaja com ninguém da família eu tenho que levar um voluntario feminino por questão do banheiro, então eu tenho que saber as características, eu tenho que saber se ele é muito apressado, se ele é calmo, se ele é muito comunicativo, se ele não é comunicativo, na casa

ele é bem comunicativo, bem extrovertido, ele brinca, ou se ele não gosta de brincadeira, então vamos tomar cuidado com o que a gente fala com ele, porque se não a gente vai perder, ele não vai querer vir (T3).

Com relação aos aspectos físicos e funcionais dos atletas (T1 e T2), T1 reconhece a necessidade de possuir um conhecimento abrangente sobre ser humano, situando a deficiência como um processo da vida de seu atleta, para assim, conseguir realizar uma intervenção eficaz enquanto treinador:

O primeiro que tem que entender, que é o básico, é sobre as pessoas, um conhecimento muito grande do ser humano que tu estás trabalhando. Entender a deficiência dele, entender as dificuldades dele e dentro disso eu trabalho para conseguir ajudá-lo o melhor que possa na execução do jogo (T1).

Este treinador acredita que: “[...] tem que saber a funcionalidade e a questão física do atleta, para saber até que ponto você pode exigir dele um determinado movimento, uma determinada postura na cadeira” (T1). Este entendimento expressa uma abordagem que valoriza as capacidades e possibilidades de desempenho esportivo do atleta. Além disso, os equipamentos de prática necessitam estar condizentes com a condição de funcionalidade dos atletas, por exemplo, “[...] se o atleta domina a cadeira? Se ele tem amplitude legal para pegar uma bola? Equilíbrio? Se cai o tempo todo? Se tem sustentação?” (T2).

Percebe-se, portanto, o caráter personalizado da orientação fornecida pelo treinador e dos equipamentos para cada atleta, T1 afirma que: “[...] os equipamentos na Bocha são muito específicos, é diferente quando tu compras uma bola de futebol é para todos, é a mesma bola é o mesmo equipamento tudo mundo usa” (T1). Para este treinador se houvesse uma padronização dos equipamentos haveria a possibilidade de: “[...] retirar aquele estigma que o equipamento melhor faz o atleta ou de que a bola dele ganha, porque a bola dele é diferente da minha, então se todos jogassem com as mesmas bolas, tiraria um pouco também desse conceito [...]” (T1), assim, do ponto de vista de seu papel como treinador ele destaca:

[...] não é apenas comprar uma bola, mas se você comprar uma bola que não é adequado para um BC3 ou BC4 você não vai tirar o melhor rendimento do teu atleta, então não é apenas comprar o equipamento é você saber qual é o uso e como ele vai funcionar para o teu atleta (T1).

O treinador T3, referente aos conhecimentos sobre os atletas, destacou a importância de conhecer a expectativa de seus atletas (T3) em relação a sua própria participação nesta modalidade. Especificamente, isso compreende saber se o atleta é capaz de refletir e identificar as razões do seu próprio engajamento na prática.

É saber se eles realmente gostam daquilo que estão fazendo, eu mesmo estou ali porque eu gosto [...] eu estou por que eu amo aquilo que eu faço, então eu acho que eles têm que estar ali por que eles gostam, porque tem alguns que dizem “a bocha é a minha vida! Depois que eu vim para cá eu descobri o que é viver de novo [...] dois atletas já falaram isso aqui na mídia, em rádios aqui na cidade, que eles começaram a viver quando eles procuraram o paralímpico e vieram para a Bocha (T3).

O reconhecimento das expectativas de seus atletas, segundo T3, essencialmente, estão ligadas ao estabelecimento de um ambiente que favoreça o desenvolvimento do próprio atleta, bem como, a satisfação da família do mesmo:

O técnico tem que saber se o atleta está bem, acho que a família tem que apoiar, acho que o essencial é eles quererem e a família querer também, é claro que para os pais, que eles são a base dos filhos em qualquer situação, seja ele cadeirante ou andante, o pai e a mãe têm que incentivar aquilo que é bom para o filho [...] então eu acho que é eles estarem bem, eles gostarem de estar ali naquele espaço, no sentido da competição é claro (T3).

4.1.5 Equipamentos para prática da Bocha Paralímpica

Relativo aos equipamentos para a prática de Bocha Paralímpica (T1, T2, T3 e T4), os treinadores investigados mencionaram que o treinador deve possuir conhecimentos sobre a diversidade e funcionalidade dos equipamentos (T1, T2, T3 e T4), a influência destes no rendimento esportivo do atleta (T1, T2 e T3), para confeccionar os equipamentos (T3), para selecionar equipamentos adequados aos objetivos do treino (T4), bem como, os conhecimentos sobre o ambiente de jogo (T2).

No que concerne aos conhecimentos acerca da diversidade e funcionalidade dos equipamentos (T1, T2, T3 e T4), a percepção unânime a respeito da importância de conhecer os tipos de equipamentos, materiais que são constituídos e do ambiente de jogo, conforme evidenciado na fala de T1 e T3:

Você tem que conhecer os equipamentos com os quais você vai trabalhar. Tem que ser um conhecedor da quadra, tem que ser um conhecedor das bolas, dos equipamentos, que são utilizados. Eu vou me apropriando de conhecimentos a cada dia, por exemplo, hoje está mais quente, então as bolas vão correr talvez menos do que correram ontem, que o tempo estava mais frio. Então até o conhecimento do clima acaba sendo uma coisa que tem que saber, conhecimento do tipo de piso, onde vai jogar. Então são muitos conhecimentos, não é só ali chegar e colocar o cara para jogar (T1).

As especificações de bocha, a calha, distinção de cores, porque é vermelho, porque é azul, a branca, para poder passar para eles, é saber tudo que está dentro da regra, tudo que está dentro da parte técnica [...] (T3).

Para além de saber sobre os equipamentos, em sua tipologia e composição, o treinador deve ser capaz de identificar e diferenciar a funcionalidade de cada equipamento para a condição particular de um determinado atleta, conforme explicado por T1 e T2:

Tem que conhecer a funcionalidade deles, como vai funcionar para cada atleta. Então, não é apenas comprar uma bola, se você comprar uma bola que não é adequada para um BC3 ou BC4 você não vai tirar o melhor rendimento do teu atleta, então você tem que saber qual é o uso que ele vai ter para o teu atleta, mas da mesma forma você saber como adapta-lo para a realidade do teu atleta (T1).

[...] então o equipamento é fundamental, você que tem que observar as características e as funcionalidades daquele teu atleta, depois estabelecer os equipamentos. Eu não tenho uma alavanca legal, uma empunhadura legal, para eu poder soltar a bola, então eu vou usar um capacete, mas que tipo de capacete eu vou usar? Com uma ponteira só, rígida ou a flexível, na ponteira eu vou colocar alguma coisa? O que é mais fácil para ele, só uma pontinha que vai bater na bola? (T2).

Para o treinador T4, a escolha de equipamentos adequados para cada atleta possui implicações claras nas estratégias estabelecidas em situações de jogo, como ele mesmo afirma: “[...] a gente tem que saber se os equipamentos são bem adequados a cada atleta, são adaptados a cada atleta, e isso é importante para definir as estratégias utilizadas para cada jogo, para cada jogador [...]” (T4).

A influência dos equipamentos no rendimento esportivo do atleta (T1, T2 e T3) foi, igualmente, mencionado por alguns treinadores como um domínio de conhecimento sobre os equipamentos de prática da Bocha Paralímpica. De acordo com T1, a variedade de materiais e o acesso aos mesmos, muitas vezes, pode determinar o desempenho técnico do atleta:

Você acaba tendo três, quatro tipos de bola, isso prejudica muito a questão técnica, porque de repente você tem um atleta excelente, mas que não tem condições financeira de comprar um equipamento de última geração, uma bola das melhores. Então ele joga com uma bolinha ruim e pegando atletas com equipamentos melhores [...] isso causa uma frustração nele, inclusive um gasto excessivo financeiro porque eles começam a

comprar bola para tentar se equiparar com aquele outro atleta (T1).

Portanto, segundo T1, o rendimento técnico dos atletas é, de certa forma, uma combinação das características fisiológicas e funcionais de cada um deles com o equipamento utilizado, como ele mesmo afirma:

Pensando nos BC3, eu tenho um que joga com o capacete, um que joga com a mão, outro que joga com uma antena, mas como você adequa isso para cada um, talvez a espessura do equipamento tem que ser maior porque a pegada dele é diferente, o outro tem que ser menor porque ele não aguenta peso na cabeça, então tem que olhar toda a questão fisiológica e funcional do atleta para daí você poder realmente indicar o equipamento que é melhor [...] para que você possa transformá-los em funcionais para aquele atleta que você quer que tenha um bom desempenho (T1).

Na percepção de T2, a influência dos equipamentos vai além das situações de desempenho técnico no jogo, com implicações na evolução, na qualidade do treino, bem como no engajamento dos atletas nos treinamentos:

[...] a gente faz as adaptações, tem vários tipos de bolas, uma mais dura, mais murcha, uma mais pesada, porque tu já sabes a estratégia do que fazer, é uma mais murcha para chegar e dificultar a bochada do adversário, outra para um pouco mais de força para tu tentar bochar [...] isso é importante para evolução do teu atleta, do treinamento, do jogo em si, é fundamental, eu acredito nisso, se tu tiver bons equipamentos com certeza o atleta pode ser bom, mas se tu não tiver um equipamento bom, você também vai chegar num ponto que você vai estabilizar, porque ele não consegue desempenhar, porque tem alguma coisa que inibe ele naquela hora, não está conseguindo mais chegar, está desgastante para ele (T2).

Para T3, particularmente nas situações de competição, o treinador deve conhecer os equipamentos para atender as normas e regras estabelecidas para as competições nesta modalidade, como ele destaca: “[...] chega na competição ele não passa na aferição, o atleta vai trocar de kit aí não é o kit que ele treinou, vai ser prejudicado, chega lá a calha não passa na medição do box, ele não vai competir com a calha dele” (T3). Segundo esse treinador, possuir o conhecimento detalhado sobre os equipamentos possui também implicações na prática de outros profissionais ligados ao contexto em que treino está inserido:

[...] então tem essas questões que o técnico tem que passar para o Calheiro, para o atleta, então tem que ter conhecimento daquilo que ele está trabalhando para não acabar acontecendo esse tipo de erro e prejudicando o trabalho de três, quatro [...] na compra de material instruir a secretaria, porque nós temos o apoio da secretaria, para comprar o kit que seja adequado (T3).

Quanto aos conhecimentos necessários para confeccionar os equipamentos, o treinador T3 relata a necessidade de saber confeccionar e adaptar alguns dos equipamentos utilizados pela dificuldade de acesso aos mesmos, sobretudo, ao considerar as características do contexto social em que desenvolve sua intervenção como treinador:

[...] então você buscar, saber como confeccionar, como que faz uma calha, é importante porque uma cidade humilde na qual eu tenho poucas condições financeiras de comprar o material que o SESI Suzano, que o próprio São José tem, que são calhas boas, então a gente tem que ir improvisando, mas, tentando improvisar, para que ela tenha uma funcionalidade técnica (T3).

No caso deste treinador, saber confeccionar o equipamento, não implica, necessariamente num domínio procedimental específico para esta finalidade, mas por vezes recorrer a outros profissionais que contribuam neste processo, como ele relata:

Nas confecções das calhas, foi difícil a parte de madeira porque eu tive que pegar um marceneiro e pedir para ele fazer umas canaletas para poder

fixar o assoalho delas e nós usamos de molde uma calha que a gente trouxe de São Paulo, a gente usou ela de modelo para fazer até a ondulação, mas eu acho que a parte mais difícil foi essa parte de madeira, depois, a parte de acoplar ela no pé de metal, que o torneiro mecânico só fez o pedestal e os suportes para aparafusá-la na parte de madeira, mas a parte de madeira foi tudo eu que coloquei, eu aparafusei elas e o acrílico extensor, que é para eles poderem jogar nas distâncias mais longas, também veio tudo limpo e eu fiz a parte de colagem de velcro de tudo nos acrílicos, nos extensores, eu fui para casa em um final de semana, sábado e domingo e coleí os extensores das calhas dele também (T3).

Ainda, relativo aos conhecimentos acerca dos equipamentos para a prática, o treinador T4 destacou a importância de saber selecionar os equipamentos adequados aos objetivos de sua intervenção (T4). Objetivamente, isso pode estar relacionado com o foco geral da sua prática, como ele indica:

Quando eu estou em um trabalho de base, para não ficar maçante e eu conseguir trabalhar em uma variação bem legal para as minhas atividades, eu utilizo outros recursos materiais [...] rede de vôlei, passar por baixo, por cima, barriga, coloca a cadeira baixinha [...] é banco, tem que passar por cima do banco, eu sempre vou trabalhar com isso em um exercício (T4).

Além do mais, T4 menciona a utilização de materiais variados para o desenvolvimento de diferentes conteúdos de treino, com vista assim, a motivação e engajamento dos atletas nos treinos:

[...] com a venda no olho para jogar, eu trabalho com a confiança, ele confiar nele, então eu gosto muito de sempre trabalhar com motivação, a gente sempre tem que estar motivando o atleta, não só frisar as dificuldades, a parte ruim do atleta, isso desestimula, ficar martelando aquela mesma coisa, então estar sempre criando coisas para que eles possam fazer, por exemplo, o mesmo movimento eu uso para atingir o mesmo objetivo

de várias formas diferentes e aumentar as possibilidades deles (T4).

Segundo o treinador T2, possuir um entendimento sobre as características e circunstâncias que permeiam o ambiente de jogo pode influenciar nas suas decisões em relação ao tipo de material utilizar e, também, qual estratégia adotar frente as circunstâncias do ambiente no qual o jogo ocorre, como ele explica:

O ambiente ele é fundamental, eu digo que influencia porque, principalmente na classe BC3, quando você pega um dia que está muito quente e quando você pega um dia que está frio com chuva, a bola ela é diferenciada, ela muda o chão, o assoalho em si muda, a textura da bola vai mudar [...] ele influencia completamente, calor, frio, o chão, as quadras de madeira, as quadras de cimento montado, também influenciam (T2).

Para se adequar ao tipo de quadra e as condições climáticas do local em que ocorre as competições, T2 e sua equipe realizam o que chama de “climatização”, com o propósito de que seus atletas possam ter alguma preparação prévia sobre aspectos específicos do local em que a competição ocorrerá.

[...] quando a gente fala isso do ambiente, quando chega a climatização que a gente fala, você vai até determinado local que você vai fazer a competição, vai fazer a climatização. Eu digo para eles, chegando lá, vocês vão observar a quadra, vão jogar, botar a calha lá, não precisa o atleta, o calheiro vai lá e vai soltar umas bolinhas, posiciona a calha e vê se aquela bola está chegando nos 3 metros como vocês treinaram e àquela altura que vocês tinham (T2).

4.1.6 Sobre a medicação dos atletas

A respeito do conhecimento sobre a medicação dos atletas (T1, T2, T3 e T4), ficou evidente a preocupação dos treinadores, com os tipos de medicamentos utilizados pelos atletas e seus efeitos (T1, T2, T3 e T4) e sobre *dopping* esportivo (T1, T2 e T3). Todos os treinadores investigados compartilham a percepção de que é relevante conhecer os

tipos de medicamentos utilizados por cada atleta e, sobretudo, os efeitos da ingestão e não ingestão destes. O treinador T1 acredita que: “[...] uma pessoa que toma um comprimido, um anticonvulsivo, um antidepressivo, um diurético, todo o seu organismo está trabalhando em função disso, então é importante o técnico ter essa noção” (T1).

Para além, saber sobre os medicamentos e seus efeitos, os treinadores destacam que este entendimento possibilita que eles compreendam determinados comportamentos de seus atletas, inclusive, em situações específicas de treinamento e competição, conforme T2 expõem:

Isso é importante para eu ver o desempenho deles em quadra, no jogo, em um treinamento, as vezes o que acontece, se eu não souber certinho o que ele está tomando, o que ele está fazendo, ele está aqui no treino dormindo, muitas vezes foi a medicação que ele estava tomando e eu não fiquei sabendo. Então eu acho que isso é primordial para ter um bom desempenho no treinamento. Saber tudo o que ele está tomando, o que ele está fazendo, o comportamento dele (T2).

Possuir domínio sobre as características clínicas de seus atletas e saber o efeito específico do medicamento ingerido, é relevante para prevenir alguma situação que possa trazer risco à integridade deles. O Treinador T1 relata que: “[...] eu tenho um atleta que tomava testosterona por causa das questões de hormônios, então a gente tem que entender como é que ele está naquele dia, de repente o humor não está legal porque o medicamento leva a isso” (T1). T2 menciona uma situação semelhante com seus atletas de categorias iniciais, conforme excerto abaixo:

É importante saber sobre os medicamentos por questões clínicas dele, para que ele não venha ter alguma coisa, alguma crise convulsiva, alguma coisa nesse sentido [...] é necessário saber para acompanhar [...] nós trabalhamos com crianças pequenas que são PCs e são medicadas, se toma Blacofeno 10mg que é um estimulante ou um relaxante, que é um relaxante muscular que eles tomam, mas eles tomam quase o mesmo medicamento [...] (T3).

O treinador T4 destaca uma situação de seu cotidiano em que ele verifica, claramente, quando seu atleta está sendo afetado, neste caso, pelo o uso da sonda, como ele mesmo relata:

[...] um atleta que usa sonda, então eu já sei que quando ele está ficando vermelho, ou está transpirando, é a sonda, ele tem que passar a sonda, porque as vezes pode dar alguma coisa nele [...] são algumas características, algumas coisas, que no fim você tem que saber algumas coisas específicas [...] (T4).

O treinador T3 também justifica a importância de inteirar-se sobre o tipo de medicação em razão dos atletas viajarem sem a presença da família: “Isso é importante saber porque nós temos atletas que não viajam com nenhum familiar eu preciso saber quem toma medicamento de uso contínuo [...]” (T3). Como na realidade de sua equipe as situações competitivas são constantes T3 e sua equipe desenvolveram uma forma particular para possuir controle sobre as características e medicamentos utilizados por cada um de seus atletas, como ele relata:

[...] nós estamos pegando os diagnósticos deles, de todos eles e estamos pegando a medicação e levando para uma pasta de cada um deles para a gente saber antes da viagem, a gente está tentando de alguma forma de não falhar nesse sentido, de sair em uma viagem aí o atleta acaba entrando em um estado de convulsão e isso causar um espanto para os outros, então a gente toma cuidado nesse sentido (T3).

Embora o *dopping* esportivo tenha sido mencionado por alguns treinadores (T1, T2 e T3), esta parece não ser uma demanda exigida pelas entidades nacionais da Bocha Paralímpica para todas as competições dessa modalidade, conforme explica T1: “Eu nunca procurei porque a gente não tem essa lógica do *dopping*, mas se tivesse, com certeza eu teria que fazer algum estudo” (T1). T4 relata sua experiência em uma competição internacional, reconhecendo que os diferentes tipos de deficiência dos atletas, a variedade de medicamentos utilizados é um grande desafio para atender as normas do *dopping* esportivo.

[...] aconteceu isso agora no Parapan juvenil, tinha um atleta BC4, tinha um dos atletas das crianças, que tinha distrofia de Duchenne e toma um bando de remédio, todos os dias é mais de nove comprimidos e um deles, o principal, está no *dopping* e ninguém sabia, e se fosse investigado ia dar no *dopping* e aí foi toda aquela questão de mudar ou não a medicação, verificar com o médico se vai mudar ou não. (T4)

No caso de T3, apesar de ele afirmar estar atento com a questão do *dopping* ele reconhece que: “[...] eu não tenho conhecimento se algum medicamento que possa aparecer e estar dando como *dopping*” (T3). Mesmo assim, este treinador enfatiza em sua intervenção a responsabilidade de seus atletas em utilizarem, especificamente, medicamentos ligados as suas deficiências e não para a melhora do desempenho esportivo, como ele mesmo declara:

[...] eles tomam medicamento que é relacionado a lesão deles, isso eles tomam, está escrito aqui na receita e está junto com o diagnóstico de cada um deles que a gente está colhendo, mas a gente comenta para não usarem produtos ilícitos, não usem drogas, vai ser ruim para nossa imagem do programa paralímpico (T3).

4.1.7 Relações interpessoais

A respeito dos conhecimentos para as relações interpessoais (T1, T2, T3 e T4) verificou-se, a partir da declaração dos treinadores, três domínios principais: relações com outros profissionais envolvidos no treino (T1, T2 e T3), relações com outros profissionais e entidades fora do contexto de treino (T1, T2, T3 e T4), e ainda, o conhecimento para estabelecer relações com os pais dos atletas (T2 e T4).

Os conhecimentos para as relações com outros profissionais e entidades fora do contexto de treino (T2, T3 e T4), foram verificados nas declarações de alguns treinadores, em virtude da necessidade de seus atletas possuírem acompanhamento de profissionais de outras áreas “[...] eles têm a nataçãõ, a fisioterapia, a psicologia, que eles fazem fora [...]” (T2), caracterizando um trabalho multidisciplinar, que na realidade destes treinadores, não é oferecido pela entidade a qual estão vinculados, conforme relata T3:

[...] nós temos as parcerias com a universidade, a parte de fisioterapia e a parte de equoterapia, que os nossos atletas a maioria estão fazendo é equo e fisioterapia, então como a gente não tem no programa esses profissionais a gente conseguiu particular, alguns tem patrocínio de empresários da cidade [...] (T3).

Para este mesmo treinador, a participação dos atletas nestas atividades envolve uma estrutura e uma rotina que atenda às necessidades pessoais dos atletas, as necessidades estruturais do clube ou da entidade esportiva, como ele mesmo afirma: “A gente foi direcionando os que tinham maior dificuldade, se não tinham automóvel para poder se dirigir a esses locais, aí a van adaptada vai buscar eles, a mesma van que traz para os treinos é a que leva para o tratamento de fisioterapia e equoterapia” (T3).

Embora profissionais como fisioterapeuta e o psicólogo, no caso de T4, não estejam ligados diretamente ao seu dia-a-dia de treinamento, ele busca estabelecer um trabalho em equipe com estes indivíduos com o propósito de compartilhar informações sobre os atletas, contribuindo assim de modo eficaz na sua intervenção como treinador.

[...] eu tento fazer um trabalho em equipe, hoje eu tento ver com fisioterapia, como eles sabem que eles são atletas eu concordo, vai para a fisio, tem que ser uma fisio direcionada, não adianta ir para a fisio e fazer só um clínico, porque nem eles gostam, aí eu converso com a psicóloga, eu levo para elas o que eu sei, para que elas saibam o que está acontecendo, para que elas me ajudem, me liguem e também depois posso tratar com eles [...] (T4).

O treinador T1 mencionou as relações estabelecidas com outros profissionais para a construção dos equipamentos (T1). Este treinador relata que: “[...] essa troca é importante, mas a grande dificuldade é você não ter esses profissionais a tua disposição [...]” (T1), a dificuldade de encontrar profissionais qualificados que atendam aquilo que o treinador necessita, em termos de equipamentos, é enfatizado por T1:

Outra questão é você encontrar as pessoas profissionais qualificados ou com vontade de te ajudar [...] você encontra um marceneiro, tu encontra um serralheiro, mas de repente aquele serralheiro que você encontrou não tem a capacidade criativa de fazer um equipamento, de te dar uma ideia, de discutir contigo como é que funciona, ele quer a coisa pronta. Tem outros profissionais que você chega lá, por exemplo, fala uma coisa e o cara já vem com outras ideias de como poderia ser melhor (T1).

Alguns treinadores (T1, T2 e T3) compartilham a percepção de que é necessário, para sua intervenção profissional, possuir conhecimentos para estabelecer relações com os profissionais que estão presentes no dia-a-dia dos treinamentos e competições. Como exemplo, no contexto de intervenção de T3 verifica-se uma variedade de outros profissionais envolvidos no ambiente de treino, como ele mesmo indica:

[...] temos o Maurício, com os próprios *staffs* dos BC3 e BC1 que é o Elias que auxilia o Maurício, aí temos os estagiários que vem no horário da manhã e são essas pessoas que ajudam. A relação com eles é boa, é uma troca também, sempre trocam os estagiários, um semestre é dois, no outro semestre são outros dois [...] (T3).

Na realidade de T1, as situações em que interage com professores auxiliares é uma possibilidade de refletir a sua própria prática pedagógica, como ele próprio relata: “[...] tem muitos professores que dão sugestões, se eles vêem alguma coisa errada dão um toque, eles trazem orientações, a gente discute, eu gostei disso, não gostei daquilo, eu acho que essa posição não ficou legal [...]” (T1). Conforme as declarações de T2, as discussões e debates com os auxiliares, geralmente, ocorrem quando algum aspecto do treino não possui uma avaliação positiva e possuem um caráter de troca de informações sem restrições, conforme evidenciado no excerto abaixo:

[...] sempre quando as coisas não estão indo certo a gente conversa, a gente discute e eu e o João, a gente senta [...] o pessoal foi embora, a gente senta, como foi hoje, como foi de manhã, a gente tem essa troca, não tem essa coisa de rivalidade,

“ah, não, esse está melhor, o teu tu não fizeste isso porque?” A gente sempre tem que trocar (T2).

Para T1, a condução do treino em conjunto com outros profissionais, quando estabelecida uma coerência e consenso entre os indivíduos envolvidos neste processo, possui implicações importantes nas orientações fornecidas aos atletas, conforme o excerto demonstra:

[...] uma coisa que é legal no treino é que tu vais ali e fala uma coisa para o atleta e no outro dia você não está lá e um outro colega vai lá e fala a mesma coisa. Então isso mostra para o atleta que aquilo que ele está fazendo ou é muito errado ou é muito bom, mas que as pessoas observaram aquilo. Então quando eles veem que outra pessoa também veio dar o mesmo toque, aí a consciência é maior, “se dois já falaram é porque alguma coisa está bom ou está ruim” [...] o valor da informação passa a ser maior (T1).

A respeito dos conhecimentos para estabelecer relações com os pais dos atletas (T2 e T4), conforme mencionado por estes treinadores, há um envolvimento dos pais nas próprias seções de treino. A falta de autonomia dos atletas e a necessidade da presença dos pais para proporcionar um ambiente favorável ao engajamento dos atletas são aspectos que, por vezes, justificam a participação dos pais em tarefas que são típicas do treinador, como o próprio T2 relata:

[...] os pais também às vezes estão ali, já chegam, às vezes eu estou aqui fazendo minha atividade, da minha aula, eu já digo, quando vocês chegam, já pegam todo equipamento, já faz um aquecimento. Eles vão lá, já direcionam cada um no seu box, aquecendo, aí eu já chego e está tudo certinho assim (T2).

Embora T4 reconheça o auxílio dos pais dos atletas no desenvolvimento das sessões de treino, ele destaca em algumas situações que: “[...] os pais me atrapalham, querem ficar se metendo e eles fazem direto isso, eu ensino uma coisa, chego em casa e eles fazem outra e o atleta nunca sabe quem seguir, sempre seguem o pai [...]” (T4). Este mesmo treinador declara que exige dos pais o consenso e respeito

sobre as orientações que fornece aos atletas, o que de fato, possui implicações nas decisões dos próprios atletas:

[...] eu cobro dos pais, eu mostro para eles que temos que caminhar juntos para gente se ajudar, eu já falei para eles: “se vocês se meterem demais no treino, se vocês me escutam falando, vocês têm que falar a mesma coisa que eu falo”, porque eu falo uma coisa no treino e chega em casa o pai manda fazer outra, porque acha que tem que ser de outro jeito, aí o atleta vai fazer o que o pai falou (T4).

4.1.8 Conhecimentos teóricos (“ologias”)

Referente aos conhecimentos teóricos (T1, T2 e T4) os treinadores investigados citaram os conhecimentos a respeito do treinamento esportivo (T1), a iniciação esportiva (T1), biomecânica (T2), a didática (T4) e ainda, sobre matemática (T1) e física (T1).

Com relação aos conhecimentos sobre treinamento esportivo, o treinador T1 indica que o treinador deve saber sobre os princípios gerais do treinamento esportivo, como ele mesmo indica: “[...] a Bocha não é uma modalidade diferente das outras, os princípios do treinamento são os mesmos, você tem que ver questões de valências físicas, a periodicidade do treinamento, você tem que ver tudo [...]” (T1). No entendimento de T1, as condições físicas de seus atletas não justificam a não consideração destes princípios para sua intervenção:

[...] seja ela paralímpica, olímpica, não existe diferença, os princípios são os mesmos, um atleta hoje requer a mesma condição física de um atleta olímpico? Qual é diferença deles? Porque não tem uma perna, não tem um braço, não existe essa diferença (T1).

Este mesmo treinador (T1) menciona a importância de conhecimentos sobre a iniciação esportiva, ele explica que os fundamentos e exercícios indicados para a iniciação de outras modalidades servem como referência para delimitar estes aspectos no processo de iniciação da Bocha, conforme ele explica:

[...] você não tem um livro que fale sobre Bocha Paralímpica, que explique tudo como funciona, mas você indo lá dentro dos fundamentos, quando você vai ver o voleibol que tem os exercícios de iniciação, você vai também usando isso, mas eu tenho que criar exercícios de iniciação da Bocha. Lá no voleibol, eu tinha exercícios de ataque e defesa, eu tenho que ter exercícios de ataque e defesa na Bocha, então as coisas não estão desvinculadas (T1).

No caso do treinador T2, o conhecimento sobre a biomecânica é imprescindível para ele, por meio de sua intervenção, extrair dos atletas níveis mais elevados de desempenho, agregando qualidade ao repertório de movimentos dos seus atletas, que são, geralmente, restritos e com certas limitações.

[...] biomecânica é fundamental para nós, principalmente na Bocha, acho que tu tem que ter um pouco desse conhecimento para poder agregar um pouco mais ao nosso treinamento, principalmente para o rendimento, de como tu pode explorar um pouco mais deles. Se tu conhecer bem a mecânica, ela é fundamental para o nosso atleta, em que saber o que está nos direcionando e o que tu pode depois aprofundar e buscar um pouco mais deles (T2).

Objetivamente, para este treinador (T2), possuir conhecimento dos conceitos gerais de biomecânica o auxiliam a congregam um entendimento detalhado sobre a condição corporal e funcional de cada atleta, o que permite, de fato, ele explorar aspectos distintos em cada um deles: “[...] eu tenho que conhecer meu atleta, a biomecânica dele, ter toda a parte de conhecimento do corpo dessa pessoa para explorar um pouco mais dele, de força, de amplitude [...]” (T2). Nestas circunstâncias, explorar segundo T2, significa que: “[...] se eu não posso trabalhar com ele aqui, eu vou trabalhar mais aberta, ou fechado, o cotovelo mais semi-flexionado, eu vou ganhar mais força, se eu abrir mais eu vou ganhar menos, então é todo um trabalho das alavancas [...]” (T2). De fato, para o treinador T2, seus conhecimentos contribuem para realizar uma intervenção específica para cada atleta que possui:

[...] mas eu pego um BC2, por exemplo, eu pego um BC4, é diferente, a dinâmica do jogo vai ser diferente, porque eu vou ter que trabalhar em pêndulo, por exemplo, o BC4, já o BC2, eu vou ter que trabalhar um pouco mais de empunhadura, flexão e extensão, eu vou ter que trabalhar mais força (T2).

Ainda a respeito dos conhecimentos teóricos, o treinador T4 acredita que: “[...] independente da modalidade a gente tem que ter didática, tem que ter conhecimento da didática, tem que ter conhecimento do esporte [...]” (T4). Já para T1, fazendo referência à construção dos equipamentos de seus atletas, este destaca que: “[...] principalmente eu que tenho o BC3, eu tenho que ter conhecimento de matemática, tenho que ter um pouco de conhecimento de física, eu tenho que saber como trabalhar isso na hora de preparar um equipamento” (T1).

5 DISCUSSÃO

O objetivo principal deste estudo foi analisar os conhecimentos para a intervenção profissional de treinadores de Bocha Paralímpica de Santa Catarina. Especificamente, analisou-se a percepção destes treinadores sobre os conhecimentos necessários para sua intervenção, bem como, as fontes para a obtenção destes conhecimentos. Neste estudo, portanto, os conhecimentos para a intervenção profissional dos treinadores investigados, foram interpretados com base nos elementos que constituem as propostas conceituais sobre a intervenção do treinador esportivo (BRASIL et al., 2015), nomeadamente, os papéis dos treinadores, os objetivos deles para os atletas e para si mesmo, os conhecimentos sobre os atletas, os conhecimentos sobre os equipamentos para a prática, os conhecimentos sobre a medicação dos atletas, os conhecimentos sobre as relações interpessoais e os conhecimentos teóricos. Particularmente, os dados referentes as fontes de conhecimentos mencionadas pelos treinadores, foram tratadas neste capítulo com o propósito de fornecer evidências que auxiliem uma compreensão geral sobre os “caminhos” em que os treinadores obtiveram seus conhecimentos.

No que diz respeito ao **conhecimento sobre os papéis assumidos** pelos treinadores de Bocha Paralímpica, como o de “amigo” e “psicólogo”, observou-se uma tendência para a construção da confiança entre treinador e atleta, apresentando assim, aspectos importantes para o desenvolvimento das relações. Neste caso, a aproximação entre treinador e atleta, oportuniza ao atleta confiar na orientação que o treinador manifesta em sua intervenção, especialmente com as circunstâncias ligadas com a criação da intimidade, devido ao comprometimento motor advindo da deficiência.

Além disso, evidencia-se que as principais fontes para a busca dos conhecimentos sobre os papéis do treinador, foi adquirido com o engajamento diário com os atletas, advindos da experiência no treino e com as participações em competições. Além disso, foram citadas as reflexões ocorridas sobre a própria intervenção, sobretudo, na busca por alternativas para solucionar os problemas acometidos na prática diária, a partir da criação de repertórios que os auxiliem na intervenção profissional.

A complexidade da intervenção do treinador, é baseada nas diversas funções de atuação que o treinador necessita para desempenhar sua função com êxito, dentre elas, compreendem as atribuições do ensino e do treino por meio da prática esportiva, na qual é caracterizada

como uma intervenção multifacetada, pois inclui as funções de técnico esportivo, educador, líder e gestor (CÔTÉ; GILBERT, 2009; JONES, 2006). Assim, percebe-se que a atuação do treinador esportivo parece estar atrelada à uma combinação de elementos que compreendem a intervenção dos treinadores, associado a uma gama de conhecimentos sobre diversas temáticas (BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015). No caso dos treinadores paradesportivos, isso envolve questões relacionadas aos comportamentos dos atletas com deficiência, como as adaptações biológicas necessárias para desenvolver o treinamento (DEPAUW; GAVRON, 2005; QUADE, 1999).

No estudo de McMaster, Culver e Werthner (2012) realizado com cinco treinadores de paradesporto (esqui aquático adaptado, natação paralímpica, basquete em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas e tênis em cadeira de rodas), o objetivo principal foi analisar as experiências de aprendizagem dos treinadores nos esportes para pessoas com deficiências. O estudo compreendeu três etapas para a coleta de dados, utilizando procedimentos de pesquisa qualitativa, como observações e entrevistas, para verificar as experiências úteis para a busca pelas fontes de conhecimentos. Encontrou-se nessa pesquisa, que o desenvolvimento das relações positivas entre treinador e atleta, os auxilia na compreensão das capacidades funcionais dos seus, sobretudo, no que diz respeito ao progresso no treinamento, associado com o aumento da confiança para lidar e ajustar o treino para os atletas com deficiência.

Na pesquisa de Tawse, Bloom e Sabiston (2012), com quatro treinadores de rugby em cadeira de rodas, o principal objetivo foi explorar as experiências pessoais desses treinadores no desenvolvimento de seus atletas. O estudo foi desenvolvido utilizando procedimentos de pesquisa qualitativa (entrevista semiestruturada) envolvendo as experiências pessoais para o desenvolvimento dos conhecimentos dos treinadores para o treino. Com isso, os resultados propuseram, que os treinadores ao desenvolver diferentes papéis na intervenção, podem auxiliar estes, a entender as habilidades e as limitações de cada atleta, sobretudo, na formação de indivíduos independentes para o esporte e no âmbito social.

As experiências de prática diária, podem facilitar a obtenção de conhecimentos necessários para a intervenção, a partir da conciliação de métodos que agreguem nos treinadores informações para facilitar a resolução de problemas peculiares, mediante a um processo que Schön (2000) intitula de “epistemologia da prática”. Contudo, autores como Gilbert, Côté e Mallet (2006), salientam que a experiência da prática

adquirida no dia-a-dia, não garante a eficácia necessária para a obtenção dos conhecimentos e as competências indispensáveis para a intervenção do treinador esportivo.

Na presente pesquisa, os treinadores apontaram que o desenvolvimento das relações positivas entre treinador e atleta, é o ponto crucial para criar um vínculo de confiança, amizade e respeito. Acredita-se que o treinador de Bocha Paralímpica, ao desenvolver diferentes papéis, isso pode se transformar na “porta de entrada” para estabelecer vínculos de cooperação, responsabilidade, respeito e proximidade entre estes. De modo geral, esses aspectos foram encontrados em outras pesquisas com treinadores de esportes paralímpicos (TAYLOR et al., 2015; TAWSE; BLOOM; SABISTON, 2012) e de esportes convencionais (BARROS, 2016; BRASIL, 2015), o que aproxima a atual pesquisa das investigações recentes.

Contudo, cabe ressaltar que no campo de intervenção da Bocha Paralímpica, diferentemente dos estudos encontrados, surgiu o termo “apaziguador”, que reflete a capacidade do treinador de ser coerente com os atletas e de buscar alternativas para amenizar possíveis desavenças ocasionadas por algum atleta, que venha apresentar um desempenho esportivo superior. Observa-se também, que o treinador da modalidade investigada, “absorve” papéis que podem não ser encontrados em outras modalidades, pois a responsabilidade incorporada pelos treinadores com os seus atletas, atribui uma grande proximidade entre eles. Diante disso, este aspecto acaba por ser um ponto crucial, especialmente, por vezes a presença da família nas competições não acontecer. Já nas fontes de conhecimentos, esta pesquisa destacou a ênfase atribuída pelos treinadores, às suas experiências de práticas diárias na intervenção, uma vez que ocorre dificuldade dos treinadores com materiais que os auxiliem.

Quanto aos objetivos indicados pelos treinadores para estabelecer **aos seus atletas**, os profissionais investigados, particularmente, parecem atender ocasionalmente as expectativas dos atletas, a partir do envolvimento que cada um destes apresenta na prática da modalidade. Com isso, os treinadores asseguram para cada atleta, a possibilidade de “se sentir capaz” com o envolvimento em alguma atividade que o inclua, e esse aspecto aparenta propiciar o desenvolvimento de qualidades, por exemplo, de proporcionar ao atleta a capacidade de refletir sobre seus avanços e os obstáculos que surjam no processo. Para os treinadores indagados, o comprometimento no ambiente da Bocha Paralímpica, permitiu adquirir os conhecimentos necessários para a intervenção, no que diz respeito aos objetivos

esperados para os atletas. Deste modo, os conhecimentos sobre esse aspecto, se adquiriu com o envolvimento na modalidade, na qual argumentado pelos treinadores, que a principal fonte de conhecimento foi prática diária nos treinamentos, participações em competições e com as diversas experiências ocasionadas com a intervenção profissional.

Segundo Côté e Gilbert (2009), a atuação do treinador, necessita abranger quatro tipos de resultados positivos com seus atletas, neste caso: *Confiança*, está associado com o desenvolvimento da autoestima e a habilidade em que o treinador possibilita a vivência positiva da modalidade aos seus atletas, além de um engajamento entre estes; *Competência*, que para o treinador de Bocha está unido com a capacidade do treinador de ensinar/treinar a modalidade, na qual favoreçam o aperfeiçoamento do desempenho esportivos de seus atletas; *Caráter*, se refere a transmissão de valores adequados para a formação do “ser humano”, incluindo o respeito, a responsabilidade e o companheirismo, características do ambiente de prática; *Conexão*, trata-se da competência em criar vínculos entre treinador, atletas e familiares, na qual estabelecem resultados positivos dentro e fora do contexto de prática. No caso da Bocha, associa-se com a intimidade criada entre as partes envolvidas, pois muitas vezes o treinador age como membro da família no cuidado dos atletas, especialmente nas competições.

No caso da pesquisa de Brasil (2015), que objetivou investigar o conhecimento profissional para o ensino do *Surf*, utilizando procedimentos metodológicos de caráter quantitativo através do estudo de campo. Os treinadores ressaltaram que mesmo percebendo qual desenvolvimento esportivo aquele atleta terá, e em que estágio ele pode atingir, os investigados salientam que para o estabelecimento dos objetivos, os treinadores necessitam considerar dois importantes pontos. Nesse caso, o primeiro ponto é reconhecer as características pessoais dos praticantes (idade, sexo, experiência esportiva); e o segundo, é o treinador estar ciente da pretensão que o praticante dispõe para a prática da modalidade, ou seja, considerar as expectativas que este manifesta quando busca um profissional qualificado. Evidenciado assim, o foco dos treinadores para atender principalmente os objetivos dos praticantes, aproximando os achados da presente pesquisa com os treinadores de Bocha Paralímpica.

O contexto esportivo em que o treinador está inserido, permite a este, buscar conhecimentos para serem utilizados na modalidade, por meio do encorajamento de fazê-lo observar e perceber o que ele realmente necessita saber (NELSON; CUSHION, 2013; MALLETT; RYNE; DICKENS, 2013). Contudo, somente a busca por

conhecimentos que julgam ser necessário naquele momento, podem não ser suficientes para agregar nos treinadores os conteúdos primordiais a prática. Essas evidências também foram encontradas no estudo com treinadores de Ginástica Artística (GA) (BARROS et al., 2017), na qual o objetivo foi identificar as fontes de conhecimentos, utilizando procedimentos qualitativos. Identificou-se, que o convívio no ambiente de prática é uma fonte de conhecimento útil e que facilita a construção dos conhecimentos necessários para a intervenção, quando os treinadores se deparam com algum problema circunstancial sobre o ensino de algum elemento técnico, e ao dispor dessa fonte, pode facilitar o aprendizado do treinador.

De fato, a busca pela integração entre treinador e atleta, ainda continua sendo o ponto forte da pesquisa com os treinadores de Bocha, fato este que aproxima a pesquisa, daquelas realizadas com outros treinadores do contexto paralímpico (CREGAN; BLOOM; REID, 2007; MCMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012; TAYLOR et al., 2015). Isso acontece, pois, o treinador de Bocha Paralímpica, está mais preocupado com a inclusão da pessoa com deficiência no meio paradesportivo, do que com o interesse em adquirir somente um atleta campeão da modalidade.

Assim sendo, o treinador de Bocha, vê no praticante, um atleta que por vezes, poderia estar somente em casa, sem que a própria família presumisse potencial nesse indivíduo. Além do mais, isso ocasiona nestes, uma melhora na qualidade de vida com a prática paradesportiva. Isso difere do que ocorre em outras modalidades esportivas, como no caso da GA, que o treinador busca alcançar o desempenho do atleta, para mantê-lo dentro da equipe de competição (BARROS, 2016).

Sendo assim, dentre as fontes de conhecimentos citadas pelos investigados, o envolvimento com a modalidade foi a mais referida. Isso pode ocorrer devido à falta de materiais disponíveis na literatura sobre a Bocha, o que ocasiona aproximação do treinador na modalidade e conseqüentemente com os atletas. Para assim, buscar os conhecimentos necessários para a intervenção, ressaltando novamente a importância da integração entre treinador e atleta.

Relativo aos objetivos previstos pelos treinadores **para a evolução profissional**, averiguou-se que as decisões desses profissionais estão atreladas principalmente as necessidades dos atletas, associado com a busca de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento profissional. Deste modo, esses indicadores permitem destacar a preocupação desses profissionais na capacidade, bem-estar e todos os aspectos que envolvem os atletas, e em virtude disso, oferecer

condições aos treinadores para dominar conhecimentos importantes para a atividade profissional. Os conhecimentos sobre os objetivos pessoais utilizados por esses treinadores, foi obtido através da observação, a partir da reflexão sobre sua atuação, juntamente com a necessidade de buscar informações que possam ser aplicadas na prática do treino, como exemplo, a utilização da *internet* como meio de auxílio para averiguar estratégias de desenvolvimento dos atletas.

Independentemente do tempo de atuação profissional, os treinadores necessitam abranger conhecimentos referidos como do tipo declarativo e processual. Uma vez que, estas informações asseguram no treinador discernimento sobre questões que envolvem conhecimentos relativos aos atletas, como os processos biológicos, psicológicos e das capacidades funcionais (CÔTÉ; GILBERT, 2009; GILBERT; CÔTÉ, 2013). Além disso, necessitam possuir conhecimentos e concepções pedagógicas para promover nestes, a capacidade de adquirir o repertório motor necessário para a modalidade, mas sem omitir a satisfação e bem-estar em que os atletas precisam apresentar para a prática da Bocha.

No estudo de Taylor et al. (2015), é possível observar as ponderações feitas pelos treinadores sobre as questões que envolvem a reflexão para a intervenção profissional. Neste estudo, os investigados citam, que ao analisar os atletas a todo momento, possibilita aos treinadores transformar sua intervenção, ao invés de geralmente encontrar empecilhos que dificultem os próprios pensamentos, mantendo-se longe dos seus objetivos pretendidos. Ainda assim, Brasil, Ramos e Nascimento (2015), ressaltam que a atuação profissional do treinador, depende de suas características pessoais, pois o modo como compreende a prática profissional e a reestrutura é determinante para redefinir as estratégias de trabalho.

Através da pesquisa de Cregan, Bloom e Reid (2007) com treinadores de elite da natação paralímpica, na qual visou examinar a evolução da carreira e o conhecimento desses treinadores, utilizando entrevista semiestruturada. Os investigados destacaram a importância de oportunizar aos atletas, treinamentos individualizados para possibilitar a estes, um ambiente de participação nas atividades do treino independentemente dos limites físicos apresentados. Ainda assim, destaca-se nos achados que os objetivos normalmente são analisados na intenção de tornar o ambiente acolhedor e propício para todos os níveis de desempenho. Esse tipo de alternativa, estabelece nos atletas um ambiente de confiança com os treinadores e destaca o olhar dos profissionais sobre a reflexão de seus objetivos, na qual estão orientados para a necessidade dos atletas.

As evidências têm mostrado que o uso da *internet* e a reflexão sobre sua intervenção, são importantes fontes de conhecimentos, corroborando com estudos recentes (MESQUITA; ISIDRO; ROSADO, 2010; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012). Na GA, a consulta em sites cujo teor está voltado a modalidade, proporciona uma oportunidade de adquirir conhecimentos para desenvolver estratégias e progressividade em conteúdos específicos da GA (BARROS et al., 2017). Além do mais, treinadores de várias modalidades (MESQUITA; ISIDRO; ROSADO, 2010), evidenciam que o volume de informações disponíveis na *internet*, é considerado significativo, permitindo aos treinadores buscar conhecimentos que possam ser desenvolvidos na intervenção profissional.

Deste modo, nota-se na presente pesquisa, que os investigados apontam por centrar seus objetivos pessoais nas necessidades dos atletas, o que pode expressar diferenças significativas, quando associado com outras modalidades esportivas. Ainda assim, ocorre uma aproximação com outros contextos paralímpicos investigados, quando se associa o interesse em desenvolver um ambiente diferenciado aos atletas, na pretensão de cativar o atleta para a prática. Acrescenta-se ainda, que para os treinadores de Bocha, a principal divergência com outras modalidades, e que cabe ser destacada, é a responsabilidade e o compromisso social para com todos os envolvidos com a modalidade, mas principalmente com os seus atletas. Muitas vezes cativar o atleta é necessário, pois, o treinador estimula com que o atleta participe frequentemente dos treinos e assim, consiga atribuir sentido para a sua vida, ao invés de estar somente em casa.

Salienta-se também, que a principal fonte de conhecimento foi a observação, assim como evidenciado em outras pesquisas (BARROS et al., 2017; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012). A observação é indispensável, por ser uma modalidade com vários graus de comprometimento motor, uma vez que não existem manuais prontos para auxiliar o treinador. Sendo assim, é fundamental a observação dos treinadores nos atletas para alcançar um trabalho efetivo e que possa desenvolver nos atletas os aspectos específicos da Bocha Paralímpica e assim, auxiliar o treinador.

No âmbito dos conhecimentos necessários a intervenção, os treinadores inicialmente evidenciaram a importância sobre os **conhecimentos relacionados aos atletas**, na perspectiva de entender o atleta como um todo, abrangendo as implicações da deficiência sobre o comportamento, os aspectos sociais, psicológicos, as condições físicas e funcionais desses atletas. Esse entendimento proporciona aos

treinadores, compreender como ocorre o desenvolvimento dos atletas em todos os pontos, além de proporcionar nos treinadores implicações práticas, por meio da criação de estratégias que os favoreçam no engajamento com os atletas. Os treinadores foram unânimes quando afirmam que os conhecimentos sobre os atletas, foram adquiridos por meio do compartilhamento de informações com outros treinadores e com outras pessoas envolvidas no esporte, como por exemplo, árbitros, classificadores e assistentes.

Na perspectiva de Ramos, Graça e Nascimento (2008), o conhecimento sobre os alunos, é um dos elementos que compõe a base para a docência, pois permite compreender as características gerais dos alunos, seus comportamentos, suas preferências, os valores, bem como, saber como aprendem. Esse conhecimento é caracterizado como o conhecimento de base ou conhecimento profissional para a intervenção (NASCIMENTO, 2002), pois permite ao treinador ter acesso aos meios que possibilitem a resolução de problemas ou estratégias de ensino, que ocasionem aos treinadores, repassar os conteúdos com maior eficácia, constituindo importante ferramenta para o professor/treinador.

No estudo de Duarte e Culver (2014), realizado com uma treinadora de vela adaptada, na qual o objetivo era analisar o desenvolvimento destes, utilizando a aprendizagem ao longo da vida, através de procedimentos qualitativos. Observou-se nessa pesquisa, que ao apresentar um maior entendimento e compreensão sobre os atletas, este aspecto permite desenvolver a comunicação entre treinador e atleta, propiciando ao treinador experimentar diferentes estratégias para utilizar na intervenção profissional como meio de explorar as capacidades de cada atleta.

Para Milistetd et al. (2017), ao conhecer os atletas envolvidos nos contextos esportivos, isso possibilita ao treinador ter maior auxílio para o planejamento e intervenção do *coaching* esportivo, através do interesse, objetivo e relevância que o praticante dispõe para a modalidade, juntamente, com o entendimento das suas necessidades e do significado que cada atleta apresenta para a modalidade. Na mesma pesquisa de McMaster, Culver e Werthner (2012), foram encontrados resultados unânimes, que apontam sobre a importância do conhecimento amplo sobre os atletas. Neste caso, os treinadores revelaram que ao compreender os praticantes, isso enriquece a relação entre ambos, pois capturam informações sobre as características das deficiências e assim facilita a construção do treinamento para melhor desenvolver as capacidades dos atletas.

Relacionado as fontes de aprendizagem, a pesquisa de Duarte e Culver (2014), citada anteriormente, com uma treinadora de vela adaptada, apontou que a convivência com outros treinadores e atores envolvidos com o paradesporto, é a principal forma para a construção dos conhecimentos. Esse tipo de artifício ocorre, já que é difícil encontrar materiais (livros, cartilhas) que retratem o modo como trabalhar com pessoas com deficiências no esporte, e ocasionalmente, pode ocorrer “fuga do contexto de prática” por parte dos treinadores ao se depararem com esse obstáculo, já que estes não possuem informações que facilitem a intervenção com esse público.

Percebe-se, portanto, que mais uma vez os treinadores primeiramente refletiram sobre a necessidade dos atletas, para posteriormente, pensar sobre o seu desenvolvimento profissional. Destaca-se que a expectativa sobre o treinador para prática dos atletas, foi um dos elementos menos citados pelos investigados, demonstrando o interesse destes em pensar inicialmente nos atletas, sobretudo, em conquistar esse indivíduo para permanecer na prática. Esse fator contribui na intervenção do treinador, pois facilita a organização da prática, a partir da compreensão do atleta como um todo, na qual pode ser a condição que diferencie a Bocha Paralímpica das modalidades convencionais ou até mesmo de outros esportes paralímpicos.

Outro coeficiente de distinção, é o fato da principal fonte de conhecimento na Bocha Paralímpica ser o compartilhamento das informações, fator elencado por todos os treinadores investigados, o que pode ocorrer principalmente em modalidade paralímpicas, devido à falta de materiais disponíveis que auxiliem os treinadores na intervenção, o que justifica os treinadores a buscarem auxílio uns com os outros. Por outro lado, em modalidades convencionais como na GA e na ginástica rítmica (GR) (BARROS, 2016; SAMPAIO, 2017), muitas vezes ocorrem resistências para a partilha de conhecimentos, devido ao “medo” de perder informações que possam ser úteis para o desenvolvimento esportivo de outros atletas que não sejam os seus.

Os conhecimentos sobre os equipamentos, apresentam uma tendência a preocupar-se com todas as particularidades que envolvem os equipamentos, desde a fabricação, montagem, até a aplicação prática no treino e competições. Além disso, os treinadores apresentam maior importância ao que envolvem a diversidade, funcionalidade e a influência que estes equipamentos podem exercer caso não sejam utilizados de forma adequada ou não estejam atendendo os propósitos dos atletas. Além do mais, os investigados citam que obtiveram esses conhecimentos com o compartilhamento das informações com outros

treinadores em competições, com a tentativa de solucionar problemas advindos da prática diária. Ressalta-se que os treinadores de Bocha, alcançaram esses conhecimentos com a observação e comparação dos equipamentos dos seus atletas, com os de outras equipes em competições e assim, propiciou a reflexão sobre o modo como atua.

O conhecimento sobre os aspectos que envolvem a modalidade, como no caso dos equipamentos, podem ser caracterizados como o conhecimento processual, um tipo de conhecimento que é possível de ser “aplicado” no âmbito da intervenção profissional, para auxiliar na realização das tarefas advindas da prática diária (ABRAHAM; COLLINS, 1998; CASSIDY; JONES; POTRAC, 2009). Segundo Ramos (2008), o autor destaca que o conhecimento processual, recorda as memórias, fatos ou episódios que ocorreram em outro momento específico, mas que ao relembrar, podem contribuir auxiliando nas tarefas do treino. O autor ainda evidencia que a experiência é aspecto crucial para adquirir esse tipo de conhecimento, pois amplia o repertório de ações, mas que para que isso ocorra, necessita ocorrer uma mudança na visão ou percepção dos treinadores sobre esse conhecimento, para que ocorra mudanças significativas sobre seu modo de agir.

Na pesquisa de Giacomini et al. (2011), realizada com atletas de futebol em diferentes escalões, objetivou-se verificar a associação entre o conhecimento tático processual, convergente e divergente, bem como, as associações entre o conhecimento tático processual e declarativo. Nesta pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos de caráter quantitativo. Os resultados evidenciam que ocorreu um alto nível de correlação entre ambos os tipos de conhecimentos. Enfatiza-se ainda, que a experiência com o processo de ensino-aprendizagem-treino, pode propiciar aos atletas a capacidade de resultar em procedimentos de tomadas de decisões criativas e inteligentes, bem como, transferir o conhecimento declarativo para o processual, resultando na aplicação das habilidades da prática do treino para a utilização no campo competitivo.

Na pesquisa de Morales e Greco (2007), com atletas de basquetebol das categorias mirins, apresentou como objetivo principal observar e descrever o processo de ensino-aprendizagem-treino e analisar a influência no nível de desempenho do conhecimento tático processual. Utilizando procedimentos metodológicos de ordem quantitativa. Os resultados emergem que ao introduzir diferentes metodologias de ensino e treinamento nos atletas de basquetebol, provoca nestes, o desenvolvimento do conhecimento tático processual no basquetebol. Além disso, com a introdução dessas metodologias, permitiu a aproximação dos atletas com a modalidade e assim,

proporcionar nestes a visualização do desenvolvimento da performance esportiva.

Assim, na pesquisa de Brasil (2015), citada anteriormente, os conhecimentos sobre os equipamentos, são mencionados como um conhecimento específico da modalidade, por necessitar conhecer ainda, o contexto e o praticante. Isso ocorre pelo fato da prática do *surf*, conter um ambiente favorável de risco, característico da intervenção, exigindo do treinador um conhecimento sobre o contexto de prática, para manter os praticantes em um ambiente favorável para a aprendizagem. Além do mais, os treinadores investigados nessa pesquisa, sugerem conhecer os tipos de equipamentos, sua composição, durabilidade e funcionalidade, para que, quando combinados consigam atingir um determinado “estilo do *surf*”.

As evidências científicas têm mostrado, que quando relacionado as fontes de conhecimento com o compartilhamento de informações com outros treinadores, ocasiona nesses profissionais, um tipo de aprendizagem em que o próprio treinador busca, para sanar suas necessidades provenientes da intervenção (CUNHA; ESTRIGA; BATISTA, 2014). Já a observação, é vista como um tipo de aprendizagem situada, ligada também aos interesses e objetivos dos treinadores em deter de tal conhecimento como forma de extinguir as necessidades do próprio treinador (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; SFARD, 1998). Neste caso, essas fontes de conhecimentos podem ser consideradas, respectivamente, como ocorridas no contexto informal, com um tipo de situação de aprendizagem não mediada (CUSHION; NELSON, 2013; WERTHNER; TRUDEL, 2006).

Essas informações vão ao encontro do estudo de Ramos, Brasil e Goda (2012) com 11 treinadores de *surf*, no intuito de descrever a percepção dos treinadores sobre sua aprendizagem profissional no *surf* e interpretá-las em conformidade com a literatura especializada. Foi utilizada métodos de pesquisa qualitativa, com estudos de casos múltiplos. Com isso, os resultados apontaram que dentre as oportunidades para adquirir os conhecimentos necessários para a intervenção profissional, as experiências como atleta e treinador, o compartilhamento de informações, as observações, bem como, outras oportunidades de aprendizagem foram vistas pelos investigados, como as principais fontes para a busca de conhecimento.

Nesse sentido, observa-se que assim como no caso do *surf*, os conhecimentos sobre os equipamentos de prática da Bocha Paralímpica, são considerados conhecimentos específicos da modalidade, por abranger questões particulares, que incluem desde a construção,

montagem e utilização desses equipamentos. Observa-se também, que assim como os treinadores de *surf*, os treinadores de Bocha, apreciam maior importância ao que tange os conhecimentos que envolvem as características dos equipamentos.

Isso ocorre, devido à variedade de materiais e sobretudo, a preocupação dos treinadores com a falta de alguém ou de alguma empresa específica que forneça esses equipamentos prontos para uso, o que não sucede em alguns equipamentos, como por exemplo, no caso dos atletas pertencentes a classe BC3 (atletas que apresentam maior comprometimento motor). Neste caso, cada treinador é responsável por conhecer qual equipamento é o mais adequado para o seu atleta, o que transfere grande responsabilidade ao treinador, pois este é o encarregado de assegurar ao praticante grande parte da eficácia para o desempenho paradesportivo.

Cabe lembrar, que esses conhecimentos são adquiridos a partir de um conhecimento dito processual, ou seja, um conhecimento de cunho prático e que é necessário para o desenvolvimento da prática profissional do treinador de Bocha Paralímpica. Ressalta-se neste estudo, que as fontes de conhecimentos se aproximam das encontradas no estudo de Ramos, Brasil e Goda (2012). A observação no caso dos atletas da classe BC3 é primordial para a construção dos equipamentos, pois a calha (equipamento exclusivo dessa classe) não é encontrada pronta, o que necessita da observação dos equipamentos de outros atletas, para assim, conseguir atingir o equipamento mais próximo do necessário para o seu atleta. Além disso, para a construção da calha, é fundamental o auxílio de profissionais de outras áreas, que na maioria das vezes necessita de um serralheiro e de um marceneiro.

No **conhecimento sobre a medicação dos atletas**, os treinadores investigados destacaram a importância desta temática para a eficácia da intervenção profissional, envolvendo principalmente as questões relacionadas com os tipos e efeitos dos medicamentos e de mesma maneira o *doping* esportivo. Neste caso, a falta desses conhecimentos pode acarretar nos atletas prejuízos no desempenho esportivo, quando negligenciados, por não compreenderem quais alterações podem ocorrer nos organismos, com as interações medicamentosas. Acredita-se que tendo conhecimentos sobre esses aspectos, evita-se, qualquer tipo de risco à integridade destes atletas. Ainda, cabe destacar que os conhecimentos sobre os medicamentos, foram alcançadas principalmente no envolvimento contínuo com os atletas, pois assim, é possível que os treinadores possuam informações sobre as rotinas de ingestão desses medicamentos quando se faz o uso.

Para as pessoas com deficiência, o uso dos medicamentos é algo a expor maior atenção, devido a prevalência das pessoas com deficiência que utilizam essas substâncias. A falta desse conhecimento reflete em adversidades, ocasionadas pela falta do medicamento, na qual pode agravar ou prejudicar a qualidade de vida, o desempenho e principalmente a saúde dessas pessoas com deficiências (CASTRO et al., 2010). Deste modo, a prevalência do uso de medicamentos por pessoas com deficiência em decorrência do estado de saúde, pode indicar um consumo maior, comparado as pessoas sem deficiência. Assim sendo, De Rose et al. (2006), relatam que o conhecimento sobre esse aspecto, permite ao treinador e/ou as pessoas envolvidas nesse contexto, a compreensão sobre os benefícios e os prejuízos ocasionados pela utilização dos medicamentos, na qual é necessário ter consciência destes, para não ser apanhado no exame *antidopping*.

Sendo assim, na pesquisa de De Rose et al. (2006), com atletas participantes dos VII Jogos Desportivos Sul-Americanos, o objetivo principal foi descrever a predominância do uso de medicamentos e suplementos alimentares dos atletas que participaram dos controles obrigatórios. Nesse estudo, foram utilizados procedimentos de pesquisas quantitativas para responder ao objetivo proposto. Os resultados apontam que ocorre uso exagerado de medicamentos que diminuem os sintomas relacionados a dor em várias modalidades, associado ao uso de suplementos alimentares, na qual, podem acarretar alterações que resultem em resultados positivos no controle do *dopping*. Neste caso, o real conhecimento sobre o assunto, pode originar aos treinadores, informações que distanciam da possível chance de contaminação dos atletas por substâncias proibidas pelos órgãos responsáveis.

Na investigação de Castro et al. (2010), com pessoas com deficiência, o objetivo geral foi analisar o consumo de medicamentos e os principais grupos terapêuticos de pessoas com deficiências físicas, visuais ou auditivas no consumo de medicamentos. Para isso, utilizou-se procedimentos metodológicos de origem qualitativa, por meio de entrevistas. Os achados constatam que o uso de medicamentos por pessoas com deficiência, no caso desta pesquisa, foi maior quando relacionado com pessoas sem deficiência. Isso ocorre principalmente, devido ao estado de saúde que essas pessoas possuem, sobretudo, na demanda por cuidados para manter os níveis de saúde satisfatórios e assim, contribuir para a melhora na qualidade de vida.

O envolvimento com o ambiente esportivo, desencadeia nos treinadores a reestruturação constante da aprendizagem, por meio das ações cotidianas que envolvem as relações sociais, os diálogos, os

gestos, a construção mútua de conhecimento e dos papéis originários da participação nesse ambiente de prática (WENGER, 1998). Neste caso, assim como no estudo de Ramos et al. (2011), com treinadores de basquetebol, pôde-se relatar que a aprendizagem dos treinadores de Bocha Paralímpica é um processo denominado de auto-aprendizagem, por apresentar um processo de construção individual ou de reformulação das experiências para a busca dos conhecimentos. Por outro lado, essa auto-aprendizagem, parece relacionar-se com a aprendizagem social, na qual, ao ocorrer a observação dos atletas e de outros profissionais engajados no ambiente esportivo, pode ser considerado fator essencial.

Nos aspectos que envolvem a medicação, cabe destacar os achados desta pesquisa. O que ocorre é, em sua grande maioria das modalidades convencionais, não se fazem o uso de medicação como forma de manter propícia a condição de saúde do atleta, pois muitos atletas não apresentam circunstâncias que necessitem realizar o uso de tal. Com isso, é imprescindível os treinadores de Bocha apresentarem conhecimentos sobre este aspecto, uma vez que um único medicamento pode ocasionar danos tanto no desempenho esportivo, quanto na própria saúde do praticante. Nesse sentido, salienta-se principalmente a importância de os treinadores apresentarem conhecimentos sobre os diversos aspectos que envolvem a medicação dos atletas, desde conhecer os medicamentos utilizados, os tipos, efeitos e quais podem ser considerados proibidos no *dopping*.

Observa-se que os **conhecimentos sobre as relações interpessoais**, tem em sua base a familiaridade com outros atores envolvidos no meio paradesportivo. Destaca-se que estes indivíduos, podem ser outros profissionais pertencentes a mesma entidade ou entidades diferentes, mas que auxiliam no trabalho multidisciplinar com a modalidade da Bocha Paralímpica. Salienta-se que as relações com os pais ou responsáveis por esses atletas, muitas vezes são peças fundamentais para alcançar a evolução no treino, já que muitos deles são os próprios auxiliares dos atletas. Os treinadores investigados, destacaram novamente, que a construção dos conhecimentos sobre as relações interpessoais, foram adquiridos a partir das interações com outros treinadores, através do compartilhamento das informações.

Um dos conhecimentos que sustentam a prática do treinador, é caracterizado como o conhecimento interpessoal, na qual são provenientes das interações com outros treinadores, dirigentes, pais e atletas (CÔTÉ; GILBERT, 2009). Assim sendo, a implicação por alcançar essa categoria de conhecimento, compreende o desenvolvimento da comunicação com todos os envolvidos no processo

de desenvolvimento esportivo (MILISTETD et al., 2017; WERTHNER; TRUDEL, 2009). Os autores Côté e Gilbert (2009) incluem ainda, que as relações com outros grupos e atletas, é vista como uma atividade de gestão de pessoas que envolvem questões de liderança, incluindo outros profissionais que integram o cenário esportivo no ambiente de intervenção.

Na perspectiva de Tawse et al. (2012), com treinadores de rugby em cadeira de rodas, na qual, visou explorar as experiências pessoais desses treinadores no desenvolvimento dos seus atletas, utilizando procedimentos metodológicos de ordem qualitativa (entrevista semi-estruturada). Os treinadores evidenciaram a importância das relações interpessoais com outros profissionais e os pais, como sendo indispensáveis para o desenvolvimento do esporte paralímpico, sobretudo, no desenvolvimento dos atletas. Além disso, as interações com os atletas mais antigos, proporcionou aos treinadores condições determinantes, tanto dentro, quanto fora das quadras, para a inclusão de novos atletas.

Na investigação de Cregan, Bloom e Reid (2007), referida anteriormente, os investigados sustentam que as relações com os pais forneceram valiosas informações para os treinadores, relacionadas a medicação e aos padrões alimentares que os atletas contêm, e principalmente, o auxílio com relação ao transporte para os locais de treino. Os autores ainda destacaram, a importância de estudar o impacto das interações entre os treinadores e os pais dos atletas com deficiência, uma vez que os pais basicamente apresentam o suporte básico para o desenvolvimento desses atletas em todas as fases, normalmente, devido ao nível de comprometimento motor elevado que estes possuem, assim como apresentado pelos atletas de Bocha Paralímpica.

Sendo assim, os resultados corroboram com o estudo de Ramos, Brasil e Goda (2012), na qual descreveram a percepção dos treinadores sobre sua aprendizagem profissional no *surf* e interpretaram em conformidade com a literatura especializada. Os autores utilizaram processos metodológicos de caráter qualitativos. Esses resultados apontaram que as fontes de conhecimentos mais utilizadas por esses treinadores, decorreram do compartilhamento de informações entre seus pares, a partir do engajamento espontâneo destes profissionais com o ambiente de prática do *surf*. Segundo os autores, esse compartilhamento de informações ocorrera em diferentes locais como na prática esportiva, nos encontros das associações e em eventos públicos.

Com efeito, fica evidente que as relações pessoais na esfera da Bocha Paralímpica, é um ponto a se destacar, pois diferentemente das

modalidades convencionais, os treinadores dessa modalidade em questão, muitas vezes se amparam em outras pessoas, como forma de buscar auxílio para desenvolver o trabalho com o atleta. É importante destacar também, a função dos pais ou dos responsáveis nesse processo, pois esse entrosamento é diferente das modalidades convencionais, devido ao apoio que os pais dão aos treinadores, sobretudo, nas informações que envolvem os atletas.

Isso ocorre, em decorrência da deficiência não apresentar “manual de instruções” para compreender como intervir com os atletas com deficiência, uma vez que, cada atleta possui um nível diferente de comprometimento motor, o que dificulta ter esse entendimento, e com isso, as pessoas mais próximas dos atletas se tornam imprescindíveis na transferência de informações específicas. Salienta-se que muitas vezes ocorre a aproximação dos pais/responsáveis, atletas e treinadores criando um vínculo não somente de profissionalismo, mas de amizade, que facilita a compreensão dos diferentes papéis dentro da Bocha Paralímpica.

Sobre os **conhecimentos teóricos**, observa-se que os treinadores investigados, apresentam uma vertente ampla e não selecionam apenas um tipo de conhecimento necessário para a intervenção. Neste caso, os conhecimentos citados, em sua grande maioria expressam os conhecimentos das ciências dos esportes, destacando-se o treinamento esportivo, a iniciação esportiva, a biomecânica e a didática. Por outro lado, os treinadores citaram a matemática e a física, principalmente quando relacionam com a construção dos equipamentos, sendo que foi observado que esses conhecimentos teóricos, até o momento não foram citados em estudos com outras modalidades. Os treinadores citaram que os conhecimentos teóricos foram alcançados principalmente com os cursos de graduação, em associação com os cursos de pós-graduação.

Os conhecimentos científicos ou teóricos, na perspectiva de Abraham, Collins e Martindale (2006) e Côté e Gilbert (2009), recebem o título de “ologias”, representando os componentes básicos das ciências dos esportes, designadamente tratados por fisiologia, biomecânica, psicologia do esporte e a pedagogia. Por outro lado, Mesquita (2000) ainda ressalta que esses conhecimentos são identificados como os utilizados para a organização do processo de ensino-aprendizagem do treino e para posterior aplicação com os praticantes, com o qual implica em: planejar (objetivos e triagem dos conteúdos); realizar (atividades de ensino, gestão, comunicação); avaliar (análises dos resultados alcançados e “controle”) e ordenar a instrução (análise da situação/tomada de decisão/ aplicação).

Os autores Taylor et al. (2015), mencionados previamente, ressaltaram a importância da aquisição de base teórica das ciências dos esportes. Contudo, os treinadores alegaram a importância de refletir com cada atleta, em cada sessão de treinamento, sobre tais conhecimentos. De mesmo modo, os resultados vistos, vão ao encontro da pesquisa de Barros (2016) com treinadores de GA. Nesta pesquisa, os treinadores de GA informaram a importância de se obter as noções teóricas para alcançar os conhecimentos expressivos para se tornarem treinadores de GA, sobretudo, os conhecimentos ligados ao desenvolvimento do corpo humano e do treinamento esportivo.

Na pesquisa de Brasil (2015), evidenciada anteriormente com formadores de *surf*, os resultados não encontraram uma razão específica para a utilização dos conhecimentos sobre as ciências dos esportes. Contudo, o autor cita que esses conhecimentos podem ter sido utilizados como de “apoio” aos treinadores, no momento de repassar as informações aos praticantes, através da utilização de uma linguagem apropriada, a partir dos termos estudados na graduação, podendo assim, transmitir o conteúdo aos praticantes com mais convicção.

Relacionados as fontes de conhecimentos, os resultados confirmam as indagações de Barros et al. (2017), com efeito, os treinadores estudados, evidenciaram que as experiências no contexto da graduação, favoreceram a aquisição de conhecimentos gerais, destinados a intervenção profissional dos treinadores. Os conhecimentos científicos aprendidos na graduação, não são utilizados exclusivamente no ambiente da GA, mas servem de base, para serem empregados nas práticas diárias do treino, quando associado as experiências de práticas pessoais.

Em síntese, os conhecimentos teóricos verificados nessa pesquisa, se aproximam dos encontrados em outros estudos, realizados com treinadores das modalidades de GA e do *surf* (BARROS, 2016; BRASIL, 2015). Esses conhecimentos, são adquiridos especialmente nos cursos formais (formação inicial e pós-graduações) e servem de base para essas modalidades, assim como para a modalidade da Bocha Paralímpica, pois podem ser aplicados tanto no desenvolvimento da profissão do treinador dos esportes convencionais, como do paraportista. O que aparentemente difere de outros estudos, é a inserção dos conhecimentos sobre a matemática e a física, na qual estes conhecimentos não estão relacionados com os conhecimentos ditos das “ciências do esporte”, citados pela literatura especializada.

Em síntese, os conhecimentos mencionados pelos treinadores de Bocha Paralímpica necessários para a intervenção profissional, retratam

o que a literatura tem estudado sobre os conhecimentos declarativos e os conhecimentos processuais dos treinadores esportivos (ABRAHAM; COLLINS, 1998; RAMOS; NASCIMENTO; GRAÇA, 2008). Neste caso, o conhecimento declarativo provém das informações derivadas dos conhecimentos específicos dos esportes, sobre a pedagogia e a acerca das ciências dos esportes. No caso dos treinadores de Bocha Paralímpica, inclui os conhecimentos sobre os atletas, sobre os equipamentos de prática e sobre a medicação dos atletas.

Embora, os conhecimentos científicos muitas vezes não sejam passíveis de observação, devido à complexidade que a modalidade investigada apresenta, a literatura exprime consenso sobre a importância destes, para a intervenção profissional dos treinadores (BARROS, 2016; BRASIL, 2015; TAYLOR et al., 2015), sejam estes, profissionais dos esportes paralímpicos ou dos esportes convencionais. Os conhecimentos sobre as ciências dos esportes, muitas vezes podem ser utilizados de forma oculta, como os relacionados a biomecânica, que são utilizados de maneira a adaptar os equipamentos conforme as capacidades dos atletas, devido aos graus de comprometimento motor que estes apresentam. Já os relacionados aos processos fisiológicos do corpo são pertinentes aos aspectos que envolvem o uso da medicação, na qual os treinadores necessitam ter consciência dos prejuízos que estes podem causar no desempenho paradessportivo dos atletas.

Os conhecimentos pedagógicos podem ser utilizados como meios de buscar alternativas para ensinar a modalidade quando os atletas não estão obtendo sucesso na prática. Por outro lado, os aspectos psicológicos se tornam importantes possibilidades para diagnosticar e compreender as dificuldades e aproximar os treinadores dos atletas, para assim, alcançar como fator fundamental a confiança entre ambos, com o objetivo de desenvolver o atleta em diferentes caminhos, sobretudo, na prática da modalidade.

Para tanto, a complexidade e o entusiasmo envolvidos no contexto da Bocha Paralímpica, reforçam o caráter adaptativo da intervenção que o treinador dessa modalidade carecer de ter. Além do mais, estes profissionais necessitam principalmente ter o engajamento pessoal com a modalidade, com os atletas, com os outros profissionais que possam estar envolvidos e com os pais, já que não existe muitas informações de como auxiliar a intervenção desse esporte paralímpico. No caso particular das investigações com treinadores paralímpicos, bem como, a modalidade estudada de Bocha Paralímpica, a principal dificuldade desses treinadores, geralmente será por não terem a deficiência, na qual dificulta ao treinador entender quais as

possibilidades e as dificuldades que cada atleta apresenta, uma vez que nenhuma deficiência exhibe os mesmos graus de comprometimento motor.

Desse modo, a apreciação dos resultados sobre estes conhecimentos, provêm da implicação de auxiliar os futuros treinadores de Bocha Paralímpica na busca pelos conhecimentos necessários a intervenção profissional, além de instigar futuras investigações na área do treinador. Portanto, a intervenção deste profissional é marcada pela compreensão detalhada de todos os elementos que envolvem a modalidade da Bocha Paralímpica. Logo, o conhecimento especializado do treinador e da capacidade pessoal de se manter motivado no ambiente de prática, muitas vezes é necessário para manter o equilíbrio entre o que é fundamental para o aprendizado do atleta e o que no momento é passível de execução.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito geral dessa dissertação foi analisar a percepção dos treinadores de Bocha Paralímpica, acerca dos conhecimentos necessários para a intervenção profissional. Acredita-se que os resultados desta investigação, com o resumo das informações obtidas, podem remeter a possíveis respostas e temas que caracterizem parte do contexto de intervenção, formação e desenvolvimento dos treinadores de Bocha Paralímpica do estado de Santa Catarina. Assim sendo, concluiu-se que:

Ao recorrer as percepções dos treinadores sobre os conhecimentos necessários para a intervenção da Bocha, emergem uma gama conhecimentos que sustentam essa atuação. Esses conhecimentos são voltados para a valorização dos conhecimentos específicos sobre a modalidade da Bocha Paralímpica, com ênfase principalmente, sobre os aspectos relacionados aos atletas.

O enaltecimento aos atletas diferencia os treinadores de Bocha, dos treinadores de outras modalidades convencionais, pois demonstra o comprometimento desses profissionais, na intenção de colocar os atletas sempre em primeiro lugar.

Os conhecimentos sobre os atletas enaltecem a capacidade de comunicação e de ter proximidade com outros atores envolvidos no cenário esportivo da modalidade, devido ao comprometimento motor desses atletas advindos da deficiência, uma vez que a modalidade em questão apresenta insuficiência nos materiais disponíveis, para auxiliar os treinadores durante a intervenção.

Embora, reconhecidas às particularidades da atuação do treinador de Bocha Paralímpica, pode-se verificar uma considerável semelhança entre os conhecimentos de base do treinador esportivo, indicado pela literatura, e as informações concedidas pelos treinadores investigados.

Há uma maior valorização por parte dos treinadores para as situações de aprendizagens ocorridas, principalmente, no contexto informal, caracterizado preferencialmente, a partir das situações ocorridas no dia-a-dia do treino e competições, com o compartilhamento das informações com outros treinadores e profissionais envolvidos no ambiente da Bocha Paralímpica, bem como, a observação.

Além disso, alia-se a essas ocasiões, a reflexão da própria intervenção, como maneira de contribuir para a construção de um repertório de “modelos de intervenção”, uma vez que os treinadores investigados, apresentam em grande maioria a experiência como atleta,

mas não como atleta de Bocha, o que dificulta a adaptação das próprias experiências para o contexto de atuação.

Cabe ressaltar, que as conversas com os pais/responsáveis, e principalmente o engajamento com os próprios atletas, facilitaram para o aperfeiçoamento e elaboração do trabalho do treinador, baseado sempre nas expectativas de cada atleta.

As limitações do presente estudo, se baseiam principalmente nos procedimentos metodológicos, pela ausência do acompanhamento das rotinas dos treinadores investigados no treinamento da Bocha Paralímpica, a partir do uso de observações sistemáticas. Isso reflete, pois não foi possível relacionar as suas falas, com as rotinas do treino. Assim, essa investigação limitou-se em compreender somente a percepção dos treinadores para os conhecimentos necessários a intervenção.

Acredita-se que essa investigação pode contribuir no direcionamento de situações de aprendizagens, a partir das entidades formativas, conseqüentemente, melhoria nos aspectos para o desenvolvimento do treinamento. Isso se torna necessário, uma vez que, verifica-se a escassez de situações de aprendizagens e principalmente de materiais que auxiliem esses treinadores, como forma de servir de base para dominar os conhecimentos necessários para a intervenção.

Nesse sentido, recomenda-se que as futuras investigações contemplem os treinadores de Bocha Paralímpica de outros estados, e principalmente de outras modalidades paralímpicas, com a intenção de alcançar uma gama de informações que possam construir para a construção de um modelo de conhecimentos dos treinadores de esportes paralímpicos. Mas que, por fim, pode-se concluir que se trata de um processo individual de construção de conhecimentos, logo, contempla diferentes contextos, episódios, reflexões, crenças, valores e principalmente, o comprometimento do treinador para a busca de um conjunto de conhecimentos fundamentais a intervenção dos treinadores de Bocha Paralímpica.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A.; COLLINS, D. Examining and extending research in coach development. *Quest*, Champaign, v. 50, p. 59-79, 1998.

_____; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. *Journal of Sports Sciences*, London, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.

ARAÚJO, P. F. Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. 1997. 42 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

ARMOUR, K. M. The learning coach...the learning approach: professional development for sports coach professionals. In: LYLE, J; CUSHION, C. (Orgs.). *Sports coaching: Professionalization and practice*, London: Elsevier, 2010, p. 153-164.

ARROXELAS, R. D. Análise cinemática do arremesso da bocha adaptada e sua relação com a realidade virtual. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1648>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, T. E. S. Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística. 2016. 198 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2016.

BARROS, T. E. S.; RAMOS, V.; BRASIL, V. Z.; SOUZA, J. R.; KUHN, F.; COSTA, A. R. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. *Goiânia: Pensar a Prática*, v. 20, n. 3, p. 446-460, 2017.

BISFED - BOCCIA INTERNATIONAL SPORTS FEDERATION. Classification Rules. 2017. Disponível em: <<http://www.bisfed.com/wp-content/uploads/2014>

/02/Boccia-Classification-Rules-3rd-Edition-2017.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

_____. BISFed International Boccia Rules – 2017 (v.2) – Versão Português. 2017. Disponível em: < http://www.bisfed.com/wpcontent/uploads/2014/01/PORTUGUESE_BRA-v2.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2018.

BÔAS, M. S. V. Comparação dos indicadores psicofisiológicos do estresse entre atletas de basquete adaptado e de basquete convencional em situação competitiva. 2013. 82 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36031>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

BORGES, M. Valorização, auto-percepção e necessidades de formação acerca dos conhecimentos e competências do treinador desportivo: estudo aplicado em treinadores de andebol em Portugal. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

BRASIL, V. Z. O conhecimento profissional do treinador de surf. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____; RAMOS, V.; BARROS, T. E. S.; GODTSFRIEDT, J.; NASCIMENTO, J. V. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. Revista Movimento, v. 21, n. 3., p. 815-829, jul./ set. 2015.

_____; RAMOS, V.; NASCIMENTO, J. V. Propostas conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador esportivo de jovens. Journal of Physical Education, v. 26, n. 3, p. 483-493, 2015.

BRASIL. Conselho Federal de Educação Física. Resolução CONFED nº 45, 18 de fevereiro de 2002.

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão de

literatura. Revista Motriz, Rio Claro, v. 7, n. 2, p.115-123, jul./dez. 2001.

CALEGARI, D. R. Adaptação do handebol para a prática em cadeira de rodas. 2010. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000787594>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 4, n. 3, p. 420-438, 2012.

CAMPEÃO, M. S. O esporte paraolímpico como instrumento para a moralidade das práticas em saúde pública envolvendo pessoas com deficiência: uma abordagem a partir da bioética da proteção. 2011. 176 p. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/17958/1/1080.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2017.

_____. Proposta de ensino de bocha para pessoas com Paralisia cerebral. 2002. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275475/1/Campeao_MarciadaSilva_M.pdf> Acesso em: 03 de mar. 2017.

_____; OLIVEIRA, R. G. Bocha paraolímpica: Manual de Orientação para Professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, v. 1, 42 p., 2006.

CASSIDY, T.; JONES, R.; POTRAC, P. Understanding sports coaching: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice. 2 ed. New York: Routledge, 2009.

_____. Understanding sports coaching: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice. London: Routledge Abingdon, 2004.

CASTRO, S. S.; PELICIONI, A. F.; CESAR, C. L. G.; CARANDINAI, L.; BARROS, M. B. A.; ALVES, M. C. G. P.; GOLDBAUM, M. Uso de medicamentos por pessoas com deficiências em áreas do estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 4, p. 601-610, 2010.

COSTA, G. R. Esporte e (inclusão de) pessoas com deficiência física: Manual sobre as modalidades inclusivas. 2013. 122p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, 2013. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecsma/arquivos/2013/24.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science and Coaching*, London, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

_____; SALMELA, J.; TRUDEL, P.; BARIA, A.; RUSSEL, S. The coaching model: a grounded assessment of expert gymnastic coach knowledge. *Journal of sport and exercise psychology*, Champaign, v. 17, n. 1, p. 1-17, 1995.

CREGAN, K.; BLOOM, G.A.; REID, G. Career evolution and knowledge of elite coaches of swimmers with a physical disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, n. 78, p. 339-350, 2007.

CULVER, D.; GILBERT, W.; SPARKES, A. Qualitative Research in Sport Psychology Journals: The Next Decade 2000-2009 and Beyond. *The Sport Psychologist*, v. 26, p. 261-281, 2012.

CUNHA, A. F. V. P.; ESTRIGA, M. L. D.; BATISTA, P. M. F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. *Revista Movimento*, v. 20, n. 3, p. 917-940, 2014.

CUNHA, G. B. Análise da auto-percepção dos treinadores de futebol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação. 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2008.

CUSHION J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *Quest*, Champaign, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

_____; ARMOUR, K.; JONES, R. Locating the coaching process in practice: models 'for' and 'of' Coaching. *Physical Education and Sport Pedagogy*, Abingdon, v. 11, p. 83-99, 2006.

_____. Mentoring: Harnessing the power of expertise. In: JONES, Robyn. *The sports coach as educator: re-conceptualizing sports coaching*. London: Routledge, 2006, p. 128-144.

CUSHION, C.; NELSON, L. Coach education and learning: developing the field. In: POTRAC, Paul; GILBERT, Wade; DENISON, Jim. *Routledge handbook of sports coaching*. London: Routledge, p. 359-374, 2013.

_____; NELSON, L.; ARMOUR, K.; LYLE, J.; JONES, R.; SANDFORD, R.; O'CALLAGHAN, C. *Coach learning and development: A review of literature*. Leeds: Sports Coach UK, 2010.

DE ROSE, E. H.; FEDER, M. G.; PEDROSO, P. R.; GUIMARÃES, A. Z. Uso referido de medicamentos e suplementos alimentares nos atletas selecionados para controle de doping nos Jogos Sul-Americanos. *Rev Bras Med Esporte*, v. 12, n. 5, p. 239-42, 2006.

DEMERS, G.; WOODBURN, A.; SAVARD, C. The development of an undergraduate competency-based coach education program. *The Sport Psychologist*, v. 20, p. 162-173, 2006.

DENISON, J. *Routledge hand-book of sports coaching*. London: Routledge, 2013, p. 375-387.

DEPAUW, K. P.; GAVRON, S. J. *Disability sport*. Champaign IL: Human Kinetics, 2 ed., 2005.

_____. *Coaches of athletes with disabilities*. *The Physical Educator*. Desafio Singular - Unipessoal, Lda Vila Real, Portugal, p. 33-40, 1991.

DUARTE, T.; CULVER, D. M. Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective, *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 26, n. 4, 441-456, 2014.

FARIA JÚNIOR, A. G. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: FARIA JÚNIOR, A. G.; FARINATTI, P. T. Pesquisa e produção de conhecimento em educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

GAYA, A. C. A. As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica. 1994. 190 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1994.

GIACOMINI, D. S.; SOARES, V. O.; SANTOS, H. F.; MATIAS, C. J.; GRECO, P. J. O conhecimento tático declarativo e processual em jogadores de futebol de diferentes escalões. *Motricidade*, v. 7, n. 1, p. 43-53, 2011.

GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Analysis of coaching science research published from 1970-2001. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 75, p. 388-399, 2004.

_____; CÔTÉ, J. Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. *Routledge handbook of sports coaching*. London: Routledge, 2013, p. 5-15.

_____; CÔTÉ, J.; MALLET, C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. *International Journal of Sport Science and Coaching*, Leeds, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2006.

GOODWIN, D. L.; JOHNSTON, K.; GUSTAFSON, P.; ELLIOTT, M.; THURMEIER, R.; KUTTAI, H. Its okay to be a quad: wheelchair rugby players sense of community. *Adapted physical activity quarterly*, Champaign, v. 26, n. 2, p. 102-117, 2009.

GRAÇA, A. Conhecimento do professor de educação física. In: BENTO, J. O.;

GARCIA, R.; GRAÇA, A. (Eds.). *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p.167-252.

HERBST, D. M.; MASCARENHAS, L. P.; SLONSKI, E. C. A história do bocha paralímpico no Brasil e sua evolução como esporte de alto rendimento. *Fiep Bulletin*, v.8, special edition, article I, 2013.

IBÁÑEZ, S. J.; FEU, S.; ANTÚNEZ, A.; CAÑADAS, M. Avances y desafíos en la formación de los entrenadores de deportes colectivos. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F (Org). *Jogos desportivos: formação e investigação*. Florianópolis: UDESC, 2013. p.319-343.

ILLERIS, K. Uma compreensão abrangente sobre a aprendizagem humana. In: ILLERIS, K. (Org.). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 15-30.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE). *International Sport Coaching Framework*. Version. Champaign: Human Kinetics, v.1, n. 2, 2013.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (Alemanha) (Org.). *IPC Historical Results Archive*. 2017. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/results/historical>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

INSTITUTE FOR HUMAN AND MACHINE COGNITION (IHMC). *Cmap Tools software*. Florida: IHMC; 2017. Disponível em: <<https://cmap.ihmc.us/products/>> Acesso em: 17 nov. 2017.

JARVIS, P. *Democracy, lifelong learning and the learning society: Active citizenship in a late modern age*. Abingdon: Routledge, 2008.

_____. *Globalisation, lifelong learning and the learning society: sociological perspectives, lifelong learning and the learning society*. Abingdon: Routledge, 2007.

_____. *Towards a Comprehensive Theory of Human Learning*. London: Routledge, 2006.

JERÔNIMO, J. P. *Esporte como elemento facilitador da inclusão de pessoas com paralisia cerebral severa: contribuições para a formação de professores de educação física*. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Universidade de Uberaba, Uberaba, 2006.

_____; CARMAGO, A. M. F.; CAMPOS, L. A. S.; NETO, O. B. Bocha e paralisia cerebral severa: possibilidade de inclusão social. Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 8, n. 3, p. 59-64, 2009.

JONES, J. The Sport coach as educator: re-conceptualizing sport coaching. London: Routledge, 2006.

JONES, R. Coaching redefined: an everyday pedagogical endeavour. Sport, Education and Society, v. 12, n. 2, p.159-173, 2007.

_____; ARMOUR, K.; POTRAC, P. Sports Coaching Cultures: From Practice To Theory. London: Routledge, 2004.

KORO-LJUNGBERG, M. Validity, responsibility, and aporia. Qualitative Inquiry, v. 16, n. 8, p. 603-610, 2010.

KVALE, S.; BRINKMANN, S. Interviews: Learning the craft of qualitative research. California, US: SAGE, 2009.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008, 326 p.

LEGG, D.; STEADWARD, R. The Paralympic Games and 60 years of change (1948-2008): Unification and restructuring from a disability and medical model to sport based competition. Sport in Society, 14, p. 1099-1115, 2011.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. The Sport Psychologist, v. 21, p. 191-209, 2007.

LIMA, T. Sabes treinar, Aprende-se! Coleção treino desportivo. Ministério da Juventude e do Desporto - Centro de Estudos de Formação Desportiva, 2000.

LUZ, L. M. R. A NATAÇÃO, O CEGO E O DEFICIENTE VISUAL: A inclusão e suas implicações no desporto de rendimento. 2003. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: http://esportes.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/309/a-natacao-o-cego-e-o-deficiente-visual.pdf> Acesso em: 17 de maio 2017.

LYLE, J. Coaches' decision making: a naturalistic decision making analysis. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Ed.). Sports coaching: professionalisation and practice. London: Elsevier, 2010, p. 27-42.

_____. Sports coaching concepts: a framework for coaches' behaviour. Routledge: London, 2002.

MALLET, C.; RYNNE, S.; DICKENS, S. Developing high performance coaching craft through work and study. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. Routledge hand-book of sports coaching. London: Routledge, 2013, p. 375-387.

_____; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S. Formal vs. informal coach education. International Journal of Sports Science and Coaching, Leeds, v. 4, n. 3, p. 325-334, 2009.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. Pesquisa e educação especial: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. Ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010.

MCMMASTER, S.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Coaches of athletes with a disability: A look at their learning experiences. Qualitative Research in Sport, Exercise and Health, n. 4, p. 226-243, 2012.

MESQUITA, I. A pedagogia do Treino - a formação em jogos desportivos colectivos. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000, 96 p.

_____. Contributo para a mudança de paradigma na formação de treinadores: razões, contextos e finalidades. In: BENTO, J. O.; TANI, G.; PRISTA, A. Desporto e Educação Física em português, Porto: Universidade do Porto, 2010, p. 84-99.

_____. O papel das comunidades de prática na formação da identidade profissional do treinador de desporto. In: NASCIMENTO, J. V. do; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). Jogos desportivos: formação e investigação. Florianópolis: UDESC, 2013, p. 295-317.

_____; ISIDRO, S.; ROSADO, A. Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their Professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, v. 9, p. 480-489, 2010.

_____; JONES, R.; FONSECA, J.; SILVA, L. M. Nova abordagem na formação de treinadores: o que mudou e porquê? A atuação em esporte e seus desafios à formação profissional. In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. (Org.). *Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação à intervenção*. Florianópolis: UDESC, 2012, p. 41-60.

MILISTETD, M. *A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: análise das estratégias de formação inicial em Educação Física*. 2015. 117 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____; DUARTE, T.; RAMOS, V.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V. *A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física*. *Pensar a Prática*, v. 18, n. 4, 2015.

_____; GALATTI, L. R.; COLLET, C.; TOZETTO, A. V. B.; NASCIMENTO, J. V. *NASCIMENTO. Desenvolvimento de Treinadores Esportivos na Formação Inicial: Orientações para o Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas como Componente Curricular*. *Journal of Physical Education*, v. 28, 2017.

MOELLER, R. Training program design: An athlete's perspective. In: R. D. Steadward et al. (Eds.), *VISTA '93: the outlook*. Edmonton, AB: The University of Alberta Press, 1993, p. 135-145.

MORALES, J. C. P.; GRECO, P. J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 21, n. 4, p. 291-299, 2007.

MOREIRA, M. A. Mapas conceituais como instrumentos para promover a diferenciação 10 conceitual progressiva e a reconciliação integrativa. *Ciência e Cultura*, v. 32, n. 4, p. 474-479, 1980.

NASCIMENTO, J. V. Formação profissional em Educação Física: contextos de desenvolvimento curricular. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2002.

NASH, C.; COLLINS, D. Tacit Knowledge in Expert Coaching: Science or Art? *Quest*, v. 58, p. 465-477, 2006.

NELSON, L. J.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualisation. *International Journal of Sports Science and Coaching*, v. 1, n. 3, p. 247-259, sep. 2006.

_____; CUSHION, C. J.; POTRAC, P.; GROOM, R. Carl Rogers, learning and educational practice: Critical considerations and applications in sports coaching. *Sport, Education and Society*, v. 1, p. 1-19, 2012.

NOVAK, J. D. Learning, creating, and using knowledge: concept maps as facilitative tools in schools and corporations. New York: Routledge, 2010.

OLIVEIRA, A. C. S. Proposta de sistematização pedagógica e avaliação no Handebol em Cadeira de Rodas. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/Handle/ufscar/3077>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

OLLAIK, L. G.; ZILLER, H. M. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 229-241, 2012.

ONWUEGBUZI, A. J.; LEECH, N. L. Validity and Qualitative Research: An Oxymoron? *Quality & Quantity*, [S.l.], v. 41, p. 233-249, 2007.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência - Contexto Histórico. In: MELLO, M. T. de; OLIVEIRA FILHO, C. W. (Org.). *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 03-14.

PEDRINELLI, V. J.; NABEIRO, M. A prática do esporte pela pessoa com deficiência na perspectiva da inclusão. In: MELLO, M. T.;

OLIVEIRA FILHO, C. W (Org.). Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

PENA, L. G. S. O esporte paralímpico na formação do profissional em educação física: percepção de professores e acadêmicos. 2013. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade do Estado de São Paulo, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275098/1/Pena_LuisGustavodeSouza_M.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

QUADE, K. Training and performance. In: STEADWARD, R.D.; NELSON, E.R.; WHEELER, G.D. (Org.). VISTA '99: the outlook. Edmonton: The University of Alberta Press, 1999, p. 73-76.

QUEIROZ, M. I. P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

RAMOS, V. O treino de basquetebol na formação desportiva de jovens. 2008. 239 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2008.

_____; BRASIL, V. Z.; BARROS, T. E. S.; GODA, C. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. *Pensar a Prática*, v. 17, n. 3, 2014.

_____; BRASIL, V. Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. *Revista de Educação Física/UEM*, Maringá, v. 23, n. 3, p. 431-442, 3. trim. 2012.

_____; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. do. O conhecimento pedagógico do conteúdo: estrutura e implicações à formação em educação física. *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 161-171, 2008.

_____; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V.; SILVA, R. A. Aprendizagem profissional: as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. *Revista Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

- REIS, R. E. Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro. 2014. 121 p. Dissertação (Mestrado) - Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2014.
- RODRIGUES, D. A. Corpo Espaço e Movimento _ A representação espacial do corpo em crianças com paralisia cerebral. Lisboa: Gráfica 2000, Cruz Quebrada, 1999.
- ROSADO, A. Um perfil de competências do treinador desportivo. In: SARMENTO, P.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J. Formação de treinadores desportivos. Rio Maior: Rio Maior Edições, 2000, p. 21-48.
- SAMPAIO, G. B. S. Formação de treinadores de ginástica rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida. 2017. 193 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/>> Acesso em: 17 dez. 2017.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Revista Brasileira de Fisioterapia, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev.2007.
- SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SFARD, Anna. On two metaphors for learning and the dangers of choosing just one. Educational Researcher, Champaign, v. 27, n. 2, p. 4-13, 1998.
- SHULMAN, L. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. Harvard Educational Review, Cambridge, v. 57, p. 1-27, 1987.
- SILVA, S. L. Gestão do conhecimento: uma revisão crítica orientada pela abordagem da criação do conhecimento. Ci. Inf, v. 33, n. 2, 2004, p. 143-151. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a15v33n2>>. Acesso em: 09/05/2017.
- SOLER, M. R. Mentoring: Estrategia de desarrollo de RRHH. Barcelona: Gestion 2000, 2003.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product. New York: Routledge, 2014.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 73-93, 2013.

TAWSE, H.; BLOOM, G. A.; SABISTON, C. M.; REID, G. The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. Qualitative Research in Sport, Exercise and Health, v. 4, p. 206-225, 2012.

TAYLOR, S.; WERTHNER, P.; CULVER, D. A case study of a parasport coach and a life of learning. International Sport Coaching Journal, n. 1, p.127-138, 2014.

_____; WERTHNER, P.; CULVER, D.; CALLARY, B. Reflective Practice: International and Multidisciplinary Perspectives. Reflective Practice, London, v. 16, n. 2, p. 269-284, abr. 2015.

TERRA, A. M. Corpos que dançam na diversidade e na criação. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K., SILVERMAN, S. J. Métodos de pesquisa em atividade física. 6 a ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. (Eds.). The handbook of physical education. London: SAGE, 2006, p. 516-539.

_____; CULVER, D; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: Potrac, P.; Gilbert, W.; Denison, J. (Eds.) Routledge handbook of sports coaching. London: Routledge, 2013, p. 375-387.

ULLRICH, D. R.; OLIVEIRA, J. S. de; BASSO, K.; VISENTINI, M. S. Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas

qualitativas: em direção à reflexividade analítica. *Análise: Revista de Administração da PUCRS*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.19-30, abr. 2012.

VARGAS, L. S. Pessoas com deficiência e esporte adaptado: a questão da inclusão e da inserção social. 2011. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3559>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

VIEIRA, I. B.; CAMPEÃO, M.S. Bocha. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.). *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 83-91.

WEAVER, M.; CHELLADURAI, P. A mentoring model for management in sport and physical education. *Quest*, Illinois, v. 51, p. 24-38, 1999.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A New Theoretical Perspective for Understanding How Coaches Learn to Coach. *The Sport Psychologist*, v. 20, p. 198-212, may. 2006.

_____; TRUDEL, P. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 4, n. 3, 2009.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 12, n. 2, p. 127-144, jun. 2007.

YIN, R. K. *Estudo de caso: Planejamento e Métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS TREINADORES DE BOCHA PARALÍMPICA

PARTE 1 - IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TREINADOR (A) DE BOCHA PARALÍMPICA

Identificação e caracterização do treinador de Bocha Paralímpica

1. Dados de identificação

Qual seu nome completo?

Quando você nasceu?

Idade (pesquisadora preenche depois):

Sexo (pesquisadora preenche depois):

2. Experiência de prática pessoal

Ao longo da sua vida, você teve alguma experiência como atleta? (Qual (is) modalidade (s), quanto tempo)

Você chegou a participar de competições? (Quais competições, quais categorias, nível da competição, quanto tempo)

3. Formação profissional

Qual sua formação? (Graduação, especialização, mestrado, doutorado)

Você participou de algum curso de formação/atualização (curso, oficina, workshop, palestra, seminário) sobre Bocha Paralímpica? Onde? Quando?

Você participou de algum curso, em outras áreas, que contribuiu para seu conhecimento sobre a Bocha Paralímpica? (Se sim, qual (is))

4. Experiência como treinador de Bocha Paralímpica

Há quantos anos você exerce a função de treinador?

Qual (is) modalidade (s) você atuou como treinador?

Há quantos anos você exerce a função de treinador de Bocha Paralímpica?

Você é treinador de atletas para competições? Há quanto tempo você é treinador em competições?

Qual o nível das competições? (Local, regional, nacional, internacional, escolar)

Quais as classes dos atletas que você treinou e/ou treina? Qual classe você encontrou a maior dificuldade? Qual foi a dificuldade?

Você exerce outra profissão, além de treinador de Bocha Paralímpica? Qual?

Você ministrou algum tipo de curso, oficina, workshop, palestra, seminário sobre Bocha Paralímpica? Qual o nome, para quem e quando?

Você elaborou algum material (livro, apostila, cartilha, site, blog) sobre o Bocha Paralímpica? Qual e quando? Divulgou ou foi para própria utilização?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS TREINADORES DE BOCHA PARALÍMPICA

PARTE 2 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA AO TREINADOR DE BOCHA PARALÍMPICA

1. Características do grupo e entidade em que atua

Qual local/instituição em que você atua como treinador atualmente?

Você poderia caracterizar os atletas aos quais você treina Bocha Paralímpica? (Sexo, origem, região do país, número de alunos, tipos de deficiências, gravidade, se o grau de comprometimento é semelhante).

Em sua opinião, quais os deveres e responsabilidades que você deve ter como treinador de Bocha Paralímpica?

3. Os papéis do treinador de Bocha Paralímpica

Você poderia citar as funções/papéis, que você pode exercer em cada um destes locais? (Por exemplo o professor, além de professor é um conselheiro, um amigo, e etc.

Você poderia explicar o que cada um destes papéis representa?

4. Os objetivos do treinador de Bocha Paralímpica

Quais objetivos que você busca para os alunos? (Por que deve ensinar/treinar a Bocha Paralímpica?)

Quais os objetivos pessoais que você como treinador de Bocha Paralímpica, deve ter para exercer a profissão?

5. Os conhecimentos do treinador de Bocha Paralímpica

Qual ou quais os conhecimentos você julga necessário para ensinar/treinar a Bocha Paralímpica? (Sobre a deficiência)

O que o você julga necessário saber sobre seus atletas? (Tipo de deficiência, alimentação, temperatura corporal, dificuldades, potencialidades higiene, comunicação, medicação, doping, sonda)

Sobre a medicação dos atletas, o que o treinador deve saber? (Dopping). Por que você julga que esse conhecimento é importante?

Na sua opinião, quais conhecimentos teóricos são importantes para você ensinar/treinar a Bocha Paralímpica? (por exemplo, fisiologia, biomecânica, anatomia, etc.). Por que você julga que esse conhecimento é importante?

Sobre o contexto/ambiente/realidade da Bocha Paralímpica, o que você deve saber?

Sobre os equipamentos para prática, o que o treinador deve saber? (Calhas, tipos de bolas, ponteira, alongador, cadeira de rodas). Por que você julga que esse conhecimento é importante?

Você cria ou já criou/adaptou algum equipamento? Como adquiriu esse conhecimento para criação/adaptação? (Preço dos equipamentos). Sentiu alguma dificuldade? Qual? Por que você julga que esse conhecimento é importante?

Como você interage com seus atletas? E com os que não gesticulam? Como você identifica que ele compreendeu?

Há outras pessoas (pais/responsáveis/ ou assistentes) que influenciam no seu trabalho como treinador? Que tipo de relação você possui com estes indivíduos?

Há outros profissionais ou indivíduos envolvidos na preparação dos seus atletas? Quais?

6. Fontes de conhecimentos do treinador de Bocha Paralímpica

Onde você acredita que obteve os conhecimentos para ensinar/treinar?
(Curso específico para treinadores, classificação funcional, arbitragem e etc...).

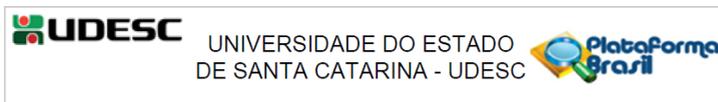
Quais conhecimentos você adquiriu em cada fonte?

Em que situações você utiliza estes conhecimentos?

Como você acredita que aprende melhor?

O que você faz para manter ou melhorar seus conhecimentos para o treino?

ANEXO B - Folha de Aprovação de Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**Título da Pesquisa:** Conhecimento Profissional dos Treinadores de Bocha Adaptada**Pesquisador:** VALMOR RAMOS**Área Temática:****Versão:** 3**CAAE:** 71696517.4.0000.0118**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 2.339.580**Apresentação do Projeto:**

O projeto "Conhecimento Profissional dos Treinadores de Bocha Adaptada" é um projeto de dissertação de mestrado (aparentemente, pois não há essa informação muito clara. Percebe-se que se trata de uma dissertação ao se ler a justificativa no projeto detalhado, em que ela descreve um pouco da sua trajetória), do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Valmor Ramos. A equipe é composta pelo professor orientador e a mestranda, educadora física Daiane Cardoso da Silva. Seus nomes estão no Projeto Básico e no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pendências foram todas acatadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

DOCUMENTOS APRESENTADOS/ANEXADOS: Folha de rosto; projeto detalhado; projeto básico, termo de consentimento livre e esclarecido, declaração de ciência e concordância das instituições, consentimento para fotografias e vídeos.

DOCUMENTOS NÃO APRESENTADOS/ NÃO ANEXADOS E/OU INCOMPLETOS: O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi preenchido segundo o modelo proposto pelo CEPESH.

Recomendações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPESH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEPESH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPESH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPESH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 20 de Outubro de 2017

Assinado por:
Renan Thiago Campestrini
(Coordenador)

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



GABINETE DO REITOR
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO

Prezado(a) treinador(a),

Considerando a Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer de nº 2.339.580/2017, eu, Daiane Cardoso da Silva, tenho o prazer de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada: “**CONHECIMENTO PROFISSIONAL DE TREINADORES DE BOCHA PARALÍMPICA**” sob a orientação do Prof. Dr. Valmor Ramos. Esta investigação tem como objetivo geral, analisar a percepção dos treinadores de Bocha Paralímpica acerca dos conhecimentos necessários para a intervenção profissional. Quanto aos objetivos específicos, buscase a) verificar a percepção dos treinadores sobre os conhecimentos necessários para a intervenção da Bocha Paralímpica; b) identificar as fontes de conhecimento dos treinadores de Bocha Paralímpica.

No estudo utilizar-se-á como instrumento de coleta de dados duas entrevistas, sendo a primeira entrevista estruturada como critério de seleção dos participantes e uma segunda entrevista semiestruturada, caracterizada com duas partes, na primeira parte por questões sociodemográficas, formação profissional, experiência de prática esportiva, experiência como treinador de bocha e na segunda parte, contendo questões para se obter dados sobre os conhecimentos que você julga necessários para o treino da Bocha Paralímpica.

Ressalta-se que os benefícios deste estudo estão relacionados à descrição dos processos de identificação do conhecimento de treinadores de Bocha Paralímpica especialistas no ensino da modalidade. Estes dados fornecerão informações diagnósticas diretas sobre as situações de aprendizagem e os conhecimentos, a respeito do ensino da Bocha Paralímpica, importantes ao currículo dos programas

de formação profissional em Educação Física e esportes (graduação, especialização, atualização).

Os riscos para este estudo são mínimos, pois não se trata de uma avaliação ou mediação do treinador, mas sim uma opinião/percepção pessoal do próprio treinador sobre sua trajetória de vida e os conhecimentos importantes para se treinar a Bocha Paralímpica. Vale destacar que a entrevista será realizada de acordo com a sua conveniência, minimizando sempre a possibilidade de ocorrer algum constrangimento. Além disso, o(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa, além disso, não receberam nenhum tipo de recompensa financeira ou qualquer tipo de incentivo financeiro para que os indivíduos participem da pesquisa. Ainda, sua identidade será resguardada e os dados obtidos nas entrevistas serão guardados em computador pessoal e institucional de acesso somente aos pesquisadores envolvidos no estudo, diminuindo o risco de quebra de sigilo.

Para tanto, ressalta-se que caso ocorra algum dano à sua pessoa em decorrência do não cumprimento de algum dos procedimentos éticos estabelecidos no presente termo, você poderá ser indenizado judicialmente. Esclarecemos ainda, que a sua participação é absolutamente voluntária e fica assegurado o direito de desistir a qualquer momento. A sua recusa em participar não trará quaisquer penalidades ou prejuízos. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados, de maneira geral, em revistas e congressos científicos, visando o compartilhamento de informações acerca dos conhecimentos profissionais dos treinadores de Bocha Paralímpica, porém, a sua privacidade será resguardada, pois cada indivíduo será identificado com uma letra “T” (Treinador) acompanhado de um número, uma vez que quaisquer dados que possam lhe identificar, não serão utilizados na pesquisa. Fica assegurado o seu acesso e acompanhamento, em qualquer etapa do estudo, ou qualquer esclarecimento sobre a pesquisa e seus resultados. Caso haja quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, as consequências poderão ser tratadas nos termos da lei. O projeto de pesquisa não prevê quaisquer despesas em relação à sua participação na mesma, entretanto, caso alguma despesa associada à pesquisa venha a ocorrer, garantimos o ressarcimento integral dos valores gastos, em conformidade com os termos da lei.

A fim de garantir seus direitos como participante da pesquisa, você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada por você, pelo pesquisador principal e pelo pesquisador responsável. Posteriormente a leitura deste documento, caso concorde

em participar da pesquisa, solicito a assinatura do mesmo. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderá ser obtido junto aos pesquisadores pelo contato:

Nome da pesquisadora principal: Prof^a Daiane Cardoso da Silva

Endereço para contato: Rua: Lucas Horário de Souza, 167, Pantanal, Florianópolis.

Fones para contato: CEFID/UDESC: 33218600 – Fone cel.: (48) 996181561

Assinatura do pesquisador: _____

Nome do pesquisador responsável: Prof. Valmor Ramos

Endereço para contato: Rua: Pascoal Simone, 358, Coqueiros.

Fones para contato: CEFID/UDESC: 33218600 – Fone cel.: (48) 9638 9910

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –
CEPSH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail:

cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II –

Brasília – DF- CEP: 70750-521

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa **“Conhecimento Profissional de Treinadores de Bocha Paralímpica”** e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado (a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso: _____

Assinatura: _____ Local: _____

Data: ___/___/___.